



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**MAYARA ARRUDA MARTINS**

**A CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE DÊIXIS COMO PROCESSOS  
REFERENCIAIS**

**FORTALEZA  
2019**

MAYARA ARRUDA MARTINS

A CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE DÊIXIS COMO PROCESSOS  
REFERENCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.  
Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Magalhães Cavalcante.

FORTALEZA  
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M344c Martins, Mayara Arruda.  
A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais / Mayara Arruda Martins. – 2019.  
141 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Mônica Magalhães Cavalcante.

1. Dêixis. 2. Referenciação. 3. Contexto. 4. Enunciação. I. Título.

CDD 410

---

MAYARA ARRUDA MARTINS

A CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE DÊIXIS COMO PROCESSOS  
REFERENCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.  
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mônica Magalhães Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Alena Ciulla  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mariza Angélica Paiva Brito  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Elias Soares  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Abniza Pontes de Barros Leal  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

A todos os “tus” que me sustentaram durante o período do mestrado.

## AGRADECIMENTOS

Sempre acreditei que esta seria a seção mais importante e a mais desafiadora de todas: AGRADECER! Ora porque busco ter o coração sempre grato por todas as coisas e tento demonstrar isso para os que estão ao meu redor, ora porque as palavras nunca são suficientes para dizer tudo o que está no coração, e ainda porque corro o risco de parecer injusta ao selecionar os nomes e os papéis sociais que aqui serão apresentados. Agradeço, portanto, a todos os que foram importantes no meu percurso acadêmico e pessoal e a todos os que me ajudaram a percorrer esse caminho até minha defesa de mestrado. Abaixo, destaco alguns importantes “tus” da minha vida, embora eu saiba que ainda não terei espaço suficiente para apresentar meu “muito obrigada” a todos aqueles por quem gostaria de manifestar gratidão.

A Ti, Papai, meu Deus, pela força sobrenatural em vários momentos, por me agraciar de tantas formas, por me fazer crer que há algo superior a mim, sem o qual eu nada seria.

À senhora, mãezinha, por me acompanhar de onde quer que esteja, fazendo-me sempre lembrar que sou mais forte e determinada do que eu mesma imagino ser e por me amparar em todos os momentos difíceis a que a escolha por estudar me trouxe.

Ao senhor, paizinho, por, mesmo muitas vezes nem entendendo do que se tratava, me incentivar, e me encher de renovação com suas palavras (“Tenho orgulho de você, minha guerreirinha!”) e seu amor diários.

A ti, amor da minha vida, mais que agradeço, dedico este trabalho. Você, Álisson, foi minha base no antes, no durante e sei que continuará sendo no depois. Você foi muito mais que meu esposo, foi meu amigo, meu professor, meu mentor. Você é, não tenho dúvidas, a pessoa que mais acredita em mim nesta vida.

A você, Liara, minha princesinha, meu maior “presente de Deus”, que veio no exato momento em que a UFC chegou a mim. Você, mais do que ninguém, sentiu o peso desses anos de graduação e mestrado. Aprendeu, desde sempre, a conviver com minha ausência. Mas você sabe que você foi e é o maior amor que me move e me leva a percorrer caminhos mais árduos e a conquistar meus maiores sonhos. Eu jamais deixaria você carregar o peso de uma mãe-mulher não-realizada.

A você, Leandro, que sempre me tornou uma pessoa melhor, mais amável, agradeço por sempre ter estado conosco e por ter escolhido fazer parte da nossa família. Você já é nosso filho desde que Deus nos deu você como afilhado.

A cada um de vocês a quem eu chamo minha família, meu maior tesouro e bênção, eu dedico não só este momento, mas tudo o que já aconteceu na minha vida. Eu sei amar porque primeiro eu recebi o amor de vocês. Eu aprendi a lutar e a conquistar meus sonhos porque primeiro vi de perto as lutas diárias e diferentes de cada um de vocês. E porque realizei em mim os sonhos de vocês. Minhas irmãs, meus sobrinhos, meus tios, minhas tias, meus primos, meus cunhados, minha sogra, meu sogro, minha madrinha, é tudo de e por vocês. De vocês, recebi o amor de mãe e de pai em diversos momentos da minha vida. De vocês, recebi o meu maior tesouro ainda em casa: ser alfabetizada e me perder no mundo dos livros. De vocês, recebi o cuidado nos momentos mais difíceis da minha vida. Vocês sempre me sustentaram. Somente por isso, este fim de ciclo se torna possível. Amo vocês!

A você, Mônica, por ser “minha contraparte da enunciação”, muito mais do que agradeço, dedico este trabalho. Mesmo que tenha me faltado, muitas vezes, fôlego para me dedicar a ele como nós merecíamos, ele é muito mais seu do que meu, pois foi como um presente que esta proposta veio para mim, como uma chance de retomar o assunto da sua tese de doutorado. Foi mais uma das inúmeras heranças valiosíssimas que você me dá. Você confiou a mim este tema, e eu o agarrei com toda paixão e dedicação. Por outro lado, você se dedicou à escrita deste trabalho comigo, que também foi árduo e novo para você. Nessa nossa interação, o “eu” e o “tu” se confundem. É a prova maior do caráter intersubjetivo da dêixis. Na verdade, é a prova maior da reciprocidade e do amor que emanam na gente. A ti, Alena, “minha irmã primogênita”, “herdeira primeira” dos estudos da dêixis, agradeço por ter me permitido te conhecer como uma irmã. Muito mais do que te ver como referencial teórico, eu pude ver o teu lado humano, atencioso e disposto a me ajudar desde o início do mestrado. Te agradeço por ter aceitado escrever comigo meu primeiro artigo, por ter aceitado enviar as sugestões da minha qualificação do projeto de dissertação e por ter aceitado o convite de participar deste momento final da defesa da dissertação, se fazendo presente fisicamente aqui na UFC, tua casa também.

A você, Mariza, o “tu” sempre presente nos meus estudos e na minha vida, agradeço por todo carinho, por todas as sugestões e por toda confiança. Agradeço por ter aceitado compor formalmente minha banca de defesa de dissertação, mesmo eu sabendo que, ainda se assim não o fosse, você estaria mais uma vez torcendo por mim e se fazendo presente. Obrigada por sempre segurar as pontas e fazer as coisas “impossíveis” acontecerem.

À senhora, professora Maria Elias, meu agradecimento sincero pelo carinho com que me trata, acima de qualquer coisa. Eu poderia simplesmente agradecer pelas vezes em que se

mostrou disposta a tirar minhas dúvidas sobre metodologia do trabalho científico, por exemplo, mas agradeço mais ainda pela inspiração que a senhora representa e por toda a confiança que sempre demonstrou ter em mim. Muito obrigada por ter aceitado compor minha banca de defesa da dissertação.

A você, Yvantelmack, agradeço pela leitura cuidadosa e pelos questionamentos precisos durante o período de Seminários de Pesquisa I. Embora saibamos da dificuldade de atender a todas as sugestões que são feitas durante o processo de escrita, abraçamos atentamente seus questionamentos, refletimos a respeito e buscamos fazer o que foi possível no tempo que ainda tínhamos.

A vocês, maravilhosas professoras Abniza e Helenice, por terem me abraçado, me acolhido e por terem aceitado participar da minha banca de qualificação, meu sincero muito obrigada. Vocês conduziram esse momento de forma leve e amável, mas com precisas reflexões. Agradeço pelo tempo e pela atenção que dedicaram a mim e por todo o carinho que sempre sinto vindo de vocês.

A cada um dos colegas que compõem a Turma de Mestrado de 2017, meu agradecimento sincero pelo companheirismo, pelas risadas, pelos abraços, por todo o carinho, enfim. Sou feliz por ter conhecido cada um de vocês. Em especial, agradeço aos meus “Power Rangers”, que tornaram esses dois anos mais leves pelas saídas frequentes, pelas gargalhadas incansáveis, pelo amor sempre presente nas nossas interações: a você, Priscila, que voltou para mim nesse mestrado como um presente, agradeço pela confiança, pelo carinho, por se fazer presente nas nossas interações e, mais que isso, por sempre estar por perto. Agradeço ainda pela ajuda com meu *abstract*; a você, Rogiellyson, agradeço pelas doidices, pela confiança, pela ajuda, pelo carinho e por sempre levar muita alegria e sinceridade as nossas interações; a você, Victor, meu irmão de alma, toda minha gratidão por momentos que eu nem conseguiria expressar nesses agradecimentos. Sua palavra acolhedora, seu jeito pacífico, seu coração grato e toda a determinação presente na sua história só me inspiram e me fazem ser tua fã. Você é companheiro fiel e confiança forte, um amigo que quero levar para toda a vida; a você, Hélio, agradeço por ter permanecido. Fomos, juntos, da reprovação à aprovação. Se tem uma pessoa que deveria fazer parte da minha turma de mestrado, esse alguém é você! Você é minha dupla, meu amigo, quem mais viu meus altos e baixos nesse período. Quem mais aturou minhas doidices, mesmo sendo tão diferente de mim, tão “normal”. Obrigada por confiar em mim. Meu muito obrigada a cada um dos mestres que passaram pela minha vida. Em especial, agradeço: ao senhor, professor Roberto, obrigada por ter sido o primeiro criador que me



fez enquanto criatura. Foi a sua confiança que me fez crescer e acreditar que eu podia dar algum passo maior dentro da academia; em você, professor Kilpatrick, eu encontrei referência de alguém comprometido e competente. Obrigada por todas as dicas, sugestões e incentivos; agradeço a você, professor Tom, por todo apoio e incentivo no período em que fui sua monitora das turmas de Português Instrumental e por todo o carinho com que me trata até hoje; meu agradecimento mais que especial e cheio de amor à senhora, professora Maria de Jesus, por sempre ter acreditado em mim, por ser essa mulher inspiradora e amável, que sempre me trata bem. Agradeço ainda por ter me adiantado “as pedras no caminho”, por ter me preparado para “os olhos” que ficariam em cima de mim pelo primeiro lugar, ainda antes que ele acontecesse. Ainda sinto até hoje seu cuidado e seu carinho. Obrigada por continuar sendo um “tu” forte e presente na minha vida.

A cada um de vocês que compõe meu Grupo-Família-de-Pesquisa-Protexito, agradeço por serem seriedade e leveza. Por serem academia e alegria. Agradeço por serem torcida, força, confiança, aqui e em outros estados. Acima de qualquer coisa, agradeço por serem amizade e companheirismo. Como a tarefa de listar nomes é sempre complicada, opto por agradecer a todo o Protexito em nome do “grupo da salinha”: Maiara, minha irmã do coração, meu muito obrigada por ser meu ponto de apoio há tanto tempo. Este trabalho é também seu, pois ninguém se fez mais “tu” do que você quando o assunto era discutir a dêixis entre cafés e tapiocas; Eduardo e Denilton, meus filhinhos amados, sou toda grata por vocês dois, pelos nossos momentos de brincadeiras e discussões, por se colocarem à disposição de me ajudar, por sempre me perguntarem como estou, por dizerem que tudo daria certo. “Tá dando!” E esse tipo de coisa faz toda a diferença!; Rafael, obrigada a você, que com essa sua personalidade “dismicosta” acabou se aproximando e ficando. Nossos momentos ora descontraídos, ora sofridos, vieram como prova de que é necessário lidar com todas as situações com equilíbrio e serenidade; Dálete e Fernanda, que estavam comigo por todos os lados, inclusive na turma que acompanhei por semestres, e Bárbara, muito obrigada a vocês, por terem sido apoio e presença, por terem escutado desabafos, “segurado pontas” e aguentado choros; Elderson, Carlos Eduardo e “caçula” Jefferson, obrigada a vocês por, em simples gestos, sorrisos, abraços, entre uma aula e outra, demonstrarem o carinho e a torcida de vocês.

São tantos amigos da graduação e da vida! É tanta gente importante e que faz a diferença. Seleciono alguns nomes para “encapsular” todos os outros. A vocês, Priscila, Viviane, Marcos, Rodrigo, Victor, Araújo e Samuel, obrigada por estarem comigo até hoje. Obrigada por existirem na minha vida para além “dos muros” da UFC. Obrigada por me

ensinarem, aconselharem, torcerem. Obrigada por todas as vezes que vocês acreditaram em mim mais do que eu mesma acreditei. Obrigada por toda a energia boa que sempre senti vindo de vocês. Obrigada por serem força, dedicação, carinho, presença (mesmo na ausência) e amor.

A cada um dos alunos matriculados com a professora Mônica nas turmas de Texto e Discurso, de 2017.2, e de Linguística de Texto, de 2018.1, mais do que agradecer, quero dedicar este trabalho a vocês. Sem a ajuda, as discussões sempre tão leves e profundas, a atenção, o empenho e o carinho de vocês, esta pesquisa não teria sido possível. Ainda há muito a se desenvolver a partir dessa pesquisa inicial. Colham os frutos que são também de vocês. Serei eternamente a “Mãeara” de vocês e continuarei torcendo e ajudando como eu puder. Cada um tem um espacinho especial no meu coração. Contem comigo!

Agradeço a todos os que compõem o PPGL-UFC. Em especial, agradeço ao PPGL por ter sido o “aqui” que me permitiu conhecer você, Eduardo, não mais secretário, mas meu grande amigo. A você eu agradeceria em qualquer circunstância. Muito obrigada pelos esclarecimentos, pela disponibilidade, pelas conversas sobre tantos outros assuntos, pela opinião sincera em diversos momentos e pelo amor com que trata a mim e a tanta gente! A todos os “tus” por trás do financiamento do CNPq durante os dois anos de mestrado.

Por esses dois anos de mestrado especificamente, agradeço a vocês, meus amigos de infância, Vanessa, Cleiton e Afonso, que sofreram minha ausência nesse período. Vocês sentiram meu distanciamento, minha reclusão, mas, como bons amigos, sinceros e entregues, nunca me cobraram, nem me pediram nada em troca. Só me compreenderam e me amaram. Obrigada por isso. Obrigada por tudo. Sempre. Vocês são minha família.

A você, Aurenívea, agradeço por tudo que representa na minha vida. Agradeço por todos os ensinamentos, por todas as dicas, por todos os abraços reconfortantes e por todo o carinho. Concluo esta etapa reconhecendo tudo que você fez por mim antes do mestrado e no decorrer dele. Sem sua ajuda, o caminho teria sido mais árduo. Você é minha Mestre *Jedi* que sempre buscou conduzir o meu “eu-*Padawan*” pelos caminhos da Força.

Como os agradecimentos não param, volto ao início: tudo isso é seu, minha amada professorinha Ana Maria. O “eu” que eu queria ser quando crescesse. Sou grata por você ter visto em mim algo de bom, por ter plantado no meu coração a sementinha da docência. Mais do que isso, agradeço por ter me ensinado sobre amar alunos, amar a vida e levar alegria às pessoas.

Meu muito obrigada a todas as pessoas que não tive como prestar meus agradecimentos aqui. Vocês são tantos...

A todos os “tus” que me formam e completam enquanto “eu”, agradeço.

A este *aqui*, minha UFC, meu lar, para sempre, agradeço.

A este *agora* de finalização de mestrado, e ao que virá depois, agradeço.

Só agradeço!!!

### Oração da Gestalt

“Eu sou eu, você é você. Eu faço as minhas coisas e você faz as suas coisas.

Eu sou eu, você é você. Não estou neste mundo para viver de acordo com as suas expectativas. E nem você o está para viver de acordo com as minhas.

Eu sou eu, você é você. Se por acaso nos encontrarmos, é lindo. Se não, não há o que fazer.”

(Fritz Perls, 1969)

## RESUMO

Este trabalho tem como foco de análise a dêixis como processo de referência. Dois critérios fundamentais caracterizam a dêixis na literatura sobre o assunto: o critério de ostensividade, definido por Bühler (1982[1934]) a partir de coordenadas estabelecidas pelo eu-aqui-agora, e o critério de subjetividade da situação comunicativa, apresentada por autores como Benveniste (1988[1976]) e Lahud (1979). Partindo do pressuposto assumido pela Linguística Textual de que o conceito de texto comporta todos os elementos cotextuais e situacionais, ou contextuais em sentido sócio-histórico mais amplo, é possível ultrapassar a própria definição de dêiticos como expressões que apontam para aspectos “extralinguísticos” ou “extratextuais” e tomá-los como a manifestação de processos referenciais que consideram, necessariamente, a *origo* da cena enunciativa em que locutor e interlocutor simulam situar-se, cumprindo papéis sociais nas situações comunicativas. Proposta essa reconsideração, buscamos organizar os tipos dêiticos apresentados por trabalhos que se ocuparam dessa descrição, discutindo similaridades e diferenças apresentadas pelos autores quanto às formas que podem apresentar, bem como quanto às definições de cada tipo. Com isso, pretendemos verificar traços de homogeneidade dos critérios de classificação, traços que favorecem a sobreposição de tipos e situações que não atendem rigorosamente aos critérios definitórios. Na revisão dos tipos de dêixis, partimos de seis tipos mais tradicionais: pessoal, temporal, espacial, social, textual e memorial, presentes em estudos como o de Cavalcante (2000) e os de Ciulla (2002, 2008), além dos trabalhos de Fonseca (1992, 1996), que propõem mais dois tipos: a dêixis modal e a fictiva. Quanto à metodologia, com relação aos procedimentos técnicos, realizamos pesquisa bibliográfica, segundo a caracterização de Gil (1999). Inicialmente, a fim de verificar os trabalhos do estado da arte que discutiam os tipos dêiticos, buscamos pelo termo “dêixis” ou “deixis” (inglês), em bases de pesquisa científica: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), Banco de Teses e Dissertações da Capes, Portal de Periódicos da Capes, Scopus e Scielo. Selecionamos, dentre esses, os trabalhos que revisam os tipos de dêixis, e fizemos um quadro comparativo dos trabalhos do estado da arte. Como *corpus* de demonstração desta pesquisa, coletamos com alunos da graduação em Letras da UFC, como atividade dos estágios de docência, textos com gênero e conteúdo temático diversificados, pois visamos à manifestação do fenômeno discutido. Por fim, discutimos sobre os efeitos de sentido que os dêiticos podem exercer em contextos de uso, constatando que: 1) a dêixis é

responsável por transmitir efeitos de identificação entre os interlocutores; 2) as marcas dêiticas expressam a orientação argumentativa de um texto; 3) os pontos de vista dos interlocutores estão ligados à dêixis pela característica enunciativa, pois ela aponta para traços da própria enunciação, explicitando o caráter interativo entre locutor e interlocutor; 4) a dêixis pode ser caracterizada como processo referencial, visto que o conceito de texto defendido pela Linguística Textual engloba também o contexto da situação comunicativa; 5) os tipos de dêixis cumprem função metadiscursiva, permitindo que o locutor se dirija ao interlocutor a fim de chamar a sua atenção, influenciá-lo ou torná-lo participante direto da atividade comunicativa, entre outros.

**Palavras-chave:** Dêixis; Referenciação; Contexto; Enunciação.

## ABSTRACT

This work focuses the analysis of the deixis as a reference process. Two fundamental traces characterize the demarcation in the literature on the subject: the ostensivity, defined by Bühler (1982 [1934]) based on coordinates established by the I-here-now, and that of subjectivity, presented by authors such as Benveniste (1988 [1976]) and Lahud (1979). Based on the assumption assumed by Textual Linguistics that the concept of text encompasses all the cotextual and situational or contextual elements in a broader socio-historical sense, it is possible to go beyond the definition of deitics as expressions that point to "extralinguistic" or "extratextual" and to take them as the manifestation of referential processes that necessarily consider the *origo* of the enunciative scene in which announcer and interlocutor simulate to situate themselves, fulfilling social roles. In order to reconsider this, we try to organize the deitic types presented by works that deal with this description, discussing similarities and differences presented by the authors as to the forms they can present, as well as the definitions of each type. With this, we intend to verify regularities in the characterizations given in the literature on the subject, pondering on traits that favor the overlap of types and on certain deitics uses that do not strictly meet the definitive criteria. In the review of the types of deixis, we start with six classifications that are more traditional: personal, temporal, spatial, social, textual and memorial, present in studies such as that of Cavalcante (2000) and Ciulla (2002, 2008). Fonseca (1992, 1996), who propose two more types: modal and fictional deitic. Regarding the methodology, with regard to the technical procedures, we carried out a bibliographical research, according to the characterization of Gil (1999). Initially, in order to verify the works of the state of the art that discussed deictic types, we search for the term "dêixis" or "deixis" (English), on scientific research bases: Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), Digital Bank of Theses and Dissertations of Capes, Portal of Journals of Capes, Scopus and Scielo. We select, among these, the works that deal with the types of deixis, and we have made a comparative picture of the studies of the state of the art. As corpus of demonstration of this research, we collected with undergraduate students in UFC Languages/Literature, as an activity of the teaching stages, texts with diverse genre content and thematic, as we aimed at the manifestation of the phenomenon discussed. Finally, we reflect on the effects of sense that the deitic can exercise in contexts of use, noting that: 1) the deixis is responsible for transmitting effects of identification between the interlocutors 2) deitic marks express the argumentative orientation of a text;

3) the points of view of the interlocutors are related to the deixis by the enunciative characteristic, since it points to traces of the enunciation itself, explaining the interactive character between speaker and interlocutor; 4) the deixis can be characterized as referential process, since the concept of text advocated by Textual Linguistics also encompasses the context of the communicative situation; 5) the types of deities fulfill a metadiscursive function, allowing the speaker to address the interlocutor in order to attract his attention, influence him or make him a direct participant in the communicative activity, among others.

**Keywords:** Deixis; Reference; Context; Enunciation.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro resumitivo-comparativo das definições de dêixis de trabalhos de fundamentação teórica .....	35
Quadro 2 – Quadro resumitivo-comparativo dos tipos de dêixis de trabalhos do estado da arte .....	50
Quadro 3 – Quadro resumitivo dos tipos de dêixis .....	55
Quadro 4 – Quadro sobre a relação entre características e tipos de dêixis .....	78

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	19
<b>2</b>	<b>DA DEFINIÇÃO E DAS TIPOLOGIAS DO FENÔMENO DÊITICO</b> .....	29
<b>2.1</b>	<b>Características fundamentais da dêixis</b> .....	29
<b>2.1.1</b>	<i>Abordagem gramatical</i> .....	37
<b>2.1.2</b>	<i>Abordagem enunciativa</i> .....	40
<b>2.2</b>	<b>Os tipos de dêixis</b> .....	43
<b>3</b>	<b>DA IMPORTÂNCIA DOS CONCEITOS-CHAVE DA LINGUÍSTICA TEXTUAL PARA A DÊIXIS</b> .....	57
<b>3.1</b>	<b>A noção de texto que sustentamos</b> .....	58
<b>3.2</b>	<b>A noção de contexto que sustentamos</b> .....	60
<b>3.3</b>	<b>A noção de referente e de referenciação que sustentamos</b> .....	62
<b>4</b>	<b>DA RELAÇÃO DA DÊIXIS COM OS DEMAIS PROCESSOS REFERENCIAIS</b> .....	65
<b>4.1</b>	<b>Os demais processos referenciais</b> .....	65
<b>4.1.1</b>	<i>A introdução referencial e as anáforas</i> .....	66
<b>4.1.2</b>	<i>Alguns efeitos de sentido dos dêiticos</i> .....	69
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	72
<b>5.1</b>	<b>Método de abordagem</b> .....	72
<b>5.2</b>	<b>Tipo de pesquisa</b> .....	72
<b>5.3</b>	<b>Delimitação do universo e amostra</b> .....	73
<b>5.4</b>	<b>Técnicas</b> .....	73
<b>5.5</b>	<b>Descrição da coleta dos dados</b> .....	74
<b>5.6</b>	<b>Procedimentos de análise dos dados</b> .....	74
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DO CORPUS PARA UMA PROPOSTA DE TIPOS DO QUADRO DÊITICO</b> .....	77
<b>6.1</b>	<b>Análise quanto à origo, à autorreferencialidade, ao caráter ostensivo e às formas dêiticas</b> .....	77
<b>6.1.1</b>	<i>Os dêiticos pessoais</i> .....	79
<b>6.1.2</b>	<i>Os dêiticos sociais</i> .....	80
<b>6.1.3</b>	<i>Os dêiticos espaciais</i> .....	83
<b>6.1.4</b>	<i>Os dêiticos temporais</i> .....	85

<b>6.1.5</b>	<b><i>Os dêiticos textuais</i></b> .....	86
<b>6.1.6</b>	<b><i>Os dêiticos memoriais</i></b> .....	87
<b>6.1.7</b>	<b><i>Os dêiticos fictivos</i></b> .....	89
<b>6.1.8</b>	<b><i>Os dêiticos modais</i></b> .....	91
<b>6.2</b>	<b>Análise quanto aos efeitos de sentido associados à dêixis e ao contexto</b>	97
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	119
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	123
	<b>ANEXOS</b> .....	126

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Ô, **Sol**, vem, aquece a minha alma e mantém a minha calma. Não esquece que eu existo e me faz ficar tranquilo.” (KLEI, Vitor. O Sol. 2018)

A motivação para este trabalho surge do interesse em analisar a relação de similaridade e de distinção da dêixis com os demais processos referenciais. Percebemos, a partir da leitura de livros, capítulos e artigos acadêmicos sobre o assunto, a necessidade de haver um trabalho que reúna os tipos de dêiticos propostos pela literatura especializada e também que busque esclarecer a possibilidade de crítica da presença da dêixis ao lado dos demais processos referenciais. Isso poderia acontecer pelo fato de à dêixis serem atribuídos termos como “extralinguística”, “não linguística”, “extratextual”, “não textual”.

Desse modo, este trabalho visa à revisão dos tipos de dêixis e à caracterização da dêixis como processo referencial, além de explorar os efeitos de sentidos que os dêiticos podem trazer aos textos. Para isso, objetivamos reapresentar, em um quadro classificatório, os tipos dêiticos já descritos por diferentes abordagens do fenômeno, caracterizando-os conforme os pressupostos da dinâmica da referenciação, tais como a negociação dos sentidos, o apelo à memória compartilhada, etc.

Percebemos que ainda há estudos que apresentam diferentes visões sobre os conceitos de texto, de que ele constitui apenas a materialidade do discurso, ou que se encerra num produto puramente linguístico, acabado. No entanto, a visão de texto que a Linguística Textual<sup>1</sup> (doravante LT) defende hoje – e já há algum tempo – está além das restrições cotextuais e estritamente linguísticas. Os sentidos negociados em cada texto se dão através de inúmeros recursos e estratégias, como os processos referenciais.

O conceito de texto que defendemos é o mesmo defendido por Cavalcante (2019) em que a autora afirma que:

o texto supõe duas condições imprescindíveis: uma materialidade pela qual ele é percebido, em seus traços verbais e não verbais, e uma singularidade, pela qual ele se faz único numa situação de comunicação completa e específica em um dado contexto sócio-histórico e cultural. Essas duas propriedades, que retornam a Bakhtin, são a materialidade e a singularidade, e não são apenas complementadas pelo contexto sociocultural em que o texto acontece. Na verdade, elas são partes integrantes dele.” (CAVALCANTE, 2019)

---

<sup>1</sup> Assumimos a visão defendida pelo Grupo Prottexto.

Desse modo, o conceito de texto comporta todos os elementos cotextuais e situacionais, ou contextuais em sentido sócio-histórico mais amplo. Como afirmam Cavalcante et al. (a sair):

Comungamos com o dialogismo bakhtiniano a ideia de que o texto acontece concretamente como evento enunciativo, mas pensamos que as relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são um simulacro. Tais relações de sentido se instauram, em incessante negociação, pela atividade interativa dos interlocutores na situação comunicativa particular, pelos indícios cotextuais integrados ao contexto sociocultural, pelas determinações do gênero discursivo, pelas ligações intertextuais e pela contenda argumentativa que orienta essa negociação. Porém, se, por um lado, assumimos princípios do dialogismo como constitutivos do texto, por outro, nossos interesses investigativos, que afetam nosso método de análise, são distintos dos interesses das análises bakhtinianas. Pelo mesmo raciocínio, compartilhamos inúmeros pressupostos com as análises de discurso, dentre eles o da enunciação em sentido amplo dentro da qual o texto precisa ser considerado, mas nos voltamos para aspectos da organização textual, não das práticas sociais e discursivas em si mesmas.

Tendo em vista essa visão mais ampla de enunciação, muito próxima da visão de Bakhtin e de seguidores, diremos que o enunciado, quando acontece na interação, é o processo de semiologizar as formas e funções de aspectos verbais e não verbais, tendo sempre em vista o outro. O enunciado emerge, pois, de uma enunciação em sentido amplo, porque incorpora valores sociais e expressa atravessamentos de discursos. Por isso, concordamos com Brait (2016), quando afirma que “texto é um **‘enunciado concreto’**, situado, pertencente a um contexto, a uma cultura, em diálogo com interlocutores presentes, passados e futuros” (p. 16, grifos nossos).

Fazemos, pois, a noção de texto equivaler a essa concepção de enunciado, por isso Cavalcante et al. (a sair) defendem que o “texto é um enunciado completo, reconhecível por sua unidade de coerência sociocognitivo-discursiva, e concluso como unidade de comunicação; como evento, o texto acontece na enunciação, por isso é um enunciado único e irrepetível em um contexto sócio-histórico”.

A enunciação tomada então em seu funcionamento amplo, no discurso, comporta o acontecimento inteiro do texto, pelo qual é possível inferir os contextos em suas múltiplas dimensões sociais e históricas, como encontramos em Charaudeau e Maingueneau. Para os autores, a enunciação ampla contém “as relações que se tecem entre o enunciado e os diferentes elementos constitutivos do quadro enunciativo” (2004, p.194).

Assim sendo, o enunciado, como texto, não pode advir de uma concepção restrita de enunciação como o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de fala. E é por isso que não podemos tomar a noção de situação enunciativa como limitada a uma situação de comunicação identificável apenas por um conjunto abstraível de coordenadas dêiticas de pessoa, tempo e lugar. Na verdade, ela abrange o contexto inteiro da aparição do texto, tudo o que motiva a ação dos atores sociais e a responsabilidade que podem assumir, ou não, pelo que enunciam intersubjetivamente.

Nesse sentido, tem razão Aresi (2011), quando afirma que a enunciação benvenistiana já não se resumia a um mero processo de *agenciamento das formas*, porque a enunciação comandaria as condições para a escolhas, para reconstruções colaborativas e para a organização “sintagmática” e funcional das formas no enunciado. Assim, a enunciação seria uma espécie de semantização contextualizada, quando a língua (e acrescentaríamos as muitas modalidades de linguagem) se converte em texto e constitui sentidos a partir da escolha e do agenciamento das formas por um locutor em negociação com um interlocutor e com o terceiro (o participante passivo). Para Aresi (2011, p. 273):

O aparelho formal da enunciação, assim, não diz respeito a apenas uma parte da língua: esta se encontra inteiramente sujeita à enunciação. Assim, quando Benveniste diz que “a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação” e que “deve-se considerá-la [a enunciação] como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e nos caracteres linguísticos que marcam essa relação” (op.cit.: [Benveniste, 1970/2006] p. 82, acréscimo meu), quem considera esses “caracteres linguísticos” como restritos às categorias de *pessoa, tempo e espaço* vislumbra apenas parte do *aparelho formal da enunciação*, concebe a enunciação pela metade. Que caracteres marcam a relação do locutor com a língua? Todos os caracteres do enunciado, uma vez que todos eles fazem parte do processo de agenciamento sintagmático e cumprem uma função nessa organização, a cada vez singular. A própria escolha lexical é uma marca de subjetividade, o próprio recurso prosódico também o é. Em suma, enunciar é subjetivizar a língua toda.

Esta é a razão por que, nesta dissertação, propomos ultrapassar a definição de dêiticos como expressões que apontam para aspectos “extralinguísticos” ou “extratextuais”, como se concebe em muitos estudos semânticos:

Chamamos de dêiticas as expressões que se interpretam por referência a elementos do contexto extralinguístico em que ocorre a fala. A palavra ‘dêitico’ contém a ideia de apontar, e as expressões dêiticas mais típicas apontam para elementos fisicamente presentes na situação de fala. É o caso dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, eu e você, que, na maioria de seus empregos, remetem para a pessoa que fala e para a pessoa com quem se fala” (ILARI, 2006, p. 55)

Estamos tomando os dêiticos, neste trabalho, como a manifestação de processos referenciais que consideram, necessariamente, a *origo* da cena enunciativa em que locutor e interlocutor simulam situar-se, cumprindo papéis sociais em dado tipo de interação, refletindo, desse modo, sobre a possibilidade de conceber uma noção de dêixis, ou de usos dêiticos, maior do que a que as formas dêiticas comportam. Assim, concebemos como formas dêiticas aquelas já consagradas pelas convenções gramaticais. Mas o modo como as formas dêiticas convencionadas na língua e o modo como outras formas se fazem dêiticas no texto variam a cada enunciação e a cada reinterpretação ou recontextualização do enunciado. A *origo*, ou ponto de origem do locutor no enunciado, não existe fora dele e das circunstâncias simuladas e dos contextos envolvidos, o que resulta em uma diversidade de possibilidades implicadas em cada reconstrução/interpretação de um texto.

No âmbito dos estudos do texto, a dêixis costuma ser tomada como um dos processos referenciais apontados pela literatura, além da introdução referencial e da anáfora. Consideramos, neste trabalho, com o intuito de diferenciar a dêixis dos demais processos referenciais, as discussões presentes em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) quanto às definições dos processos referenciais e, também, quanto a efeitos de sentido que tais processos podem surtir em cada texto. Levamos em conta ainda alguns critérios para análise dos dêiticos, como os de apontamento para o contexto situacional e os de apresentação e reapresentação de referentes, sugeridos em Cavalcante (2003).

Dessa mesma obra, (CAVALCANTE, 2003), valemo-nos da conceituação de referenciação, cunhado por Mondada (1994), como um processo dinâmico de construção e reconstrução de referentes na instituição do universo do texto. Tomamos como referente uma entidade que se estabelece durante o texto, cada vez que ele acontece. A coerência de um texto se faz pelas relações entre os conteúdos (substantiváveis) dos referentes em rede. A dinamicidade e a complexidade dessas relações entre as entidades de um texto levaram Mondada a preferir chamá-los de objetos de discurso, as coisas de que um texto fala e que são instituídas na negociação entre os participantes como atores sociais no momento da interação. A aparente estabilização dos referentes na produção e compreensão dos textos depende de inúmeros fatores, como os conhecimentos de mundo, o contexto sócio-histórico, outras memórias compartilhadas entre os interlocutores e o terceiro, os gêneros do discurso em que o texto se enquadra, os papéis sociais que os participantes exercem na enunciação e a orientação argumentativa visada pelo locutor.

Quanto aos trabalhos considerados como mais relevantes para a área específica de pesquisa, destacamos, inicialmente, Fonseca (1989), Cavalcante (2000) e Ciulla (2008),

por trazerem questionamentos acerca dos tipos dêiticos. Nestes trabalhos, encontramos importantes esclarecimentos que colaboram para a organização do quadro de tipos dêiticos e de seus efeitos de sentido dentro de diferentes interações.

Cavalcante (2000), fundamentando-se em estudos como os de Bühler (1982[1934]), Fillmore (1971) e Levinson (1983), no que diz respeito aos tipos dêiticos, apresentou cinco tipos de dêixis (pessoal, social, espacial, temporal e discursiva), colocando-os em uma escala de subjetividade e relacionando-os à ocorrência de anáforas, com foco, principalmente nos dêiticos textuais, a que a autora denominou, na época, de *dêiticos discursivos*. Apresentou, ainda, características fundamentais de cada um deles e funções que eles podem desempenhar nos mais variados contextos.

Ciulla (2008) elencou diversas funções já propostas – e acrescentou outras – que os processos referenciais, inclusive a dêixis, podem trazer aos textos, como a explicitação de pontos de vista e o caráter metadiscursivo. Utilizando, durante todo o trabalho, textos de gênero literário, explicitou, retomando Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), um novo tipo de dêixis que se refere ao espaço da memória comum dos interlocutores, a dêixis de memória. A autora demonstrou, ainda, que várias funções discursivas podem ser desempenhadas simultaneamente pelos processos referenciais. Neste trabalho, retomamos muitos dos efeitos de sentido proposto por esses autores, quando encontrados em nossos dados, acrescentamos alguns outros, advindos das peculiaridades contextuais e da dinâmica remodulação dos gêneros do discurso.

Fonseca (1989) discutiu acerca da dêixis *am phantasma*, proposta por Bühler pioneiramente, redefinindo-a como dêixis fictiva. A partir do que essa dêixis permite construir, a autora analisou textos de gêneros diversos, enfatizando seu caráter fictivo. Ainda a partir da análise dessas obras, levantou questionamentos acerca do fator tempo (dêixis temporal) – já discutido em Fonseca (1985) – associando as instâncias de pretérito e futuridade ao tempo presente, definido a partir do “eu”. A tudo isso, definiu como “manifestação do poder da linguagem”. Fonseca (1996) também definiu a dêixis modal, que pode ser exemplificada por ocorrências, principalmente, do termo “assim”.

Selecionamos, dentre importantes trabalhos do estado da arte, os três trabalhos supracitados, visto que as autoras, além de retomarem obras da fundamentação teórica sobre o assunto, caracterizam e definem os tipos dêiticos, ainda que difiram em alguns aspectos entre si. A discussão que esses três estudos encetam tem relevância, deste modo, para a construção do quadro de tipos dêiticos que apresentamos nesta dissertação.



Em nenhum dos três trabalhos, há a discussão acerca dos oito tipos dêiticos, visto que não era esse o objetivo em nenhum deles. Desse modo, percebemos, portanto, a necessidade de reunir os tipos dêiticos já amplamente discutidos nesses e em outros trabalhos da área, a fim de apresentar, de forma objetiva, uma organização dos tipos de dêixis, bem como uma discussão dos efeitos que as funções dêiticas agregam aos textos.

Especificamente sobre o quadro de tipos dêiticos que organizamos, aprofundamos as discussões presentes em trabalhos anteriores, como Ciulla e Martins (2017), em que já apresentamos a proposta de reunir os oito tipos de dêixis em um quadro classificatório, verificando que traços de homogeneidade há nos critérios de classificação, que traços favorecem a sobreposição de tipos e que situações não atendem rigorosamente aos critérios definitórios.

Ainda quanto à definição e à caracterização dos tipos dêiticos que compõem nosso quadro, valemo-nos do trabalho de Pinheiro (2016), trazendo, à nossa análise, as discussões tecidas pela autora acerca dos tipos memoriais e fictivos. Julgamos que a tese de Pinheiro traz boas reflexões para uma ampliação do quadro dêitico, por tratar dos dois tipos de dêixis menos discutidos, presentes em Fonseca (1989).

Embora não seja objetivo desta dissertação propor tipos de função textual/discursiva para as formas dêiticas, discutiremos diversos usos dêiticos em diferentes gêneros. Por isso, em nossas análises, retomaremos algumas funções presentes no trabalho de Cavalcante e Koch (2009). As autoras, neste trabalho, enfatizaram a importância da dêixis para a identificação dos participantes da situação comunicativa, do referente representado no tempo e no espaço, do apelo à memória compartilhada, dentre outras funções.

No trabalho de Koelling (2003), a autora afirma serem os dêiticos completamente vazios de significado quando não estão inseridos em um contexto. Essa ideia já foi, em parte, rebatida por Cavalcante (2015), que não descreve os dêiticos apenas como formas pronominais, nem concebe os pronomes como vazios de significado, já que comportam um significado gramatical. Assim, as categorias “eu” e “tu” contêm traços semânticos que marcam aquele que fala (a primeira pessoa) e aquele com quem se fala (a segunda pessoa), respectivamente. É dessa noção de dêiticos com traços “mínimos” de indicações referenciais que nos aproximamos.

Além disso, outra discussão presente em Cavalcante (2015), que também utilizamos neste trabalho consiste na diferenciação entre formas dêiticas e usos dêiticos. Para a autora, as formas dêiticas são mais restritas, representadas pelo que, de fato, até a

gramática tradicional concebe como dêiticos, tais como os pronomes pessoais (*eu, tu, etc.*), os demonstrativos (*este (a) (s), esse (a) (s), aquele (a) (s), isto, isso, aquilo*), as desinências verbais e os advérbios de tempo e lugar (*hoje, agora, ontem, amanhã, aqui, aí, ali, etc.*). Essas formas dêiticas referem-se, sobretudo, “ao tripé dêitico” (pessoa, tempo, espaço), mas foram ampliadas para outros tipos de dêixis, como o textual, o social, o memorial e o modal. Já os usos dêiticos se dão não necessariamente por formas dêiticas convencionadas, mas por traços extremamente diversos que, em contexto de uso, pressupõem a marcação do ponto de origem do locutor (instauração de uma *origo*), a partir da criação de um campo dêitico. Assim, todas as formas dêiticas cumprem função dêitica, mas tem toda função dêitica corresponde a uma forma gramaticalmente convencionada de dêixis, mas, de alguma maneira apresentam duas características fundamentais da dêixis: a subjetividade e a ostensividade. Isso tudo porque a autora busca extrapolar os estudos dêiticos, situando o fenômeno numa visão contextual da dêixis, que é também um posicionamento que buscamos comprovar.

Apresentamos a diferença entre esses dois traços fundamentais a partir de alguns textos presentes no nosso *corpus*, uma vez que isso desestabiliza a caracterização da dêixis, no entanto, enfatizamos que nosso foco, neste trabalho, ainda é o estudo das formas dos tipos dêiticos e seus efeitos de sentido. Um estudo mais extensivo do funcionamento da dêixis no âmbito textual ainda precisa ser mais exaustivo e diversificado que o presente trabalho.

Acreditamos que abordagens de diferentes áreas podem auxiliar nos esclarecimentos de usos do fenômeno dêitico, como é o exemplo que selecionamos de um artigo de Almeida Júnior (2010). Nele há um conceito que interessa à nossa discussão: o autor se utiliza de uma visada mais cognitivista para falar sobre espaços mentais construídos pelos falantes durante o processo de interação verbal. Embora nossa abordagem não seja cognitivista, uma visão sociocognitiva e discursiva do texto contempla a ideia de esquemas mentais recriados em contextos de uso. O autor representa o centro dos espaços mentais como o falante, e a periferia como as entidades presentes no ambiente nos casos em que há ocorrência de dêixis de lugar. Essa afirmação, ainda que seja da área da cognição, permite-nos notar que a *origo* não é física, não se situa no mundo real: é, na verdade, um ponto de referência fundamental que parte do locutor como ator social e dos papéis que ele desempenha em cada texto. Além disso, esse ponto de vista converge para a caracterização da dêixis fictiva proposta por Fonseca (1989), principalmente, já que esse tipo de dêixis recria as “orientações” espaciais em ambientes

diferentes de onde o locutor está, estabelecendo-as a partir da instauração de uma *origo*. Nossa pesquisa defende a tese de que é exatamente a necessária suposição desse ponto de origem que constitui o traço fundamental para que haja dêixis.

Como um dos objetivos deste trabalho é a exploração e análise das formas dêíticas, selecionamos para compor nosso estado da arte a proposta de Jungbluth (2005) acerca dos pronomes demonstrativos, que consideramos essencialmente dêíticos, isto é, relacionados às coordenadas de pessoa, tempo e espaço, além de os relacionar aos demais processos referenciais e seus usos. Valemo-nos do trabalho da autora principalmente para esclarecer a comparação entre formas dêíticas e usos dêíticos, já que a análise focaliza bastante as formas, bem como os tipos mais tradicionais. A autora utiliza discussões presentes em Cavalcante (2000) acerca dos usos dos pronomes demonstrativos (*este, esse, aquele*) e da comum não diferenciação entre os dois primeiros. Com isso, afirma que, por mais que as formas estejam presentes na estrutura da língua, no uso, os termos são tomados como semelhantes e que, para marcar a diferença entre eles, o locutor utiliza advérbios (como *aqui* e *aí*) para marcar a proximidade do objeto em relação a si.

Para esclarecer o porquê de a dêixis ser considerada um processo de referenciação e de precisar ser caracterizada como tal, tomamos por base as ideias presentes em Cavalcante (2015) sobre as interações entre os interlocutores e a própria noção de referente como “objetos de discurso” negociados nas situações comunicativas e no compartilhamento de sentidos configurados no texto, entendido como unidade de sentido e de comunicação e como “uma construção negociada na utilização da linguagem em situação contextualizada sócio-historicamente”, conforme Cavalcante (2018).

Neste trabalho, retomamos as definições de dêixis, a fim de reconsiderar este fenômeno, no âmbito da referenciação, como um processo de natureza sociocognitiva e discursiva, por mais que a dêixis tenha modos de se manifestar diferentes dos demais processos referenciais, por exigir um ponto de referência para situar, em um campo dêítico construído, o referente para o qual se aponta.

Acreditamos, com base em Hanks (2008), que a dêixis ajuda a formar o próprio contexto em cada ato comunicativo, visto que é a integração entre a ocorrência dêítica e o contexto que faz com que ela se classifique como um dos tipos de referenciação, tendo em vista que a LT não concebe texto e contexto como instâncias separadas, mas imbricadas. Tal pressuposto desconstrói a noção de coordenadas dêíticas de pessoa, tempo e lugar relacionadas apenas à situação comunicativa imediata e incorpora a tais

coordenadas o contexto sócio-histórico em que se inserem, como o tempo e o espaço simulados pelos atores sociais na interação.

Acreditamos, por isso, que a proposta de Hanks (2008) se assemelha às discussões que Mondada (2015) traz. A autora caracteriza a dêixis não como egocêntrica, mas sociocêntrica, em que o centro de coordenadas passa a ser o ambiente em que se desenrola a comunicação e se ajusta às ações coletivas emergentes.

Caracterizamos os tipos de dêixis, propondo um quadro classificatório, em que são contemplados, além dos seis tipos de dêiticos presentes nos trabalhos de Cavalcante (2000) e Ciulla (2002, 2008), a dêixis fictiva e a dêixis modal, propostas por Fonseca (1989, 1996), que não são evidenciadas no trabalho das autoras brasileiras, nem em outros trabalhos estudados no estado da arte.

Tecemos alguns comentários sobre certos efeitos de sentido que os dêiticos provocam, colaborando para a orientação argumentativa de um texto, considerando que todo texto tem uma visada argumentativa. Mostramos como os pontos de vista dos interlocutores estão diretamente ligados à dêixis pelas características da cena enunciativa em que a interação acontece. Para além do próprio enunciado, o fato de a dêixis apontar para traços da própria enunciação explicita o caráter interativo entre locutor e interlocutor.

Percebemos, ao analisar exemplos, que os tipos de dêixis permitem que o locutor se dirija ao interlocutor a fim de atingir diversos objetivos, seja para chamar a sua atenção, orientá-lo na condução dos pontos de vista envolvidos, influenciá-lo ou torná-lo participante direto da atividade comunicativa. Em suma, o locutor utiliza-os a fim de guiar a percepção de um texto pelo interlocutor, deixando evidente a orientação argumentativa adotada.

A dêixis, em suma, pode ser caracterizada como um processo de referenciação, uma vez que o conceito de texto defendido pela LT engloba também o contexto em que a situação comunicativa está inserida, para além das concepções de enunciação estrita e de texto como materialidade, voltadas para os estudos aos quais a dêixis estava relacionada, de cunho mais pragmático, relacionado ao contexto imediato de comunicação. Cremos que a dêixis pode ser estudada para além dessa enunciação mais estrita. Assim, a dêixis pode constituir um modo de enunciação mais amplo, envolvendo aspectos sócio-históricos e papéis que os interlocutores assumem na cena enunciativa.

Quanto à forma como este trabalho está organizado, tecemos os comentários a seguir. No capítulo II, falamos acerca “Da definição e das tipologias do fenômeno

dêitico”, apresentando alguns estudos fundamentais da dêixis em Linguística, bem como importantes abordagens caras à dêixis, a saber, a gramatical e a enunciativa.

No capítulo III, as discussões são empreendidas em torno “Da importância dos conceitos-chave da Linguística Textual para a dêixis”, como o conceito de referente, de texto e de contexto que defendemos e algumas modificações pelas quais esses conceitos passaram no decorrer no tempo.

O capítulo IV é o momento “Da relação da dêixis com os demais processos referenciais”. Dedicamos um capítulo para essa temática pelo fato de a dêixis se enquadrar dentro dos processos referenciais e por ainda ser, em alguns aspectos, confundida com eles, para demonstrar como eles ser coocorrentes.

É no capítulo V que sintetizamos nossa “Metodologia”, esclarecendo os métodos e os tipos pesquisa, descrevendo as técnicas utilizadas no trabalho e justificando a escolha e composição do *corpus*. Além disso, explicamos quais os procedimentos utilizados na análise dos dados.

Por fim, ao procedermos à “Análise do *corpus* para uma proposta de tipos do quadro dêitico”, buscamos reunir, diferenciar e sobrepor os tipos dêiticos já apresentados pelos trabalhos do estado da arte, a fim de confirmar nossas hipóteses, na primeira parte.

Na segunda parte da análise, discutimos acerca dos efeitos de sentido associados à dêixis e a uma análise com foco nos dêiticos, visando a uma noção de texto e situação comunicativa em contexto.

## 2 DA DEFINIÇÃO E DAS TIPOLOGIAS DO FENÔMENO DÊITICO

"Mas eu não ando com loucos", observou Alice.  
 "Oh, você não tem como evitar", disse o Gato,  
 "somos todos loucos por **aqui**. Eu sou louco. Você  
 é louca".  
 "Como é que você sabe que eu sou louca?", disse  
 Alice.  
 "Você deve ser", disse o Gato, "Senão não teria  
 vindo para **cá**." (CARROLL, Lewis. Alice no País  
 das Maravilhas. 2007. p. 84-85)

### 2.1 Características fundamentais da dêixis

A dêixis é o principal processo referencial de análise neste projeto. Ela se caracteriza por sua função ostensiva e subjetiva, definidas, inicialmente, por Bühler (1982[1934]) a partir de coordenadas estabelecidas pelo eu-aqui-agora (*ego, hic, nunc*). Essas coordenadas são instauradas pelo sujeito no próprio ato enunciativo, atualizando-se a todo momento. Posteriormente, autores como Benveniste (1988[1976]) e Lahud (1979), que retoma em grande parte os estudos de Benveniste, salientaram na dêixis os traços de subjetividade inseridos na situação comunicativa, o que a diferenciaria das anáforas, na época, concebidas como um processo de retomada de elementos puramente cotextuais. Os estudos em Linguística Textual, aos quais nos filiamos, já não defendem mais esse pressuposto, visto que nenhum processo referencial — nem qualquer outro aspecto de análise textual — é puramente cotextual. A superfície textual (cotexto) é a responsável por dar “as pistas” para a ativação dos referentes, mas os sentidos dos textos são negociados e atribuídos através da união de diversos fatores, que serão melhor exemplificados no decorrer deste trabalho.

Naquele viés, diferentemente das anáforas, os dêiticos constituiriam elementos que apontariam não para outros termos do cotexto, mas para o ponto de origem do locutor dentro da situação de comunicação. É exatamente com esse ponto de vista que nos alinhamos. Além disso, consideramos ser a dêixis um importante processo referencial que mais explicitamente pressupõe os contextos para a construção dos referentes e, por outro lado, pode também ser o processo responsável pela formação de contextos, pressupondo sempre o ponto de origem do locutor, independentemente do tipo de situação de comunicação (mais imediata ou mais ampla), bem como um campo dêitico criado.

Desse modo, o fenômeno da dêixis pode figurar tanto como introdução referencial quanto como anáfora, porque os critérios que os definem são distintos, como bem

mostram Cavalcante (2000) e Ciulla (2002). Enquanto a introdução referencial se dispõe a inaugurar os referentes nos textos, as anáforas são as responsáveis por retomá-los. Os dêiticos, por sua vez, estão relacionados a outro tipo de função, que lhes dá peculiaridade: a de indicar, ostensivamente, um referente de modo a chamar a atenção do interlocutor para ele, e a de pressupor o ponto de origem do locutor em relação ao referente, o que imprime a essas construções de função dêitica um caráter mais subjetivo. É por se definir por traços diferentes daqueles que caracterizam os anafóricos e as introduções que a dêixis poderia ser considerada mais como uma função do que como uma forma gramaticalmente convencionalizada. Desse modo, a dêixis pressupõe o contexto para o acesso aos referentes, podendo ora introduzi-los, ora retomá-los. Por isso, estamos defendendo que uma construção de função dêitica seja encarada sempre como híbrida.

A situação enunciativa, para os autores clássicos, tais como Bühler (1934), Fillmore (1971) e Lyons (1977), depende do que está relacionado diretamente ao locutor. Por mais que não haja menção à situação de “enunciação”, o locutor é considerado por Bühler (1982[1934]) como a *origo*, o ponto zero da comunicação, a partir do qual a interação se dá. Desse modo, todos os tipos de mostração são orientados pelo locutor enquanto *origo* e atualizados momento a momento.

A noção de enunciação que sustentamos aqui é a mesma presente em Cavalcante (2018), que defende uma “enunciação em sentido amplo – aquela que não vê a situação de comunicação como restrita às coordenadas dêiticas, mas como tendo imbricadas nelas todas as restrições do contexto sócio-histórico mais alargado”. A expressão “enunciação”, no entanto, costuma ser atribuída a Benveniste, embora ele mesmo não tenha tido a preocupação em criar “uma Linguística da Enunciação”. Mas isso se deve ao fato de o autor ter enfatizado a importância do indivíduo que usa a linguagem enquanto entidade criadora, estabelecendo, assim, o conceito de ego. É por esse mesmo motivo que outros autores, tais como Lyons (1977) e Cervoni (1989), consideram que o locutor é o referencial da atividade enunciativa, sendo esta egocêntrica, uma vez que “exige” a marcação do ponto de vista do locutor a partir do qual serão apontados também o espaço e o tempo que a ele estão relacionados.

Benveniste (1988[1976]), considerando o locutor como ponto de referência, estabelece que, para cada “eu” da enunciação, há um “tu” pressuposto, e que ambos se opõem a “ele”, à “não pessoa”, ao “referente” sobre o qual se fala. Desse modo, o autor expande o caráter subjetivo, ampliando tal conceito para a noção de intersubjetividade, pois os papéis de “eu” e “tu” são assumidos pelos sujeitos, que utilizam a própria

linguagem para se marcarem e marcarem o outro, “trocando de papel” a cada momento dentro das mais diversas situações.

Para Benveniste (1988[1976]), essas marcas de caráter dêitico não são abordadas na mesma concepção que para os referencialistas, pois, enquanto estes lidavam com a relação entre a língua e seus referentes já dados no mundo, com Benveniste, o que essas formas acessam sempre são dadas a partir do seu momento de enunciação. Para o autor, a própria língua já dá subsídios para a marcação da subjetividade, que é “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’”. Tal fundamento “se determina pelo status linguístico de pessoa”. Isso não seria possível, portanto, sem a linguagem, já que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego” (BENVENISTE, 1988[1976], p.286). Porém, a noção de dêixis, ou seja, de marcadores de subjetividade, que aqui apresentamos, ultrapassa as marcas formais presentes na língua, considerando o contexto mais amplo de enunciação.

Segundo Fonseca (1989, p. 118), “a dêixis passa a ser, a partir de Bühler, um conceito-base da teoria da linguagem”. Bühler, o autor pioneiro nas definições de dêixis, fazia uma relação desse tipo de referência com aspectos psicológicos dos indivíduos. Percebemos isso tanto na definição do autor sobre este fenômeno quanto na divisão dos campos instaurados por ele. Bühler define as palavras dêiticas como:

(...) fonologicamente distintas entre si, exatamente como quaisquer outras palavras, são um expediente para guiar os parceiros (da comunicação). O destinatário é convocado por elas, para que dirija o seu olhar, e, mais amplamente, a sua atividade de busca perceptual, a sua atenção na recepção dos sentidos; as palavras dêiticas, com ajuda de pistas gestuais e seus equivalentes, tornam mais precisa e complementam a orientação do destinatário a respeito dos detalhes da situação (BÜHLER, (1982[1934]), p. 105-106) [Tradução de Alena Ciulla do original, em alemão]<sup>2</sup>

Bühler (1982[1934]) apresenta dois campos da linguagem para tratar do uso dos dêiticos. São eles: o campo mostrativo e o campo simbólico. Para Fonseca (1989), é a conjugação do campo mostrativo com o campo simbólico que demonstra a produtividade

---

<sup>2</sup> “die geformten Zeigwörter, phonologisch verschieden voneinander wie andere Wörter, steuern den Partner in zweckmäßiger Weise. Der Partner wird angerufen durch sie, und sein suchender Blick, allgemeiner seine suchende Wahrnehmungstätigkeit, seine sinnliche Rezeptionsbereitschaft wird durch die Zeigwörter auf Hilfen verwiesen und deren Äquivalente, die seine Orientierung im Bereich der Situationsumstände verbessern, ergänzen” (BÜHLER, 1934, p.105–106; trecho traduzido por Alena Ciulla, do original, em alemão)



da linguagem verbal. O campo mostrativo corresponde a três formas de mostração: mostração *ad oculos*, anáfora e mostração *am phantasma*, conforme conceituadas abaixo. As duas últimas dizem respeito a uma ampliação do campo mostrativo situacional para ambientes do cotexto e imaginários, respectivamente.

A dêixis *ad oculos* seria mais utilizada em interações face a face, já que exige o monitoramento de “objetos” presentes na situação imediata de comunicação. Por isso, esse tipo de mostração é considerado uma mostração *in praesentia*. Como afirmamos em trabalhos anteriores – Ciulla e Martins (2017) –, os pronomes demonstrativos constituem uma classe bastante utilizada nesse tipo de dêixis, já que, até mesmo em análises que reconhecem apenas os dêiticos gramaticalmente convencionados, há usos diferenciados para localizar os “referentes” em relação à distância dos interlocutores. É importante atentar para o fato de que, nesse tipo de mostração, de cunho meramente gramatical, se concebia que os referentes eram os objetos do mundo real, diferentemente da nossa abordagem de referente defendida neste trabalho. Concebemos referente como uma entidade (re)construída na encenação do texto, permanentemente negociada na interação, e restringida por verdades e valores dos participantes.

O campo mostrativo “anafórico” é o segundo modo de mostração e indicaria uma ampliação do campo mostrativo situacional para o espaço cotextual, isto é, da materialidade do texto. Por motivos vários, já não concebemos a anáfora como uma relação de substituição de formas no contexto, e sabemos o quanto é equivocado, pelas definições dos principais conceitos da Linguística Textual, tomar o termo “textual” como materialidade, superfície.

Preferimos conceber esse tipo de campo mostrativo como uma metáfora do espaço da situação enunciativa. Trata-se dos casos de dêixis textual, que ocorrem quando há apontamentos espaciais e temporais supondo a representação da linearidade do cotexto. Essa representação do espaço e do tempo físico do cotexto autorizam o interlocutor a situar um dado referente mencionado em diferentes posições cotextuais, como nas expressões com *abaixo*, *acima*, *anteriormente*, *adiante* etc. Nos textos multissemióticos, pode haver outros tipos de mostração desse espaço, como marcas visuais indicadoras, direção do olhar dos participantes, dentre outras.

Já a dêixis *am phantasma* é considerada uma forma de mostração *in absentia*, uma vez que os referentes são construídos a partir de situações criadas ou evocadas na memória. A seguir, apresentamos um exemplo de dêixis *am phantasma*, presente na obra de Bühler (1982[1934]):

- (1) Em Viena, passas pelo Graben junto à Pestsauze, vais até o Stock im Eisen e logo tens, na tua frente, um pouco à esquerda, a catedral de Santo Estêvão (traduzido do espanhol por Fonseca, (1989)).

Exemplos como esse, que apresentam itinerários e orientações mais espaciais, são típicos para a exemplificação da dêixis *am phantasma*, de Bühler. O mesmo vale para a dêixis fictiva, posteriormente proposta por Fonseca (1989) como uma ampliação desse tipo de mostração Bühleriana.

Fonseca (1989), retomando Bühler, apresenta, para exemplificar esse tipo de mostração, situações como a indicação de itinerários e mudanças na decoração de um ambiente, conforme apresentamos abaixo:

Como exemplo da forma de transposição (...), Bühler não cita nenhum enunciado, mas, de acordo com a caracterização que faz da situação (...), podemos supor um exemplo do tipo:

"Aqui fica a mesa, ao lado do armário e por baixo do espelho."

Nos exemplos transcritos acima, quer a cidade de Viena quer "a mesa" existem de facto, não são irrealis: o que é "irreal" é a possibilidade de apontar para eles, uma vez que não estão presentes (FONSECA, 1989, p. 220 - 222).

Discutimos, em Ciulla e Martins (2017), o exemplo acima (1) para demonstrar em que medida Fonseca utilizou o conceito de dêixis *am phantasma* para propor a dêixis fictiva, que deve compor o quadro dos tipos dêiticos proposto neste trabalho, conforme discutiremos em outras seções.

Sobre a dêixis *am phantasma* de Bühler, destacamos a importância do que ele chama de *transposição*: é como se o locutor soubesse da situação enunciativa em que está, de fato – por isso, é considerada pelo autor como uma mostração *in absentia* – e instaurasse uma nova *origo* na situação imaginada, podendo, assim, localizar-se nessa outra situação enunciativa.

Fillmore (1971), outro autor importante para o estudo das definições e tipologias da dêixis, afirma que este “é o nome dado às propriedades formais dos enunciados que são determinadas por certos aspectos do ato comunicativo no qual os enunciados em questão exercem um papel”. O autor retoma o tripé dêitico, que envolve os tipos dêiticos mais fundamentais – pessoa, tempo e espaço –, adicionando às classificações dêiticas a dêixis discursiva e a social, como vemos na citação a seguir:

a matriz de material linguístico de que faz parte o enunciado, isto é, as partes precedentes e conseqüentes do discurso, a que nós nos referimos como dêixis discursiva; e os relacionamentos sociais por parte dos participantes da conversação, que determinam, por exemplo, a escolha dos níveis discursivos honoríficos ou polidos, ou íntimos ou insultantes, etc., que podemos agrupar todos sob o termo dêixis social (FILLMORE, 1971, p. 39).

Seguindo o pensamento de Fillmore, Lyons (1977) destaca que “a função básica da dêixis é relacionar as entidades e situações às quais a referência é feita na língua ao ponto zero do contexto da enunciação”. Consideramos este traço um dos mais fundamentais da dêixis. Na mesma linha de Fillmore, este autor também retoma o tripé dêitico, mas apoia-se em definições mais clássicas sobre o assunto, a saber: a definição de dêixis, do grego, “apontar”, “indicar”, e o caráter mais demonstrativo do termo. O autor fala ainda da concepção de dêixis social e dêixis textual, assim, aproximando-se dos tipos elencados por Fillmore.

Esses dois autores têm imensa relevância para este trabalho, pois dão suporte para a criação do quadro comparativo das definições e dos tipos dêiticos apresentados, tendo em vista que estamos relacionando o que os autores disseram a fim de chegar a um ponto comum entre eles que aproxime as definições e avaliar o que precisaria ser acrescentado.

Já Levinson (1983), expandindo os estudos da dêixis no campo da Pragmática, define-a como “maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam traços do contexto da enunciação ou do evento de fala e (...) às maneiras pelas quais a interpretação das enunciações depende da análise desse contexto”. O autor traz aplicações mais pragmáticas ao estudo da dêixis, o que consideramos muito útil, já que, ao analisarmos nossos exemplos, percebemos a forte relação dos usos dêiticos com as estratégias de preservação de faces, por exemplo, o que está demonstrado nas análises, podendo ser confirmado com a leitura de alguns exemplos presentes no nosso capítulo que visa a tal fim.

Como forma de sintetizar as definições de dêixis apresentadas por esses autores da fundamentação teórica, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 1 – Quadro resumitivo-comparativo das definições de dêixis de trabalhos da fundamentação teórica

AUTOR	DEFINIÇÃO
BÜHLER (1934)	“as palavras dêiticas, com ajuda de <u>pistas do tipo gestuais e seus equivalentes</u> , tornam mais precisa e complementam a orientação do destinatário a respeito dos detalhes da <u>situação</u> ”
FILLMORE (1971)	“nome dado às <u>propriedades formais</u> dos enunciados que são determinadas (e são interpretadas conhecendo-os) por certos aspectos do <u>ato comunicativo</u> no qual os enunciados em questão exercem um papel”
LYONS (1977)	“função dos pronomes pessoais e demonstrativos, do tempo e de vários outros <u>traços lexicais e gramaticais</u> , que relacionam os enunciados às coordenadas espaço-temporais do <u>ato de comunicação</u> ”
BENVENISTE (1988[1976])	“é contemporânea à <u>instância do discurso</u> que contém o <u>indicador de pessoa</u> ; caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância do discurso à qual se refere”
LEVINSON (1983)	“diz respeito às maneiras pelas quais as <u>línguas codificam ou gramaticalizam</u> , traços do <u>contexto da enunciação</u> ou do evento de fala, e portanto, diz respeito a maneiras pelas quais a interpretação das enunciações depende da análise desse contexto de enunciação”

Fonte: elaboração própria.

A partir do quadro acima, podemos salientar dois pontos fundamentais que são apresentados nas definições de todos os autores escolhidos: a marca mais formal pela qual a dêixis se expressa e o caráter relacional da dêixis com o contexto da situação de comunicação.

Percebemos que Bühler (1934) apresenta como termos fundamentais as “pistas do tipo gestuais e seus equivalentes”, mas podemos reconhecer também o aspecto simbólico dos dêiticos, apresentado pelo autor, segundo o qual na língua já existem termos que expressam a subjetividade, a marcação e a relação da língua com a *origo*. Podemos também constatar que o autor ainda fala da relação com a “situação”, mas tomando-a em

sentido estrito, considerando as interações face a face, isto é, o contexto mais imediato da situação real de comunicação – uma visão com a qual não lidamos.

Seguindo o mesmo princípio, Fillmore (1971) apresenta termos como “propriedades formais dos enunciados” sempre em relação ao “ato comunicativo”. Assim, há uma primazia pelas formas estabilizadas existentes na língua para marcar as coordenadas de pessoa, tempo e espaço, adicionando a elas o caráter social e textual, mas ainda muito formal, como os vocativos, os pronomes de tratamentos e os advérbios.

Do mesmo modo, Lyons (1977) atribui à dêixis os “traços lexicais e gramaticais” relacionados ao “ato de enunciação”, exemplificando, também, os tipos dêiticos com formas disponíveis nas línguas para tal fim.

Mas é com Benveniste (1976) que aparecem novas terminologias e novas reflexões acerca da dêixis. O autor relaciona os dêiticos à “instância do discurso”, que contém o “indicador de pessoa” e, em decorrência disso, marcações espaço-temporais.

Levinson (1983), já utilizando a terminologia benvenistiana, afirma que, para se relacionar ao “contexto da enunciação”, tomando propriedades conversacionais e os eventos de fala, as línguas valem-se de “codificações gramaticais”. Devemos ressaltar que Levinson reflete sobre os usos dêiticos de formas não dêiticas, apresentando exemplos em que as formas não dêiticas (um “ele”, como no exemplo abaixo, do próprio autor) tornam-se dêiticas pela necessidade do monitoramento, a partir de apontamentos gestuais, visuais, ou de outros níveis de percepção, da situação comunicativa para a compreensão dos referentes a que tais formas se referem. Essa discussão é fundamental para este trabalho, pois leva não somente à admissão de formas dêiticas convencionadas, mas também de usos dêiticos de outras estruturas.

(2) Ele não é o duque; ele é. Ele é o mordomo (LEVINSON, 1983).

No exemplo acima, Levinson apresenta um exemplo no qual podemos perceber uma forma não-dêitica (pronome de terceira pessoa – a não-pessoa benvenistiana) sendo utilizada para apontar para elementos da cena, a fim de identificar qual “ele” é o duque e qual é o mordomo, o que pode ser considerado um uso dêitico.

Aqui, pretendemos demonstrar que, embora os estudos sobre a dêixis destaquem o caráter formal, marcado para a identificação do fenômeno, ela pode se dar para além das formas tradicionalmente consagradas, como os demonstrativos, os pronomes pessoais, entre outros.

Hipotetizamos que nem sempre a ocorrência de formas dêiticas apresenta um caráter dêítico, assim como, por outro lado, não necessariamente a dêixis é apresentada por um caráter mais formal, ampliando, desse modo, o que foi desenvolvido por Cavalcante (2015) sobre formas dêiticas e usos dêíticos. Estes, embora não apresentem formas puramente dêiticas, pressupõem a criação de um campo dêítico, a partir do ponto de vista do locutor, a *origo*. Propomos, neste trabalho, que a *origo* seja o fator principal para que haja dêixis.

Por percebermos também a necessidade de esclarecer o que é, de fato, a dêixis, afirmamos que a denominação dos dêíticos e a forma como eles são trabalhados, muitas vezes, levam à noção equivocada de que dêíticos são todos aqueles termos na língua que se referem a ou expressam pessoa, tempo e espaço. No entanto, essa visão não é apresentada nem mesmo pelas abordagens mais gramaticais, como demonstrado a seguir.

### **2.1.1 Abordagem gramatical**

Mesmo em abordagens gramaticais, a dêixis é compreendida como formas presentes na língua que dependem do contexto da situação comunicativa. Castilho (2010) apresenta, por isso, a obrigatoriedade que a pragmática exerce na efetiva significação das expressões dêiticas.

Para a gramática tradicional, normalmente, os tipos dêíticos apresentados são os pessoais, os espaciais e os temporais, ou seja, os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas, os pronomes a essas pessoas relacionados, os verbos conjugados, por haver marcação de pessoa a partir da desinência número pessoal, os pronomes demonstrativos e alguns advérbios de tempo e lugar. Constatamos, assim, que, dentre os tipos dêíticos já descritos, somente os de pessoa, tempo e lugar têm formas gramaticais convencionadas. A esses, Fonseca (1996) acrescentou a dêixis modal, que encontra uma forma gramatical correspondente no advérbio de modo *assim*. Os demais tipos de dêíticos, que foram descritos para além das coordenadas dêiticas, não possuem formas gramaticais próprias: dêixis social, dêixis memorial, dêixis textual. Elas se servem das formas pessoais, possessivas, demonstrativas e adverbiais para compor construções que funcionam deiticamente, o que acaba por confirmar que há sobreposição de tipos dêíticos, como demonstramos no nosso capítulo de análise.

Destacamos, da gramática selecionada (CASTILHO, 2010), o que se diz sobre o termo “assim” para discutir os usos da dêixis modal, apresentada por Fonseca. Percebemos que são muitos os empregos do “assim”, mas, especificamente sobre o que poderia caracterizar um uso dêitico, ou seja, em uma situação que só teria o sentido “completo” a partir do contexto situacional, o autor afirma: “A Gramática Tradicional considera *assim* um advérbio de modo, exemplificado em agir assim, falar assim, parafraseáveis por agir desse jeito, falar desse jeito etc. Não é desse *assim* que estamos tratando aqui” (CASTILHO, 2010, p. 547). É o que podemos observar nos exemplos encontrados no dicionário Houaiss:

advérbio

- 1 deste, desse ou daquele modo  
Exs.: *vais ficar assim, calado?*  
*não fale assim com a sua mãe!*
- 2 com características semelhantes; de natureza igual  
Ex.: *não me lembro de ter visto outra tempestade assim.*
- 3 em (ou com) grande quantidade  
Obs.: ver uso a seguir  
Ex.: *a praça está assim de gente.*
- 4 deste tamanho, desta altura etc.  
Obs.: ver uso a seguir  
Ex.: *a criança já está assim.*

No entanto, embora Castilho não aprofunde tal uso, baseamo-nos nele para afirmar que não somente o “assim” apresentado por Fonseca caracteriza um modo que necessita do contexto situacional e que se configura como dêixis. O mesmo poderia ocorrer em situações em que fossem empregados outros termos, como: *desse jeito, desse modo, dessa forma, dessa maneira*, encontrados em nosso *corpus*.

Ressaltamos a importância de esclarecer que os tipos dêiticos não necessariamente são excludentes, uma vez que se pode pensar que os exemplos dados são unicamente espaciais, por apontarem para algo em relação ao “eu-tu” da situação, devido ao uso do pronome demonstrativo. No entanto, se considerarmos os gestos realizados pelos atores da cena, podemos considerar que eles apresentam um modo que necessariamente pressupõe o contexto para a compreensão dos sentidos.

Castilho (2010) também discute acerca do porquê de, muitas vezes, a dêixis ser considerada anáfora ao instalar “um eu” no espaço no texto. Para este ponto, retomamos a necessidade de redefinição dos próprios conceitos de anáfora e dêixis que salientamos em trabalhos anteriores (CIULLA; MARTINS, 2017). Esta é uma discussão antiga.

Cavalcante (2000) e Ciulla (2002), por exemplo, já justificaram não ser critério suficiente definir a anáfora apenas a partir da remissão ao cotexto, uma vez que nenhum processo referencial se dá somente contextualmente, mas, sim, por um conjunto de fatores que envolvem o contexto, os conhecimentos envolvidos na produção dos sentidos, entre outros.

Sobre a anáfora, percebemos também que Castilho (2010) ainda a diferencia da catáfora, assim como outras gramáticas e como o termo é diferenciado também por Fonseca (1996), até mesmo ao modificar o nome da anáfora de Bühler para dêixis textual/discursiva. Fonseca baseia-se no fato de as anáforas apontarem para segmentos discursivos no contexto verbal (para a autora, cotexto) e de utilizarem uma “dimensão inerente ao caráter temporalmente extenso e linear da linguagem verbal que se concretiza como dimensão espacial concreta” (FONSECA, 1996). Neste ponto, voltamos à necessidade de diferenciar a anáfora da dêixis, esclarecendo os critérios que caracterizam esses processos referenciais e considerando que, por um lado, nenhum dos processos é completamente cotextual e, também, que não somente um processo referencial pressupõe o caráter contextual.

A autora (FONSECA, 1996) também considera os diferentes usos prospectivos (catafóricos) ou retrospectivos da dêixis (e da anáfora). Seguindo o ponto de vista defendido em discussões do Grupo PROTEXTO, não consideramos mais necessário diferenciar anáfora e catáfora, tendo em vista um critério meramente remissivo. Os referentes, na verdade, estão todos interligados em redes, e os sentidos dos textos são construídos a partir de “idas e vindas”, não seguindo um caráter totalmente linear, pois nem mesmo a leitura é feita dessa forma. No entanto, reenquadraremos a catáfora como uma função remissiva, porque algumas ocorrências de dêixis apresentam forte traço prospectivo, por “apontarem”, a partir do ponto de origem do locutor no cotexto, ao que virá posteriormente.

Apresentamos, aqui, portanto, uma noção de catáfora voltada mais para os dêiticos do que para as anáforas, como se costumava classificar, e esta é mais uma contribuição da presente pesquisa, de que a dêixis desempenha, muitas vezes, função catafórica.



### 2.1.2 Abordagem enunciativa

Segundo Benveniste (1988, p.87), “o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo”. Com isso, confirmamos o estatuto intersubjetivo da enunciação, à medida que um “eu” instaura o outro e, a partir disso, ambos alternam funções, definindo a si próprios como atores da situação enunciativa, e, portanto, do diálogo entre eles.

O conceito de enunciação postulado por Benveniste diz respeito à questão do funcionamento da língua, via aparelho formal da enunciação. Esse é o ponto em que se fala em discurso, que, quase sempre, diz respeito à “semantização” da língua, ou seja, quando os sentidos são atribuídos pelos interlocutores à referência, que se dá na enunciação. Não tomamos discurso aqui como mero uso, propriamente dito, em que há a interação, o diálogo entre os agentes envolvidos. Consideramos discurso “como um conjunto de práticas languageiras que evidenciam os posicionamentos discursivos e ideológicos de todos os [sujeitos] que comungam pontos de vista semelhantes.” (CAVALCANTE, 2018).

Esclarecemos, para tanto, que não lidamos com sujeitos do “mundo real”. Baseamo-nos em simulacros em que locutor e interlocutor desenvolvem papéis, aproximando-nos da noção de enunciação que Valério (2018) defende, em sua tese, a partir de Benveniste:

A enunciação pode, então, ser observada como uma instância de mediação entre a língua e o texto. Ela, a enunciação, pressupõe a instauração de um locutor e, conseqüentemente, de um locutário, mesmo que ambos não sejam identificáveis com o enunciador “real”. (...) a categoria de pessoa, por exemplo, (prototipicamente representada em língua portuguesa pelos pronomes pessoais eu/tu) é fácil e erroneamente associada com o falante e o ouvinte empíricos. (VALÉRIO, 2018, p. 17)

Por considerarmos, no entanto, os papéis que os interlocutores exercem e uma abordagem que se refere ao contexto sócio-histórico mais amplo, temos, também, uma visão mais ampla de enunciação, que não se fecha à análise das marcas cotextuais e às coordenadas de pessoa-tempo-espço da situação mais restrita de comunicação. O contexto sócio-histórico mais amplo é reconstruído, em Linguística Textual, pelas redes referenciais que incluem as construções de função dêitica, pelas relações intertextuais, pelas inferências das relações dialógicas e interdiscursivas. A análise linguístico-textual se efetiva, portanto, por suas categorias de análise, olhando para o texto ao mesmo tempo

como recorrência de traços da textualidade e como evento individual, que acontece a cada enunciação.

Mas é principalmente em Bakhtin que encontramos apoio para a explicação dos jogos dialógicos entre os sujeitos em cada enunciado, pois, segundo o autor:

A **verdadeira substância** da língua não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1998, p. 125).

Evidentemente, os textos não apresentam apenas cotextualidade verbal, por isso essa reflexão será estendida aqui a todos os textos, considerados em sua multimodalidade.

Sabemos que o aspecto dialógico da língua, de Bakhtin, não diz respeito apenas ao eu-tu da situação “imediata” da enunciação, mas a toda comunicação, o que, por mais que se afaste da noção de enunciação de Benveniste, que expôs os modos de marcação de subjetividade na e pela língua, não contraria os postulados benvenistianos.

Essa citação de Bakhtin também nos faz refletir sobre o conceito de enunciação, muito caro aos estudos da dêixis. Sobre esse assunto, destacamos o trecho presente em Mello e Flores (2009), em que os autores afirmam que:

(...) não se pode dizer que a enunciação é um nível da análise linguística. Ela é um ponto de vista de análise. Os linguistas do campo enunciativo se interessam por fenômenos linguísticos cuja descrição implique referência ao ato de produzir o enunciado. Esses estudiosos analisam o processo (a enunciação) no produto (o enunciado). Evidentemente, o processo somente pode ser analisado a partir das marcas que deixa no produto. Em outras palavras: a enunciação – ou, melhor dizendo, a estrutura enunciativa – é uma instância pressuposta que está na origem de todo e qualquer enunciado. Ela não é um observável em si, ela é por natureza efêmera. O que é observável são as marcas da enunciação no enunciado. Com isso, pode-se dizer, também, que não há um mecanismo *a priori* que seja mais adequado à análise enunciativa. Conforme Flores e Teixeira (2005), qualquer fenômeno linguístico de qualquer nível (sintático, morfológico, fonológico, etc.) pode ser abordado do ponto de vista enunciativo. Assim, pode-se ver que a língua não é apenas parcialmente enunciada, o *aparelho formal de enunciação* não é um compartimento da língua. Ele pertence à língua toda. Logo, pode ser estudado na enunciação todo mecanismo linguístico cuja realização integra o seu próprio sentido e que se autorreferencia no uso que o sujeito faz da língua. (MELLO E FLORES, 2009)

Não contrariamos a noção benvenistiana de enunciação, visto que acreditamos, sim, que a partir da própria estrutura linguística é possível apreender os traços característicos da enunciação. Por outro lado, acreditamos ser possível extrapolar a noção de enunciação, atrelando ao uso os aspectos contextuais da situação comunicativa.

Não restringimos a dêixis à consideração do que se costumava chamar de “situação enunciativa”. Grande parte dos estudos da dêixis analisavam-na levando em conta as interações face a face, o monitoramento da situação imediata de comunicação, por isso, de ordem mais pragmática e numa enunciação mais restrita, em que, segundo Maingueneau e Charaudeau (2004, p. 194, grifos nossos):

investigam-se os procedimentos linguísticos por meio dos quais o locutor imprime sua marca no enunciado, inscreve-se na mensagem (implícita ou explicitamente) e se situa em relação a ele. Denominam-se frequentemente marcas ou traços enunciativos as unidades linguísticas que indicam a remissão do enunciado a sua enunciação: **pronomes pessoais de primeira pessoa, desinências verbais, advérbios de tempo.**

A noção de situação enunciativa aqui adotada não considera a situação comunicativa real, mas um simulacro dela, contextualizando-a sempre nos aspectos sociais em que se realiza. Uma análise de enunciação mais ampla, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 31), “visa a descrever as relações que se tecem entre o enunciado e os diferentes elementos constitutivos do quadro enunciativo”. A concepção de referenciação que encampamos insere-se numa perspectiva sócio-histórica e cultural, em que os interlocutores exercem papéis e estabelecem uma *origo* na situação encenada.

Concordamos com Mello e Flores (2009), ao afirmarem que:

(...) em um texto, facilmente se percebe que um **elemento linguístico** – uma palavra, por exemplo – pertencente a *um* nível de análise, o lexical nesse caso, contribui para o reconhecimento global do **enunciado (o texto)** e o **seu sentido decorre do conjunto no qual está integrada**. Essa inter-relação entre os níveis não é estranha a Benveniste. Diz ele: “a transição de um nível ao seguinte põe em jogo propriedades singulares e despercebidas. Pelo fato de serem discretas, as entidades linguísticas admitem duas espécies de relação: entre elementos de mesmo nível ou entre elementos de níveis diferentes” (BENVENISTE, 1988, p. 133). Parece que o próprio Benveniste prevê que consideremos as projeções de níveis entre si sem nos determos apenas nas relações internas a um nível. Acreditamos que é pertinente pensar também como as mudanças de nível afetam a fala e como as alterações em um nível têm efeitos em outros níveis, o que precisa ser feito na instância enunciativa. Logo, a enunciação é, em nossa perspectiva, sempre transversal e nunca linear. Ela releva de uma inter-relação entre os níveis canonicamente considerados pela linguística clássica. Tal transversalidade é muito perceptível na dimensão textual. (MELLO E FLORES, 2009)

Essa reflexão se aproxima da noção de enunciação que sustentamos por apresentar esse aspecto dual: os sentidos são produzidos considerando tanto indícios contextuais quanto aspectos relacionados ao contexto sócio-histórico cultural.

Tendo em vista as reflexões dos autores, podemos sugerir que a análise dos fenômenos dêiticos deve ser considerada, em Linguística Textual, não apenas pela observação das formas que compõem construções dêiticas, porque qualquer forma só será investigada na instância de uso efetivo, pelos participantes da interação, e na integração dos traços contextuais que a constituem. A dêixis é vista aqui como um processo de referenciação, em que se analisam os referentes postos em rede no sentido global do texto em contexto.

## 2.2 Os tipos de dêixis

A literatura sobre o assunto costuma subdividir a dêixis em seis tipos: pessoal, social, espacial, temporal, textual e memorial. O quadro de tipos dêiticos que propomos contém mais dois tipos de dêixis: a fictiva e a modal, conforme apontem, respectivamente, para situações criadas fictivamente e para modos como os interlocutores se encontram no momento da enunciação. Tendo em vista que retomamos cada um desses tipos em nossas análises, demonstramos abaixo, com exemplos já analisados por trabalhos que trataram da dêixis.

Em *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas* (CAVALCANTE, 2011, p. 95), a autora utilizou o poema a seguir para classificar os dêiticos pessoais.

(3) A dor a mais  
 (Vinícius de Moraes)  
 Foi só muito amor  
 Muito amor demais  
 Foi tanta a paixão  
 Que o meu coração, amor  
 Nem soube mais  
 Inventei a dor  
 E como ela nos doeu

Ah, que solidão buscar perdão  
 No corpo teu  
 Tanto tempo faz  
 Tens um outro amor, eu sei

Mas nunca terás  
 A dor a mais  
 Como eu te dei  
 Porque a dor a mais  
 Só na paixão  
 Com que eu te amei.

Os trechos sublinhados acima foram focalizados pela autora, com o objetivo de apontar para os dêiticos pessoais presentes no exemplo. Cavalcante (2000) atribui à dêixis pessoal um caráter maior de deiticidade porque ela evidencia os actantes da enunciação. Nesse exemplo, os pronomes pessoais (caso reto e oblíquo) e os pronomes possessivos exercem o papel de apontar para os participantes envolvidos. A autora fala, por isso, em graus de “pessoalidade”; neste caso, a dêixis pessoal é a que estaria na ponta dessa escalaridade, sendo, inclusive, a responsável pelas indicações dos demais tipos de dêixis.

Em Cavalcante (2000), a dêixis social aparecia dentro do quadro da dêixis pessoal, como um subgrupo dela, posicionamento do qual já discordamos em trabalho anterior (CIULLA; MARTINS, 2017), uma vez que:

não nos parece adequado considerar a dêixis social como um subgrupo da dêixis pessoal, pelo menos por um motivo – mas que é essencial, quando se trata de dêixis – a autorreferencialidade. Um pronome de tratamento não institui a relação fundamental e organizadora da língua eu-tu/você, como os pronomes de pessoa, mas está ligado às relações sociais e de poder que se estabelecem culturalmente. Ainda que superficialmente possa parecer um mero substituto de tu/você, a funcionalidade das expressões dêiticas sociais é bem diferente da que desempenha, na língua, a dêixis pessoal.  
 (CIULLA; MARTINS, 2017, p. 83)

Abaixo, apresentamos um exemplo com as partes elencadas por Cavalcante (2011, p. 96-98) para exemplificar os dêiticos sociais.

(4) Ismênia, moça donzela

(Dalton Trevisan - Quem tem medo de vampiro?)

Saudações.

Doutor Antônio, desculpe a ousadia de escrever, ontem fiquei arrependida de não confessar a paixão que sinto, porque tive vergonha, vejo que o senhor é casado e pai de tanto filho, acho que isso não tem importância, a gente sabe de muita dona casada gostando de outro, quanto mais eu que sou moça donzela, a diferença é que não sou correspondida.

Venha na mesma hora, espero no portão e mamãe não vê, Se o doutor não vier é sinal que não tem a mínima simpatia.

Sem mais, sua criada obrigada,

Ismênia

P.S. Desculpe os erros que estou um pouco nervosa

\*

Querido Antônio.

Eu escrevo este bilhete, não posso suportar este amor. Olha, Antônio, de hoje em diante farei os teus desejos. Só se você me estimar como tua amante, não me deixe faltar nada e nunca me abandone.

Te espero às três horas, no lugar de sempre. Não quebro o juramento que fiz, mas você não sei, Antônio.

Sempre fiel,

Ismênia.

PS. De há muito pedi o teu retrato, não serei merecedora? Sofrendo do estômago, tudo por causa do nosso amor. Mande um dinheirinho pelo menino para comprar remédio. Sonhei a noite toda que me traías e não me querias mais, será?

\*

Estimado Antônio.

Saudações.

Esta carta será a última que minha mão te escreve. Ontem choveu teve desculpa, hoje uma bonita noite, esperei até às nove horas, você não veio e sei que sou desprezada.

Ou por que a velha não saiu da sala? Ela pode ficar lá na cozinha. Não se faça de rogado, Antônio. Que horror; depois de combinado você se arrependeu; venha sim?

A que há de ser tua,

Ismênia.

P.S. Peço um dinheirinho pelo menino, estou apurada para pagar uma conta e a pessoa esperando aqui.

[...]

Cavalcante (2011) já reconhecia a função social desses dêiticos quando comenta que os interlocutores modificaram suas escolhas a depender do grau de intimidade que foi se criando entre os amantes. O gênero em que os personagens estão envolvidos é a carta. Percebemos pelas diferentes ocorrências de vocativos o quanto o tratamento de Ismênia por Antônio mudou, no recorte de três cartas apresentado pela autora, o que evidencia a importância da marcação dos dêiticos sociais para a construção dos sentidos nesse texto.

Em segundo lugar, já fora da pessoalidade e dentro da não pessoa de Benveniste, estaria a dêixis espacial, uma dêixis que pauta os espaços pelo ponto de origem dos interlocutores estão na situação imediata encenada, supondo “o traço ostensivo primário” (CAVALCANTE, 2000).

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 90) apresentam o seguinte exemplo para discorrer sobre a dêixis espacial:

#### (5) PIADA DE BÊBADO

Um sujeito, cambaleando pelo estacionamento, estava cutucando a porta de cada carro com uma chave. Veio o guarda e lhe perguntou:

Qual é o problema, meu amigo?  
 E o sujeito responde:  
 Perdi meu carro...  
 O guarda diz:  
 Onde foi que você viu o carro pela última vez?  
 Foi aqui mesmo, na pontinha desta chave...

Segundo os autores, a resposta do bêbado marca uma dêixis espacial por, além de conter demonstrativos, que definem a proximidade da chave em relação ao locutor, e o advérbio de lugar “aqui”, pressupõe o local em que se encontra o locutor para indicar onde se encontram, de fato, a chave (e o carro).

Na escalaridade vislumbrada por Cavalcante (2000), a dêixis temporal estaria situada numa terceira posição quanto ao grau de deiticidade. A autora afirma que a dêixis espacial seria mais básica do que a temporal, atentando também para o fato de que “a metáfora de localização no tempo exprime bem a indissociabilidade das noções espacial e temporal”. Essa indissociabilidade é demonstrada pela autora por meio do seguinte exemplo:

(6) Beberibe fica a uma hora de viagem.

Por fim, Cavalcante (2000) situa a dêixis textual<sup>3</sup> no último grau na escala de subjetividade, uma vez que ela “se aplica a um entorno espaço-temporal metaforizado, embora não represente uma mera transferência da situação comunicativa real para a disposição de conteúdos no texto” (CAVALCANTE, 2000).

Como demonstração, utilizamos o exemplo presente em Cavalcante (2005), a seguir:

(7) A Bunda, que Engraçada  
 (Carlos Drummond de Andrade)  
 A bunda, que engraçada.  
 Está sempre sorrindo, nunca é trágica  
 Não lhe importa o que vai

---

<sup>3</sup> A autora utilizou o termo dêixis discursiva. Optamos por chamá-la de textual por assumir que ela tem função de guiar os interlocutores para algo explícito primeiramente no cotexto. Além disso, não queremos correr o risco de causar confusões terminológicas com o conceito de dêixis discursiva para outras áreas, como a Análise do Discurso de corrente francesa. Segundo Maingueneau e Charaudeau (2004, p. 148), “Em análise do discurso, não se pode contentar em relacionar a dêixis a uma ambiência puramente empírica; é preciso considerar a situação que é pertinente para o gênero de discurso referenciado (...). Acrescenta-se a isso, eventualmente, a situação que constrói o próprio discurso e a partir da qual ele pretende enunciar, sua cena de enunciação; é nessa perspectiva que Maingueneau (1987: 28) fala de **dêixis discursiva**”.

pela frente do corpo. A bunda basta-se.  
 Existe algo mais? Talvez os seios.  
 Ora - murmura a bunda - esses garotos  
 ainda lhes falta muito que estudar.  
 A bunda são duas luas gêmeas  
 em rotundo meneio. Anda por si  
 na cadência mimosa, no milagre  
 de ser duas em uma, plenamente.  
 A bunda se diverte  
 por conta própria. E ama.  
 Na cama agita-se. Montanhas  
 avolumam-se, descem. Ondas batendo  
 numa praia infinita.  
 Lá vai sorrindo a bunda. Vai feliz  
 na carícia de ser e balançar.  
 Esferas harmoniosas sobre o caos.  
 A bunda é a bunda,  
 redundante.

Em Cavalcante (2005), encontramos evidências de dêixis textual em um trabalho que busca diferenciar as formas dêiticas textuais clássicas (normalmente, dêiticos espaciais ou temporais com o fim de orientar o leitor), embora o demonstrativo sirva como orientação especial e como um importante elo coesivo. Contrariamente à decisão de demonstrar um dêitico textual “puro”, a autora busca, com esse exemplo, exatamente mostrar a sobreposição entre tal tipo dêitico e as anáforas. Em Cavalcante (2015), a autora reafirma tal posicionamento, ao dizer que “todo dêitico textual se define, dentre outros aspectos, por seu componente anafórico”.

Outro tipo dêitico passou a ser considerado a partir dos estudos de Apothéloz: a dêixis da memória, definida por Ciulla (2002), que retoma o autor, como a que se refere a “um espaço da memória comum dos interlocutores”. Para demonstrar tal tipo, valemos de um exemplo apresentado pela autora em sua tese de doutorado, a saber, Ciulla (2008):

(8) Aquele tempo em que costumávamos pescar juntos (...).

Mais dois tipos dêiticos, desta vez propostos por Fonseca (1989), compõem o quadro de tipos dêiticos, a saber, o modal e o fictivo.

Segundo Fonseca (1989), a dêixis modal é um subtipo de dêixis indicial, expressa por “assim”, que “permite apontar para movimentos corporais, atitudes e sensações de



várias ordens, fazendo apelo a outros sentidos além da visão e da audição” (FONSECA, 1989, p. 122). A autora também identificou a dêixis modal em ocorrências em que há “circunstância para além dos participantes e suas coordenadas espaço-temporais, mediante o uso do dêitico plurivalente ASSIM” (FONSECA, 1996). Para demonstrar tal tipo dêitico, apresentamos um exemplo do trabalho da autora:

(9) Para a massa ficar leve, é preciso amassá-la assim.

No exemplo acima, há a ocorrência dêitica explicitada pelo vocábulo “assim”, a qual só é compreendida se se considerar a simulação da situação imediata de comunicação. Acreditamos, porém, que outras marcas linguísticas, além do “assim”, podem expressar as circunstâncias em que se encontra o locutor em situações comunicativas.

Por fim, o último tipo dêitico do nosso quadro é a dêixis fictiva, proposta também por Fonseca (1989). Entendemos esse tipo de dêixis como uma nova proposta que se deu a partir da *am phantasma* de Bühler (1982)[1934]. A autora afirma que, nesse tipo de dêixis, há um apontamento para os referentes ou os acontecimentos situados na memória ou na imaginação, presentes num campo mostrativo imaginário, a partir de “uma imagem mental” criada pelo interlocutor para reproduzir e se localizar, instaurando-se como uma nova *origo*. Como exemplo da autora, destacamos:

(10) Na Rotunda da Boavista, estás a ver aquela casa verde, à direita, depois de saíres do Correio? É aí (FONSECA, 1989, p. 221).

Neste exemplo, percebemos que a situação é uma proposta de que o interlocutor imagine um local, que não é o mesmo da situação enunciativa, recuperando-o em sua memória o conhecimento que tem daquela localização. Portanto, é necessário que haja compartilhamento e monitoramento “ficcional” da situação de comunicação.

Neste momento, discutimos sobre a construção da referência pelo auxílio dos dêiticos. Acreditamos que os dêiticos podem auxiliar, ainda, na construção de cenários, mesmo que não diretamente. Não queremos aqui afirmar que são as formas dêiticas as únicas responsáveis por esse efeito. Queremos dizer que os dêiticos são fortes elementos na construção da referência, como podemos observar nos exemplos abaixo, ambos de Toquinho.

(11) O Caderno  
Toquinho

Sou eu que vou seguir você  
Do primeiro rabisco  
Até o bê-a-bá  
Em todos os desenhos  
Coloridos vou estar  
A casa, a montanha  
Duas nuvens no céu  
E um Sol a sorrir no papel

(...)

Sou eu que vou ser seu amigo  
Vou lhe dar abrigo  
Se você quiser  
Quando surgirem  
Seus primeiros raios de mulher  
A vida se abrirá  
Num feroz carrossel  
E você vai rasgar meu papel

O que está escrito em mim  
Comigo ficará guardado  
Se lhe dá prazer  
A vida segue sempre em frente  
O que se há de fazer

(...)

(12) Aquarela  
Toquinho

Numa folha qualquer  
Eu desenho um sol amarelo  
E com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo

Corro o lápis em torno da mão  
E me dou uma luva  
E se faço chover, com dois riscos  
Tenho um guarda-chuva

Se um pinguinho de tinta  
Cai num pedacinho azul do papel  
Num instante imagino  
Uma linda gaivota a voar no céu

(...)

Um menino caminha  
E caminhando chega no muro  
E ali logo em frente a esperar  
Pela gente o futuro está

(...)

Nas canções apresentadas anteriormente, percebemos regularidades quanto à utilização dos dêiticos de vários tipos e a imaginação de cenas que se pretende criar. Os dêiticos pessoais são constantes em ambas, como nos trechos “sou eu”, “vou estar” e “você vai rasgar” da primeira canção e nas desinências de alguns verbos da segunda, como “desenho”, “corro”, “faço chover”, “imagino”, entre outras. Essas formas dêiticas podem servir como indícios para ativar “ações mentais” nos interlocutores, que acabam por reconstruir a cena. A referência é complementada pelas expressões referenciais “a casa”, “a montanha”, “nuvens”, “um sol amarelo”, “um guarda-chuva”, “uma gaivota”, entre outras. Todos os indícios textuais (cotextuais e contextuais, principalmente) levam os interlocutores ativarem os conhecimentos necessários para elaborar os sentidos.

Os dêiticos temporais presentes nas canções têm o mesmo efeito de futuridade, a partir, por exemplo, do “ali” da segunda canção e do “em frente” em ambas, fazendo com que os textos causem em nós a reflexão sobre o tempo na construção da narrativa.

A fim de demonstrar os tipos dêiticos reunidos neste trabalho, e de apresentar características cruciais e exemplos retirados dos trabalhos das três autoras, apresentamos o quadro a seguir, com o intuito de didatizar. A nosso ver, o quadro sintetiza os principais trabalhos do estado da arte – Fonseca (1989); Cavalcante (2000) e Ciulla (2008) – com informações quanto às formas e aos tipos de dêixis sobre o assunto.

Quadro 2 – Quadro resumitivo-comparativo dos tipos de dêixis de trabalhos do estado da arte (continua)

TIPO/AUTORA	FONSECA (1989)	CAVALCANTE (2000)	CIULLA (2008)
DÊIXIS PESSOAL	Representada por marcas da própria estrutura da língua que remetem para a	Tem o maior grau na escala de subjetividade; é o tipo responsável pelas indicações dos	Definida pelas coordenadas de pessoa. Exemplo: Esta carta será a última que

	<p>instância da enunciação. O “eu” das coordenadas dêiticas. “No caso dos pronomes pessoais, é tradicional a definição de três pessoas com base no papel que desempenham no acto da fala: a pessoa que fala (primeira), a "pessoa a quem se fala" (segunda) e a "pessoa de quem se fala" (terceira). (FONSECA, 1989, p. 147) Exemplo: No dia em que <u>estamos</u>.</p>	<p>demais tipos de dêixis. Exemplo: <u>Eu</u> não posso pagar.</p>	<p><u>minha mão</u> te escreve.</p>
<p>DÊIXIS SOCIAL</p>	<p>Indica as dimensões sociais da interação entre os participantes no ato de comunicação, traçando-se “a ponte que permite passar do que costuma chamar-se uma pragmática minimalista para uma pragmática maximalista: do estudo restrito da indexicalidade ao estudo amplo da interacção discursiva.” (FONSECA, 1989, p.183) Exemplo: Ø</p>	<p>É um subgrupo da dêixis pessoal; é expressa por formas de tratamento. Exemplo: <u>Professor</u>, essa frase aqui: “A maioria da turma tiraram nota baixa” está correta?</p>	<p>Institui o eu e o tu da situação, assim como a dêixis pessoal, mas podendo instituir ou enfatizar papéis sociais, hierarquias, gentileza, entre outros. “Muitas vezes, quando conversamos com alguém na presença de outra pessoa e queremos mencioná-la na conversa, evitamos usar o pronome de terceira pessoa “ele” ou “ela”, preferindo dizer “este senhor”, “esta senhora”; isso porque utilizar o pronome de terceira pessoa é excluir esse indivíduo da conversa e seria uma</p>

			maneira indelicada de lhe fazer referência.” (CIULLA, 2008, p.57) Exemplo: Enquanto contava a seu pai como ela havia encontrado <u>este</u> senhor.
DÊIXIS ESPACIAL	Marcada pelo “aqui” no sistema de coordenadas dêiticas. Exemplo: Estou <u>aqui</u> .	Indica os espaços em que os interlocutores estão no contexto de situação imediata; supõe “o traço ostensivo primário”. Exemplo: Você está vendo aquele rapaz <u>à esquerda do coqueiro?</u>	Definida pelas coordenadas de lugar. Exemplo: A pessoa esperando <u>aqui</u> .
DÊIXIS TEMPORAL	Marcada pelo “agora” no sistema de coordenadas dêiticas, a partir do qual se dão as ideias de pretérito e futuridade. Por isso, chamado de “acto de enunciação, momento da enunciação ou instância do discurso. Representada principalmente pelos tempos verbais. Exemplo: Que belo mergulho eu dei <u>agora</u> .	Ocupa o terceiro grau na escala de subjetividade, visto que algumas expressões temporais são úteis para mensurar o lugar, estando, muitas vezes, a serviço dele. Exemplo: <u>Ontem à noite</u> , ouvi o barulho dos bombeiros. No dia seguinte, soube que houve um incêndio num prédio a duas quadras de casa.	Definida pelas coordenadas de tempo. Exemplo: <u>Ontem</u> choveu, teve desculpa, <u>hoje</u> uma bonita noite, esperei até as nove horas.
DÊIXIS TEXTUAL	Caracteriza-se pelo campo mostrativo textual, “no espaço concreto que se gera à volta da “origo”	(DISCURSIVA) Encontra-se no último grau na escala de subjetividade, uma vez que ela “se aplica a um entorno espaço-temporal	(DISCURSIVA) Remete para dentro do próprio texto. Compartilha características com a anáfora.

	<p>enunciativa fundamenta-se a concepção, por analogia, de um espaço textual”. Exemplo: Ø</p>	<p>metaforizado, embora não represente uma mera transferência da situação comunicativa real para a disposição de conteúdos no texto” (CAVALCANTE, 2000). Exemplo: Já foi observado <u>acima</u> que...</p>	<p>Exemplo: <u>Este trabalho</u> compreende parte da análise realizada.</p>
<p>DÊIXIS MEMORIAL</p>	<p>X</p>	<p>X</p>	<p>“[...] é o processo em que se denuncia o posicionamento do enunciador no tempo e no espaço ou em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória –, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente (CIULLA, 2008, p. 73). “um espaço da memória comum dos interlocutores” e se pode observar em exemplos como: Exemplo: <u>Aquele tempo</u> em que costumávamos pescar juntos. Exemplo: <u>Essas roupas</u> que se vestem em festas para reviver os anos 70.</p>
<p>DÊIXIS FICTIVA</p>	<p>Caracterizada como “uma imagem mental” criada pelo interlocutor para reproduzir</p>	<p>X</p>	<p>X</p>

	<p>e se localizar, instaurando-se como uma nova <i>origo</i>.</p> <p>Exemplo: Na Rotunda da Boavista, estás a ver aquela casa verde, à direita, depois de saíres do Correio? É aí (FONSECA, 1989, p. 221).</p> <p>Exemplo: Aqui fica a mesa, ao lado do armário e por baixo do espelho.</p>		
DÊIXIS MODAL	<p>É um subtipo de dêixis indicial, expressa por “assim”, que “permite apontar para movimentos corporais, atitudes e sensações de várias ordens, fazendo apelo a outros sentidos além da visão e da audição” (FONSECA, 1989, p. 122). Também identificada como dêixis em ocorrências em que há “circunstância para além dos participantes e suas coordenadas espaço-temporais, mediante o uso do dêitico pluralente</p>	X	X

	ASSIM” (FONSECA, 1996) Exemplo: Para a massa ficar leve, é preciso amassá-la <u>assim</u> .		
--	--	--	--

Fonte: elaboração própria.

Podemos perceber que Ciulla (2008), além de caracterizar os cinco tipos apresentados em Cavalcante (2000), retoma Apothéloz, trazendo, à divisão dos tipos de dêixis, a dêixis de memória. Este tipo de dêixis é o único, entre os tipos mais consolidados, não definido e caracterizado no trabalho de Fonseca (1989). Além disso, fundamentando-se nos campos definidos inicialmente por Bühler, a autora apresenta mais dois tipos de dêixis, a fictiva e a modal, que integram o quadro geral para reunião de tipos dêiticos, conforme modelo acima.

Desse modo, considerando os tipos dêiticos propostos por trabalhos da fundamentação teórica e do estado da arte, classificamos os tipos dêiticos, pela forma pela qual eles podem ser expressos, mas, sobretudo, pelo caráter funcional, pelos efeitos de sentido que eles desenvolvem nos textos, e os classificamos em:

### Quadro 3 – Quadro resumitivo dos tipos de dêixis

Os oito tipos dêiticos apresentados na literatura
Dêixis Pessoal
Dêixis Social
Dêixis Espacial
Dêixis Temporal
Dêixis Textual
Dêixis Memorial
Dêixis Fictiva
Dêixis Modal

Fonte: elaboração própria.

Cada um dos tipos dêiticos acima elencados e discutidos no decorrer deste trabalho serão analisados quanto à forma com que podem ser expressos e quanto aos efeitos de sentido que eles agregam nos textos no capítulo 6.



Apresentamos, nesse capítulo, concepções de tipos dêiticos discutidos em alguns trabalhos da fundamentação teórica e do estado da arte, além de defendermos alguns conceitos fundamentais que estão diretamente ligados ao nosso objeto de pesquisa: a dêixis, que será analisada neste trabalho tomando como critérios: i) o ponto de origem para a identificação do referente e o campo dêitico simulado, ii) o grau de autorreferencialidade de cada tipo dêitico, iii) o caráter ostensivo da dêixis, iv) as formas dêiticas convencionadas para cada tipo, v) o contexto de produção, vi) o gênero textual, vii) os papéis sociais dos participantes e viii) os efeitos de sentido associados a cada tipo dêitico.

O capítulo que se segue apresenta o nosso posicionamento acerca de algumas noções fundamentais da Linguística Textual que podem ser responsáveis por desestabilizar a noção de dêixis, tais como a noção de referente, que, para nós, não é dado *a priori*, não está no mundo; e a noção de texto, considerando que os referentes para os quais os dêiticos apontam não são extratextuais, mas construídos no próprio texto, que também é composto pelos diversos contextos, desde a situação mais restrita à mais ampla.

### 3 DA IMPORTÂNCIA DOS CONCEITOS-CHAVE DA LINGUÍSTICA TEXTUAL PARA A DÊIXIS

"Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, como **agora**, sobre a relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. (...) Mas, a cada dia, tu poderás sentar um pouco mais perto." (SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. 1943. p. 70)

Com o objetivo de caracterizar a dêixis como processo referencial, percebemos a importância de trazer os conceitos fundamentais para os estudos em referência. Neste trabalho, focalizaremos a expansão dos conceitos de texto e referente, que vêm se modificando, principalmente desde a influência da pragmática e das análises do discurso nos estudos textuais. Isso porque, com o advento da pragmática, houve uma mudança no modo de conceber o texto, que passou a ser visto para além de sua materialidade linguística, uma vez que fatores como o contexto e o uso estão incorporados aos arranjos feitos na organização dos aspectos da textualidade.

Para entender essa imbricação, é necessário conceber a linguagem não apenas como um modo de expressão, mas como práxis social. Como diz Bourdieu (1973, *apud* HANKS, p. 34), as práticas textuais enfocam não objetos acabados, mas processos de construção, redes de interarticulação e tipos de reflexividade, e só podem ser analisadas na consideração dos sentidos reconstruídos a partir do trabalho relacional feito na interpretação.

Hanks (2008) se apoia em Bourdieu para mostrar como a linguagem é interdependente do *habitus*, que equivale a uma espécie de formação social dos interactantes, o que incluiria “a disposição para determinados tipos de uso linguístico, para avaliá-los segundo valores socialmente internalizados e para incorporar a expressão ao gesto, à postura e à produção da fala (HANKS, 2008, p. 36). Para Bourdieu, as práticas de linguagem – e a isso acrescentamos: as práticas textuais – não podem ser explicadas por regras, mas por regularidades de uso, que se estabelecem socialmente por certas disposições e esquemas incorporados que se desestabilizam em parte a cada vez que são atualizados no texto. O *habitus* se constitui na interação entre os interactantes e a noção de *campo*, cunhada pelo autor. Assim explica Hanks (2008, p. 43):

Tal como foi definido na teoria da prática, um campo é uma forma de organização social que apresenta dois aspectos centrais: (a) uma configuração de papéis sociais, de posições dos agentes e de estruturas às quais estas posições se ajustam; (b) o processo histórico no interior do qual estas posições

são efetivamente assumidas, ocupadas pelos agentes (individuais ou coletivos). Por exemplo, se um “professor exigente” ou um “estudante motivado” são posições no campo acadêmico, estas posições são assumidas no decorrer de atividades situadas, tais como seminários de discussão, de classificação e de avaliação. Exemplos clássicos de campos são, inicialmente, o campo da educação, da academia, da produção artística e os campos fundados em disciplinas, tais como o campo da Antropologia e o campo da Linguística, além do campo da religião organizada. A ideia é que cada um destes campos possa ser tratado como um espaço de posições e de tomadas de posição. A exemplo da dualidade de esquemas de percepção e práticas de percepção no *habitus*, a dualidade da posição e da tomada de posição faz de qualquer campo uma forma de organização dinâmica, não uma estrutura fixa.

A visão de texto pela qual propomos rever a concepção de dêixis deve muito a essa ideia de linguagem como práxis, advinda da mútua relação entre *habitus*, campo e texto. Os parâmetros de análise para a interpretação dos sentidos do texto são dados pelo programa analítico da Linguística Textual praticada pelo grupo Protexto: orientação argumentativa dos textos, gêneros do discurso, planos e sequências textuais, coerência e articulação tópica, referenciação, intertextualidade, polifonia e metadiscursividade, principalmente. A caracterização dos dêiticos se insere, mais particularmente, mas não isoladamente, nos estudos da referenciação. Não trabalhamos, portanto, como modelos rígidos, mas com parâmetros regulares que são necessariamente vistos no acontecimento do texto como evento comunicativo.

### **3.1 A noção de texto que sustentamos**

Para este momento do trabalho, consideramos a noção de texto defendida por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), enfatizando, com base em Koch (2002), a importância dos conhecimentos ativados no processo de referenciação, uma vez que os sentidos não estão exatamente no cotexto, mas são construídos pelos interlocutores, que, a partir dele, lançam mão de diversos recursos, tais como intertextualidades, construção de estereótipos, reconhecimento de gêneros textuais, de pontos de vista, entre outros. Especificamente sobre os conhecimentos que se ativam no processo de construção dos sentidos dos textos e da referência, valemo-nos de Cavalcante (2012).

Cavalcante (2012), retomando a caracterização dos conhecimentos presentes em Koch (2002), elenca quais são estes conhecimentos ativados na construção de sentidos de um texto. A autora divide didaticamente, mas enfatiza que o processo de ativação desses conhecimentos se dá de forma simultânea. Os conhecimentos elencados são: linguístico, enciclopédico (conhecimento de mundo) e textual, mas é importante ressaltarmos que não

somente esses fatores contribuem para a interpretação e apreensão dos sentidos, uma vez que a autora apresenta o conceito de texto como uma negociação entre os interlocutores. Por esse motivo, o texto é reelaborado a cada leitura, a partir da colaboração dos interlocutores, não sendo, portanto, uma instância fechada e à qual está atrelado um único sentido. É desse ponto de vista que nos aproximamos, por concebermos que é a partir de simulações de cenas enunciativas que pressupõem o ponto de origem do locutor que os referentes são construídos através de um processo referencial dêitico, negociado e modificado a cada vez, tendo em vista a práxis da linguagem, os aspectos dialógicos e a integração com os diversos campos sociais.

Assim como Cavalcante (2012), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) caracterizam o texto como uma negociação entre os interlocutores e defendem a ideia de que um texto precisa ter unidade de sentido e comunicação, independentemente da extensão que o texto tenha uma unidade de coerência contextualizada. Hoje, a ideia de texto sustentada por Cavalcante (2018) ultrapassa a concepção de intenção como elemento garantidor da coerência, por adotar uma visão de sujeito não totalmente intencional, com absoluto controle sobre seu dizer, mas, sim, de um sujeito ao mesmo tempo intencional e sobredeterminado, em parte, por condicionamentos sócio-históricos.

Além disso, partimos do pressuposto assumido pela Linguística Textual de que o conceito de texto comporta todos os elementos cotextuais e situacionais, ou contextuais em sentido sócio-histórico mais amplo. Isso é fundamental para nosso trabalho, pois, assim, é possível ultrapassar a própria definição de dêiticos como expressões que apontam para aspectos “extralinguísticos” ou “extratextuais” e tomá-los como a manifestação de processos referenciais que consideram, necessariamente, a *origo* da cena enunciativa em que locutor e interlocutor simulam situar-se, cumprindo papéis sociais em dado tipo de interação. Além disso, concebemos o texto como um enunciado, na visão defendida por Bakhtin (1997), portanto como um evento único e irrepetível, o que quer dizer que toda situação de comunicação se dará por enunciados, para nós, equivalentes a textos, com todas as semioses que o constituem. Assim, o texto não é só a materialidade cotextual, nem apenas singularidade cada vez que acontece: o texto é, ao mesmo tempo, o sentido que é negociado a cada vez e o modo como essa coerência contextualizada se acomoda às regularidades de textualização e à orientação argumentativa pretendida.

Outro ponto importante do conceito de enunciado de Bakhtin para o estudo da dêixis é a alternância e a importância dos papéis que os sujeitos ocupam nas situações, pois, para o autor, “a enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer

se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística” (BAKHTIN, 1990, p. 121).

Desse modo, defendemos que, além disso, seria contraditório defender texto como só materialidade, sobretudo quando falamos de processos referenciais dêiticos, pois fatores como a interação entre os interlocutores, os papéis que eles ocupam nas mais diversas situações e o contexto são fundamentais não somente na compreensão como também na elaboração dos textos. Portanto, a interação entre os interlocutores e o contexto são aspectos responsáveis pelas escolhas dos gêneros textuais, das estratégias argumentativas empregadas, entre outros.

### **3.2 A noção de contexto que sustentamos**

Neste trabalho, pretendemos expandir a concepção de contexto ligado à dêixis, abordando não somente o contexto da situação mais restrita de comunicação, mas também o do campo social.

Acreditamos, com base em Hanks (2008), que a dêixis ajuda a formar o próprio contexto em cada ato comunicativo, visto que é a integração entre a ocorrência dêitica e o contexto que faz com que ela se classifique como um dos tipos de referenciação, tendo em vista que a Linguística Textual não concebe texto e contexto como instâncias separadas, mas como indissociáveis. Tal pressuposto desconstrói a noção de coordenadas dêiticas de pessoa, tempo e lugar relacionadas apenas à situação comunicativa imediata e incorpora a tais coordenadas o contexto sócio-histórico em que se inserem, como o tempo e o lugar social em que os atores sociais se incluem, pois, para Hanks (2008, p. 191), “os participantes de qualquer processo de produção do discurso são claramente uma parte-chave do contexto, quer eles se engajem individualmente ou em grupos, quer tratemos o contexto em termos locais ou não locais”. Verificamos, portanto, que, mesmo em um sentido mais alargado de contexto, as coordenadas e os sentidos se dão a partir dos papéis sociais encenados em cada interação socialmente situada.

Para fazer tal relação entre o contexto sócio-histórico mais amplo e as ocorrências dêiticas, nos baseamos em Cavalcante (2015), que, tomando por base o percurso presente em Hanks (2008), discute acerca de usos dêiticos.

Consideramos como importantes critérios para os estudos de dêixis, principalmente ao tratarmos sobre os usos dêiticos, o conceito de campo dêítico e os elementos que o compõem, a saber:

(1) Posições dos agentes comunicativos relativamente aos enquadres de participação que eles ocupam (isto é, quem ocupa as posições de Falante, Destinatário e outras, tal como definido pela língua e pelas práticas comunicativas de seus falantes), (2) posições ocupadas pelos objetos de referência, (3) múltiplas dimensões por meio das quais os agentes têm acesso às posições (HANKS, 2008, p. 209).

Assim, hipotetizamos que é a partir da instauração de um campo dêítico e de uma *origo*, além das posições que interlocutores e referentes ocupam nele que é possível apreender todo o contexto em que a dêixis está inserida. Isso se esclarece pelas análises quanto aos efeitos de sentido criados a partir dos usos dêiticos.

Assim como o conceito de contexto se alarga, também se expande o conceito de situação comunicativa nesta pesquisa. Isso ocorre, sobretudo, porque os estudos relacionados à dêixis analisavam a situação de comunicação mais estrita, isto é, as coordenadas espaçotemporais do contexto mais imediato de comunicação. A situação de comunicação com que lidamos envolve outros aspectos para a compreensão dos sentidos, tais como os papéis sociais que os interlocutores desenvolvem nas interações, os condicionamentos sociais das práticas discursivas, o que objetivam os interlocutores ao produzirem seus textos, o contexto sócio-histórico e cultural mais amplo e a orientação argumentativa de cada texto. A visão de argumentação aqui pressuposta segue o ponto de vista de Amossy (2017), que também adere a uma enunciação em sentido amplo, pois não vê a situação de comunicação como restrita às coordenadas dêíticas, mas como tendo imbricadas nelas todas as restrições do contexto sócio-histórico mais alargado.

Como afirma a autora, todo texto é necessariamente dirigido a um destinatário e visa influenciá-lo quanto a modos de ver, de sentir e de pensar. É uma concepção herdeira do dialogismo, pois admite que todo enunciado é necessariamente orientado para um outro, ao qual ele reage e responde, ainda que implicitamente. O estudo da dêixis, assim pressuposto, não pode deixar de considerar os sentidos do texto como um todo, nem de examinar os efeitos de sentido que imprimem ao texto as escolhas de construções com função dêítica.

### 3.3 A noção de referente e de referenciação que sustentamos

A noção de referência não teve início com os estudos de Linguística Textual. A busca pela compreensão de como se dá a referência é muito antiga. Percebe-se isso nos estudos acerca da referência de áreas mais gerais, como a filosofia da linguagem, os formalismos linguísticos, assim como as teorias da semântica que discutem amplamente a noção de significado associada à noção de referente. No entanto, quando se falava em significado, havia uma ligação muito grande com a noção de denotação, ou seja, fatores como o contexto em que o enunciado havia sido proferido e seu uso não eram considerados. Como atesta Chierchia (2003, p. 36):

Tradicionalmente, tende-se a distinguir a referência ou denotação de um signo, e o seu significado ou sentido. Diz-se que uma expressão denota ou se refere à sua referência, mas “exprime” o seu sentido. Por referência (ou denotação), entende-se geralmente aquilo a que um signo se refere no contexto de emissão. Categorias de expressões diferentes têm referências de tipos diferentes. Um nome próprio, por exemplo, se refere a um indivíduo. Um nome comum, por sua vez, parece se referir a uma classe de indivíduos: o nome comum cavalo se refere à classe dos cavalos.

Nessa perspectiva referencialista, acreditava-se que a referência se dava por motivação dos elementos reais, presentes no mundo, objetos concretos, logo supunha-se que a referência era externa ao indivíduo.

Mas não é. Como explica Marcuschi (em uma conferência proferida na ABrailn, 2001):

(...) a noção de referência adotada não é a das teorias verifuncionais que veem na correspondência linguagem-mundo uma relação biunívoca, numa postura epistemológica realista e com uma significação rígida. No caso, a linguagem, tida como realidade mental, seria um espelhamento do mundo sendo este uma realidade extramental. Daí surgiria a noção de correspondência. Não adotando essa posição, afirmo ser a vericondicionalidade irrelevante para a referenciação, já que esta é uma atividade interativa e não uma relação de correspondência convencional e fixa. Em consequência, a referência será aqui definida como atividade de construção colaborativa de *referentes* como *objetos de discurso* e não *objetos do mundo* (v. Mondada & Dubois, 1995). A ideia central neste ponto é a de que a referência não se dá apenas na relação linguagem – mundo.

Neste trabalho, como nosso comprometimento é com a noção de referente defendida pela Linguística Textual, deixaremos de lado a concepção de outras áreas sobre

ele. O referente é, agora, concebido como elemento que é construído no uso, no momento da situação comunicativa.

Para nós, uma mudança considerável na noção de referente se deu quando o conceito de objetos de mundo foi atualizado para a noção de objetos de discurso. Isso foi proposto, inicialmente, por uma estudiosa da área da ciência da linguagem, Lorenza Mondada (1994), que acredita que os referentes são construções cognitivas do homem negociadas no momento da interação.

Mondada e Dubois (2003) defendem que os objetos do discurso são instáveis, uma vez que são construídos a partir do compartilhamento de sentidos pelos sujeitos envolvidos na atividade comunicativa, dando-se, portanto, “no âmbito de uma concepção discursiva e cognitiva observável nas práticas entre os sujeitos”. Desse modo, os referentes que se erigem nas situações comunicativas podem não ser os mesmos de outras situações, visto que, por não estarem ligados diretamente aos objetos reais, presentes no mundo, eles são cognitivamente e discursivamente criados pelos sujeitos, a depender de cada mudança de contexto de comunicação.

No Brasil, também houve ampla discussão sobre o conceito de referente, principalmente, com os diversos trabalhos de Marcuschi e Koch, entre os quais destacamos, Koch e Marcuschi (1998), que afirmam que o processo de referenciação “se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso”, concordando, assim, com a noção de objetos criados no discurso, no uso, defendida por trabalhos como os de Mondada (1994) e Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), por exemplo, conforme apresentamos abaixo:

Assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados ‘objetos-de-discurso’ não preexistem ‘naturalmente’ à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos - fundamentalmente culturais - desta atividade (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, 228).

Em estudos mais recentes, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) assumem o processo da construção de referentes como dinâmico e definido a partir do contexto em que os interlocutores se encontram, da negociação de sentidos entre eles e da situação sociocognitivo-discursiva em que o momento da enunciação está inserido.

É nesta noção de referente e referenciação que nos apoiamos: a referenciação como um processo de ativação e mudança de referentes, fundamentada na relação entre



os interlocutores da situação enunciativa ampla, e os referentes como escolhas mutáveis de acordo com o contexto da situação em que os interlocutores estão inseridos.

## 4 DA RELAÇÃO DA DÊIXIS COM OS DEMAIS PROCESSOS REFERENCIAIS

“De tudo, ficaram **três coisas**: a certeza de que estamos começando, a certeza de que é preciso continuar e a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar. Façamos da interrupção um caminho novo.” (SABINO, Fernando. O encontro marcado. 1956, p. 154)

Nesta seção do trabalho, discorreremos sobre os critérios que definem cada um dos processos referenciais e de que modo os tipos de dêixis podem se sobrepor, por mais que a literatura sobre o assunto costume classificar, nos textos, tanto os processos referenciais quanto os tipos dêiticos isoladamente. Acreditamos que isso é feito apenas por uma preocupação didática e tipológica, bem como com a finalidade de respeitar os objetivos das pesquisas sobre o assunto.

A questão para a qual se deve atentar é que somente introdução referencial e anáfora opõem-se entre si. Assim, a dêixis, como processo referencial, já não mantém com os outros processos a mesma simetria de oposição. É por isso que estamos sustentando, neste trabalho, que uma construção de função dêitica pode ora introduzir referentes, ora retomá-los em função cumulativamente anafórica, como demonstramos em alguns momentos em nossa análise.

### 4.1 Os demais processos referenciais

Embora nosso trabalho tenha foco na dêixis, julgamos necessário fazer relação com os demais processos referenciais. Para isso, utilizamos, principalmente, as definições de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) para definir os processos de referenciação, por nos parecer o trabalho que os trata mais criteriosamente (e didaticamente) ao descrevê-los.

Nesse estudo, tais processos encontram-se subdivididos em introdução referencial, anáforas e dêixis. Além disso, como os critérios que definem a dêixis são diferentes e não excludentes dos que definem as introduções referenciais e as anáforas, lidamos também, em parte, com eles, uma vez que encontramos, no nosso *corpus*, ocorrências híbridas. Na verdade, reivindicamos, nesta dissertação, que todo uso dêitico é híbrido em relação aos demais processos, porque ou é também uma introdução

referencial, ou é uma anáfora. A recíproca, todavia, não é verdadeira, pois nem toda construção introdutória ou anafórica exerce uma função dêitica.

Precisamos atentar, no entanto, para o fato de que não é preocupação neste trabalho classificar os processos dêiticos do *corpus* quanto à introdução ou retomada de referentes, mas, sim, quanto aos aspectos dêiticos que eles possam comportar. Por isso, as explicações acerca dos dêiticos presentes no capítulo de análises não enfatizam o processo de introdução ou de retomada de referentes.

#### ***4.1.1 A introdução referencial e as anáforas***

A introdução referencial se dá quando um referente aparece pela primeira vez no texto. Ela pode se manifestar de diversas formas: por expressões referenciais, por imagens, por dêiticos, entre outras. Diferentemente das introduções referenciais, as anáforas se dão quando os referentes já “inaugurados” são retomados, sendo sempre recategorizados, ou seja, os referentes vão se modificando, “evoluindo”, no decorrer do texto. A retomada anafórica pode acontecer de diferentes maneiras, tanto direta quanto indiretamente. É na anáfora direta, também chamada correferencial, que a retomada do mesmo referente acontece. Nas anáforas indiretas, ocorre a associação entre referentes distintos.

As anáforas, tanto diretas quanto indiretas, podem ancorar em diversas pistas cotextuais e contextuais e promovem recategorizações dos referentes. Por vezes, os referentes são recategorizados a partir de lexemas, normalmente de cunho avaliativo. Desse modo, mesmo parecendo implícito, um ponto de vista subjaz à forma de expressar o referente. Os interlocutores não escolhem de forma neutra e ingênua a maneira de progredir no texto e retomar os referentes.

Vejamos, apenas de forma breve, como se dão os processos referenciais nos exemplos abaixo, presentes em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

(13) “PAI,  
Este retrato é mais  
 e mais que a pedra branca,  
 mais que a data sempre.  
 E mais que um nome,  
 que um eco  
 nunca mais.  
 [Ø] É o que salta seu

e o assalto de não ser.  
 Sou eu  
 riscada em molde.  
 O que condenei  
 que cresceu em mim.  
 É vivo fitá-lo assim  
 remendado do que foi.  
 É querer fincá-lo doce,  
 envolvido, e não sofrer.  
 É a certeza má  
 de que este retrato é mais  
 e será mais  
 do que você.  
 Você, que o tempo  
 sobre o tempo,  
 impenetrado,  
 levará de mim.”  
 (Mônica Magalhães Cavalcante)

- (14) “– Papai, por que você não coloca meu marido no lugar do seu sócio que acaba de falecer?  
 – Conversa com o pessoal da funerária. Por mim, tudo bem.”

Sabemos que, nos textos, todos os referentes que aparecem pela primeira vez são introduções referenciais, mas, a título de exemplificação, destacaremos somente um tipo de cada processo referencial. Desse modo, tanto em (13) quanto em (14), as expressões “Pai” e “papai” são os indícios mais prováveis de introduções referenciais.

O mesmo ocorre para as anáforas diretas e indiretas. Em (13), “[n]a elipse de “ele”, o retrato, o coenunciador sabe tratar-se da mesma entidade” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 55), tendo, deste modo, um caso de anáfora direta, em que o mesmo referente é retomado. Em (14), o referente “funerária”, embora apareça pela primeira vez no contexto, já está ancorado em outro referente: o falecimento, o que faz com que funerária seja uma anáfora indireta, isto é, é um referente “novo”, mas ancorado em pistas diversas, dentre elas a lexical, que remete ao significado de *funerária* como empresa comercial que se destina a realizar cerimônias de sepultamento, com o falecimento de alguém. O esquema relacionado ao ritual desse tipo de cerimônia advém do conhecimento das práticas sociais da nossa cultura. Essa integração entre conhecimentos linguísticos e pragmático-discursivos de um campo social é que nos permite afirmar que o referente já foi introduzido no texto, por isso a expressão “funerária” não considerada uma introdução referencial.

Os anafóricos teriam, portanto, um caráter representativo dos referentes dos quais o texto trata. Conforme citado anteriormente, as anáforas não necessariamente são explicitadas por pistas ancoradas no cotexto, pois, muitas vezes, os indícios cotextuais não são fornecidos por expressões referenciais, mas por quaisquer outras construções que possam confirmar ou desconfirmar as trilhas do referente.

As definições de anáfora e de dêixis sofreram sensíveis modificações, sobretudo no Brasil a partir de estudos de Koch e Marcuschi (1998). Nos estudos de Linguística Textual, por vezes, a introdução referencial e a anáfora foram associadas a expressões referenciais, mas essa vinculação vem sendo superada nos estudos atuais. Consideramos discussões presentes em Cavalcante (2000) e em Ciulla (2008) sobre o hibridismo entre dêixis e anáforas, dentre outros trabalhos.

Sabemos que várias são as formas pelas quais os referentes se introduzem nos textos, como as clássicas expressões referenciais, as imagens, as expressões referenciais que contêm um elemento dêitico, entre outras.

No exemplo apresentado a seguir, temos uma introdução referencial dêitica, já que, ao introduzir o referente, ela aponta para elementos presentes na e recuperáveis somente pela situação enunciativa simulada na interação.

Além disso, os termos dêiticos (destacamos aqui o “você – introdução referencial”) são atualizados a cada momento de enunciação, assim é possível que o referente ao qual “você” se refere mude. Sabemos que no exemplo apresentado há outros dêiticos, mas não nos deteremos na análise de tais termos para os propósitos deste momento. Os dêiticos pessoais do texto a seguir apresentam um caráter de identificação de um “você” a cada “eu” que proferir o enunciado.

(15) “Velha Infância  
 (Tribalistas)  
Você é assim  
 Um sonho pra mim  
 E quando eu não te vejo  
 Eu penso em você  
 Desde o amanhecer  
 Até quando eu me deito  
 Eu gosto de você  
 E gosto de ficar com você  
 Meu riso é tão feliz contigo  
 O meu melhor amigo  
 É o meu amor  
 E a gente canta

E a gente dança  
 E a gente não se cansa  
 De ser criança  
 A gente brinca  
 Na nossa velha infância  
 Seus olhos, meu clarão  
 Me guiam dentro da escuridão  
 Seus pés me abrem o caminho  
 Eu sigo e nunca me sinto só  
 Você é assim  
 Um sonho pra mim  
 Quero te encher de beijos  
 Eu penso em você  
 Desde o amanhecer  
 Até quando eu me deito  
 Eu gosto de você  
 E gosto de ficar com você  
 Meu riso é tão feliz contigo  
 O meu melhor amigo  
 É o meu amor [...]”

Sabemos que a questão do hibridismo deve ainda ser aprofundada, em pesquisas futuras, mas, neste trabalho, assumimos a posição de que um dêitico ou funciona como introdução referencial ou como anáfora. Não vislumbramos a possibilidade de ele ser outra coisa além disso. Por isso, afirmamos que toda forma dêitica “é”, e não “pode ser”, uma introdução referencial ou anáfora. Os dêiticos são capazes de ora inaugurarem referentes no texto, ora retomarem referentes já apresentados. Já o contrário não é válido, uma vez que nem todas as introduções referenciais e anáforas cumpre função dêitica.

#### ***4.1.2 Alguns efeitos de sentido dos dêiticos***

Neste item, elencamos brevemente alguns efeitos de sentido que construções com função dêitica podem desempenhar. Destacamos comentários e exemplos do livro *Referenciação – sobre coisas ditas e não ditas* a fim de enfatizar que algumas dessas funções, que já foram elencadas, portanto, em Cavalcante (2011) estarão presentes em nossas análises.

a) Os dêiticos pessoais

Cavalcante (2011) apresenta sobre os dêiticos pessoais o fato de eles se remeterem aos sujeitos da enunciação, enquanto outras formas dêiticas não pessoais pressupõem os interlocutores para inferir o posicionamento espacial e temporal. Concorde, desse modo, com Cavalcante (2000) acerca do caráter autorreferencial dos dêiticos pessoais. Hipotetizamos que esse caráter autorreferencial é responsável por gerar o sentido de identificação entre os interlocutores, como pretendemos comprovar nas análises.

#### b) Os dêiticos sociais

Na mesma obra, a autora atenta para os efeitos que os dêiticos sociais podem ter, demonstrando que eles podem expressar relações em sociedade, níveis de maior ou menor formalidade, intimidade entre os interlocutores ou polidez. Isso porque os interlocutores utilizam estratégias, dentre as quais estão os usos de formas dêiticas para se reportarem ao outro em determinadas situações, para demonstrar sua face positiva, por um lado, e ocultar sua face positiva, por outro.

#### c) Os dêiticos espaciais

Os dêiticos espaciais são tomados em relação ao ponto de origem do locutor. Só figuram como ocorrências dêiticas as situações em que exigirem uma pressuposição do *aqui* do locutor. Sem a informação do ponto de origem do locutor a recuperação do referente fica comprometida.

#### d) Os dêiticos temporais

Os dêiticos temporais, assim como os espaciais são tomados em relação ao ponto de origem do locutor. Só figuram como ocorrências dêiticas as situações em que exigirem uma pressuposição do *agora* do locutor. Sem a informação do ponto de origem do locutor a recuperação do referente fica comprometida.

#### e) Os dêiticos textuais

Cavalcante (2011) considera que os dêiticos textuais são aqueles que se orientam pela posição do último enunciado no cotexto. Diferentemente dos demais tipos de dêixis, a dêixis textual toma como ponto de origem da enunciação a organização das palavras no espaço do cotexto.

Normalmente marcado por tipos dêiticos espaciais e temporais, a autora afirma que não somente os advérbios podem desempenhar esse papel de organizador textual, mas também os demonstrativos, especificamente o par contrastivo *este/esse*, servindo, por exemplo, a uma função de ordenação de referentes mencionados no cotexto, ao mesmo tempo em que imprimem a eles maior saliência discursiva. Um dos efeitos de sentido da dêixis textual nesse livro, portanto, é a ênfase dada pelo uso desse tipo dêitico nos textos, pelo caráter de chamar a atenção do interlocutor, ou ainda pelo valor afetivo do uso do “este”, que acaba por marcar de forma enfática o que o enunciador deseja trazer para perto de si, o objeto de discurso a que se refere.

#### f) Os dêiticos memoriais

Em *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*, tem-se que, na ocorrência de dêiticos memoriais, é como se o demonstrativo (forma tradicional desse tipo dêitico) fornecesse uma indicação linguística de que o campo dêitico saliente para a localização do referente mencionado é o campo da memória, não apenas o da situação comunicativa, nem o do cotexto.

A autora destaca o apelo à memória e ao tempo como efeito de sentido desse tipo de dêixis, a partir de um efeito de aproximação ou distanciamento dos objetos de discurso em relação aos interlocutores.

Em suma, quanto aos efeitos de sentidos dos dêiticos que encontramos nesse trabalho, destacam-se certos efeitos de expressividade, de emotividade, de (des)comprometimento, dentre outras motivações estilísticas e/ou modalizadoras do discurso.

A seguir, apresentamos nossa seção de metodologia, com detalhamentos da pesquisa desenvolvida.



## 5 METODOLOGIA

“Sempre disse e aqui reafirmo que o destino é o mais fértil dos ficcionistas, **aquele** capaz de todas as tramas e enredos. Um dia terei saudades **destas** árvores.” (CAMPOS, Moreira. Porta de academia.)<sup>4</sup>

### 5.1 Método de abordagem

Com base nas considerações de Marconi e Lakatos (2001), definimos o nosso método de abordagem como sendo de caráter dedutivo, pois partimos das lacunas nos estudos sobre o fenômeno da dêixis, formulando hipóteses sobre a relação entre as formas dos tipos dêiticos, o conceito de dêixis e os efeitos de sentido que cada tipo pode exercer em contextos de uso. Para isso, demonstramos, neste trabalho, como os diferentes subtipos de dêixis são marcados, a partir de um extenso *corpus* de textos de gêneros diversos, a fim de investigar quais critérios definem os tipos dêiticos e se esse processo referencial de fato se dá somente pelas formas tradicionais nas mais diversas situações comunicativas.

No entanto, percebemos que a pesquisa acabou por ter também um caráter indutivo, uma vez que, quando fomos aos textos do *corpus* para proceder às análises, encontramos, especificamente no *corpus*, hipóteses as quais não esperávamos encontrar, como alguns efeitos de função dêitica expressos não necessariamente por formas tradicionalmente dêiticas. Portanto, os dados também foram responsáveis por nos fazer hipotetizar novos problemas e questionamentos sobre o assunto.

### 5.2 Tipo de pesquisa

Com base em Gil (1999), nossa pesquisa, quanto aos objetivos, classifica-se como do tipo explicativa, pois as formas que definem os tipos dêiticos estão sendo descritas, a partir de estudos anteriores, a fim de apresentarmos regularidades e diferenças entre os trabalhos selecionados. Isso se deve ao fato de objetivarmos descrever criticamente os subtipos de processos referenciais dêiticos a partir da demonstração da dêixis em gêneros

---

<sup>4</sup> Texto de autoria de Moreira Campos datado de 05 de agosto de 1990, afixado na frente do bloco onde funcionam o Programa de Pós-graduação em Linguística e o Departamento de Letras Vernáculas. No mesmo bloco, funcionavam o Departamento de Literatura e o Programa de Pós-graduação em Letras.

diversificados e, ao final do trabalho, propor uma nova classificação do quadro dêitico, ampliando e organizando o quadro de tipos dêiticos mais clássicos, com o acréscimo dos outros subtipos de dêixis apresentados por Fonseca (1989). Além disso, nossa análise conterà também uma etapa em que o corpus será examinado pelos efeitos de sentido que os dêiticos provocam nos textos analisados. Isso, no entanto, não significa dizer que pretendemos tipologizar funções discursivas de tipos dêiticos, mas, sim, observar o funcionamento da dêixis em contextos de uso, para abstrair, a partir de exemplos específicos, regularidades de efeitos de sentido, que podem diretamente se ligar, por exemplo, ao caráter metadiscursivo dos dêiticos, ao uso dos dêiticos com vistas à preservação de face e à polidez linguística, ou, por outro lado, a uma visão enfática que os dêiticos podem indicar, bem como à marcação de pontos de vista dos interlocutores pela utilização dos dêiticos, marcando, assim, uma orientação argumentativa.

### **5.3 Delimitação do universo e amostra**

Neste trabalho, objetivamos chegar a regularidades na definição de dêixis, na descrição dos tipos dêiticos e no acréscimo de tipos de dêixis via demonstração de um *corpus* composto por textos de gêneros diversos. Para tanto, analisamos textos com gênero e conteúdo temático diversificados, pois o que pretendemos verificar não está relacionado à temática ou à ocorrência de dêixis em determinado gênero e, sim, à manifestação do fenômeno discutido. Discutiremos, ainda, os efeitos de sentido que os dêiticos podem trazer aos textos.

### **5.4 Técnicas**

Com relação aos procedimentos técnicos, realizamos uma pesquisa bibliográfica, de acordo com a caracterização de Gil (1999). A pesquisa bibliográfica foi feita desde o primeiro semestre do mestrado, a partir da coleta de teses, dissertações e artigos que tratam do assunto, uma vez que nosso objetivo maior é propor um quadro geral para a reunião dos tipos de dêixis. No entanto, este trabalho perdurou até o momento da escrita desta dissertação de mestrado, uma vez que a seleção dos trabalhos e a impossibilidade de uma ampla pesquisa bibliográfica ser um trabalho árduo, sobretudo, em se tratando do curto período que o mestrado compreende.

Para tanto, acessamos algumas bases de pesquisas de trabalhos acadêmicos (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD –, Banco de Teses e Dissertações da Capes, Portal de Periódicos da Capes, Scopus, Scielo, Elsevier) com buscas voltadas para assuntos relacionados especificamente ao aspecto particular de pesquisa: aos tipos de dêixis, bem como a traços relacionados a aspectos gerais de pesquisa, à dêixis e à área em que está inserida: a referência. Em seguida, organizamos os títulos dos trabalhos e os links para acesso em planilhas do Excel conforme a relevância que possam ter para nosso trabalho, a partir da leitura de todos os títulos e resumos. Após isso, procedemos à seleção dos que estão ligados à área específica de pesquisa: os tipos de dêixis.

Depois disso, inevitavelmente, precisamos optar pelos trabalhos que mais se aproximavam das classificações de tipos dêiticos de forma geral, escolhendo esses em relação a trabalhos que tratam especificamente de um tipo dêitico, aplicando-o ou caracterizando-o, por exemplo.

Pretendemos, com essas buscas e com a organização dos trabalhos do estado da arte, descrever e sintetizar a caracterização de cada um dos tipos de dêixis já propostos: os seis tipos mais consolidados, com o acréscimo dos tipos propostos por Fonseca (1989).

## **5.5 Descrição da coleta dos dados**

Os textos que compõem nosso *corpus* configuram-se como resultado dos nossos estágios de docência: “Estágio de docência I” e “Estágio de docência em Linguística I” das disciplinas de Texto e Discurso e Linguística de Texto, dos semestres 2017.2 e 2018.1, respectivamente.

Pelo alto número de textos coletados, optamos por, na exemplificação dos tipos, apresentar recortes dos textos apenas para demonstrar os tipos dêiticos. Os textos da análise, na íntegra, constam em nosso anexo.

## **5.6 Procedimentos de análise dos dados**

Utilizamos um *corpus* composto por textos de gêneros diversos apenas para, num primeiro momento, demonstrar que o uso das formas dêiticas e para evidenciar alguns efeitos de sentido engatilhados por elas. Mesmo não focalizando a influência das práticas do gênero sobre a dêixis, este trabalho reconhece a importância dessa relação, mas se volta mais para colaborar com a teoria do que para aplicar a teoria a determinado gênero.

Como *corpus* de demonstração desta pesquisa, coletamos com os alunos das disciplinas Texto e Discurso e Linguística de Texto, como atividade primordial dos estágios do mestrado, textos de gêneros diversificados, independentemente do tema que eles abordassem. Optamos por não escolher um único gênero ou tema porque, neste trabalho, o que nos interessa é a verificação de como ocorre o fenômeno e que efeitos de sentido ele traz aos textos, uma vez que a dêixis, por ser um processo referencial, perpassa qualquer tipo de texto. Consideramos, todavia, nos exemplos selecionados, também as interações diretas (mais estritas) entre os interlocutores ou entre as indicações do enunciador em relação à situação comunicativa imediata e as interações mais amplas, levando em conta o contexto sócio-histórico e os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores, por exemplo. Essa decisão não nos impede, todavia, de tecer comentários sobre as práticas discursivas dos gêneros em que as construções dêiticas são empregadas.

Para interpretar esses dados, consideramos, como ponto de partida, as diferentes marcas dêiticas presentes nos textos e, ao procedermos à análise do *corpus*, identificamos de que forma os tipos podem se sobrepor. Nossa análise está composta, ainda, por uma outra etapa, que consiste em refletir sobre como se dão os diferentes efeitos de sentido nos textos em análise, observando o funcionamento da dêixis em contextos específicos de uso, a fim de abstrair algumas regularidades funcionais.

Assim, nosso capítulo de análise encontra-se dividido em dois momentos: um que se vale de uma noção mais estrita de enunciação e outro que extrapola as análises para uma noção mais ampla de enunciação, considerando, até mesmo, regularidades genéricas.

Na primeira parte da análise, é proposta uma redefinição dos casos de dêixis, apresentando critérios de análise, como: o ponto de origem para a identificação do referente, o grau de autorreferencialidade, o caráter ostensivo da dêixis e as formas dêiticas convencionadas para cada tipo.

A segunda parte da análise consiste no levantamento de possíveis efeitos de sentido associados a cada tipo dêitico e em uma análise empírica para comprovar se alguns dos traços propostos, de fato, se confirmam e se outros podem ser indicados, com a observação do contexto social do texto. Para isso, utilizamos os mesmos exemplos da primeira parte da análise, desse modo, buscando uma análise mais exhaustiva quanto fosse possível nesse curto período do mestrado.

Nossa análise, presente no próximo capítulo, encontra-se dividida em duas partes, de acordo com os objetivos e os critérios que se seguem:

Na primeira parte, a fim de caracterizar os tipos dêiticos, analisaremos:

- i. o ponto de origem para a identificação do referente e o campo dêitico simulado;
- ii. o grau de autorreferencialidade de cada tipo dêitico;
- iii. o caráter ostensivo da dêixis;
- iv. as formas dêiticas convencionadas para cada tipo.

Na segunda parte, com a intenção de analisar efeitos de sentido que os tipos dêiticos surtem nos textos, atentaremos para:

- i. o contexto de produção;
- ii. o gênero textual;
- iii. os papéis sociais dos participantes;
- iv. os efeitos de sentido associados a cada tipo dêitico.

Procederemos, a seguir, à análise do *corpus* para a verificação das hipóteses.

## 6 ANÁLISE DO *CORPUS* PARA UMA PROPOSTA DE TIPOS DO QUADRO DÊITICO

“A manhã era linda. **Veio por ali fora**, modesta e negra, esparecendo as suas borboletices, sob a vasta cúpula de um céu azul, que é sempre azul, para todas as asas. **Passa** pela minha janela, **entra** e **dá comigo**. (...) descreveu infinitas voltas em torno do meu corpo, e viu que me movia, que tinha olhos, braços, pernas, um ar divino, uma estatura colossal. Então disse consigo: Este é provavelmente o inventor das borboletas.” (ASSIS, Machado de. *A Borboleta Preta*. 1994, p. 42)

Conforme já apresentamos, o principal objetivo deste trabalho é organizar os tipos dêiticos já apresentados pela literatura especializada, reunindo mais dois tipos de dêixis: a fictiva e a modal, conforme apontem, respectivamente, para situações criadas fictivamente e para modos como os interlocutores se encontram no momento da enunciação. Já demonstramos modelos de proposta de quadros nos quais nos baseamos para reunir os tipos dêiticos, contrapondo aspectos e características de cada um dos tipos de dêixis e as definições do fenômeno.

Neste momento, propomos uma reflexão acerca dos tipos dêiticos, demonstrando como eles podem se sobrepor e, em algumas vezes, como um tipo dêitico se utiliza de formas de outro tipo para ocorrer nos textos, a partir de alguns textos do *corpus* que organizamos durante os estágios de docência.

Nossa análise está dividida em dois momentos: o primeiro, em que buscamos propor uma redefinição dos casos de dêixis, tendo em conta alguns parâmetros como: i) o ponto de origem para a identificação do referente e o campo dêitico simulado, ii) o grau de autorreferencialidade de cada tipo dêitico, iii) o caráter ostensivo da dêixis e iv) as formas dêiticas convencionadas para cada tipo.

O segundo momento da análise se propõe a apresentar o levantamento dos possíveis efeitos de sentido associados a cada tipo dêitico a fim de comprovar se os traços propostos, de fato, se confirmam ou se aparecem outros. Para isso, utilizamos os mesmos textos do *corpus* presentes na primeira parte da análise para a demonstração.

### 6.1 Análise quanto à *origo*, à autorreferencialidade, ao caráter ostensivo e às formas dêiticas

Nesta parte da análise, apresentamos discussões acerca: i) do ponto de origem (*origo*) para a identificação do referente, ii) do grau de autorreferencialidade, iii) do caráter ostensivo da dêixis e iv) das formas dêiticas gramaticalizadas para cada tipo. Por questões metodológicas e didáticas, percorremos uma divisão dos exemplos destacando os traços por tipos de dêixis, o que, porém, não impossibilita que tenhamos comentários sobre mais de um tipo dêítico presente no exemplo analisado.

Criamos o quadro abaixo para sintetizar as características de cada um dos tipos dêíticos de forma resumida, enfatizando que elas serão apresentadas separadamente para fins didáticos.

Quadro 4 – Quadro sobre relação entre características e tipos de dêixis (continua)

Característica/ Tipo	Dêixis pessoal	Dêixis social	Dêixis espacial	Dêixis temporal	Dêixis textual	Dêixis memorial	Dêixis fictiva	Dêixis modal
<i>Origo</i> pressuposta	X	X	X	X	X	X	X	X
Nova <i>origo</i> instaurada							X	
Referência a pessoas	X							
Referência à não pessoa			X	X	X	X	X	X
Pressuposição de distância/ aproximação social dos participantes		X						
Pressuposição do espaço da situação enunciativa			X			X		
Pressuposição do tempo da situação enunciativa				X	X			
Pressuposição do tempo metaforizado da memória						X		

Ostensão a pessoas do discurso	X	X						
Ostensão à não pessoa				X	X	X	X	X
Ostensão ao espaço da situação enunciativa		X						X
Ostensão ao tempo da situação comunicativa				X				
Ostensão ao modo da situação enunciativa								X
Ostensão ao espaço-tempo metaforizado do cotexto					X			
Ostensão ao espaço-tempo fictivo			X	X			X	X

Fonte: elaboração própria

### 6.1.1 Os dêiticos pessoais

Como dissemos, a dêixis pessoal é caracterizada pela literatura sobre o assunto como fenômeno definido pelas coordenadas de pessoa. Por remeter diretamente às pessoas da situação enunciativa simulada, é a que, segundo Cavalcante (2000), teria maior grau de deiticidade, se considerarmos que o traço comum a todo processo referencial dêitico é a pressuposição de um ponto de origem (*origo*) do locutor em relação a seu interlocutor. Os dêiticos pessoais são gramaticalmente formalizados por pronomes pessoais.

DÊIXIS PESSOAL	Representada por marcas da própria estrutura da língua que remetem para a instância da enunciação. O “eu”	Tem o maior grau na escala de subjetividade; é o tipo responsável pelas indicações dos	Definida pelas coordenadas de pessoa.
----------------	---	--	---------------------------------------



	das coordenadas dêiticas. Pronomes pessoais.	demais tipos de dêixis.	
--	---	-------------------------	--

Verifiquemos o seguinte exemplo:

(16) “No quarto, desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel de dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava calado e zeloso. Uma fada invisível desceu ali, e me disse em voz igualmente macia e cálida: “Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz.”” (ASSIS, Machado de. 1994, p. 92)

O “tu” nesse exemplo é instaurado e claramente marcado pelas aspas, que indicam a voz de um outro que fará o papel de locutor no momento de fala. Desse modo, percebemos o papel intersubjetivo, uma vez que Bentinho, que ocupava o papel de “eu” – que pode ser percebido pelo trecho “me disse” –, passa a ser “tu” neste outro momento, já que o papel de “eu” é agora ocupado pela fada que com ele fala.

### 6.1.2 Os dêiticos sociais

Os dêiticos sociais são colocados por Cavalcante (2000) como um subgrupo da dêixis pessoal. Do mesmo modo, Ciulla (2008) afirma que formas dêiticas sociais instituem o eu e o tu da situação comunicativa. No entanto, mais do que instaurar os participantes diretos da comunicação, tais formas servem para indicar as relações entre eles, bem como para revelar os papéis sociais que eles desempenham na situação enunciativa.

DÊIXIS SOCIAL	Indica as relações sociais da interação entre os participantes no ato de comunicação.	É um subgrupo da dêixis pessoal Marcas de expressão: pronomes de tratamento.	Institui o eu e o tu da situação, assim como a dêixis pessoal.
---------------	---	---	--

Os dois exemplos a seguir podem confirmar esses traços apontados:

(17) “Seu dotô me conhece?”

Seu dotô, só me parece  
Que o sinhô não me conhece

Nunca sôbe quem sou eu  
 Nunca viu minha paioça,  
 Minha muié, minha roça,  
 E os fio que Deus me deu.

Se não sabe, escute agora,  
 Que eu vô contá minha história,  
 Tenha a bondade de ouvi:  
 Eu sou da crasse matuta,  
 Da crasse que não desfruta  
 Das riqueza do Brasil.

Sou aquele que conhece  
 As privação que padece  
 O mais pobre camponês;  
 Tenho passado na vida  
 De cinco mês em seguida  
 Sem comê carne uma vez.

(...)

Sou o mendigo sem sossego  
 Que por não achá emprego  
 Se vê forçado a seguir  
 Sem direção e sem norte,  
 Envergonhado da sorte,  
 De porta em porta a pedir.

Sou aquele desgraçado,  
 Que nos ano atravessado  
 Vai batê no Maranhão,  
 Sujeito a todo o matrato,  
 Bicho de pé, carrapato,  
 E os ataques de sezão.

Senhô dotô, não se enfade  
 Vá guardando essa verdade  
 Na memória, pode crê  
 Que sou aquele operário  
 Que ganha um nobre salário  
 Que não dá nem pra comê

Sou ele todo, em carne e osso,  
 Muitas vez, não tenho armoço  
 Nem também o que jantá;  
 Eu sou aquele rocêro,  
 Sem camisa e sem dínhero,  
 Cantado por Juvená.

Sim, por Juvená Galeno,

O poeta, aquele geno,  
 O maió dos trovadô,  
 Aquele coração nobre  
 Que a minha vida de pobre  
 Muito sentido cantou.

Há mais de cem ano eu vivo  
 Nesta vida de cativo  
 E a potreção não chegou;  
 Sofro munto e corro estreito,  
 Inda tou do mermo jeito  
 Que Juvená me deixou.

Sofrendo a mesma sentença  
 Tou quase perdendo a crença,  
 E pra ninguém se enganá  
 Vou deixá o meu nome aqui:  
 Eu sou fio do Brasil,  
 E o meu nome é Ceará.”  
 (ASSARÉ, Patativa do.1956.)

O poema acima, de autoria de Patativa do Assaré, compõe nosso *corpus* e está aqui destacado para demonstrar alguns pontos interessantes acerca do estudo da dêixis social. Dele, destacamos casos de dêixis social, tais como “seu dotô” e “o sinhô”. As discussões acerca do limite entre a dêixis pessoal e a dêixis social são frequentes. Isso porque ambas as formas têm, como principal função, estabelecer a relação entre os actantes da interação. No entanto, nos casos destacados, ainda que ela pareça intersubstituível com a forma “tu”, visto que também instaura, na enunciação, a segunda pessoa, com quem o enunciador fala, queremos salientar que não se trata de um dêitico pessoal, conforme argumentamos em Ciulla e Martins (2017). Neste ponto, discordando de Cavalcante (2000), quando a autora considera a dêixis social como um subtipo de dêixis pessoal, pois a função dos dêiticos sociais é outra.

Acreditamos que o uso de uma outra forma para instaurar um tu se deve a estratégias que estão além de um “chamamento” ou que desempenham uma simples função fática, de “início de conversa”, por exemplo. Não é a forma em si que caracteriza os tipos pessoal e social, mas o emprego em contexto. Por exemplo, em algumas variantes da língua portuguesa o uso de “tu” pode significar maior proximidade com quem se fala. Por mais que pareça ser uma simples marca para evocar o outro, é somente a partir do contexto que podemos saber se se trata de um uso mais agressivo, mais afetivo, entre outros.

No *corpus*, percebemos que grande parte dos casos de dêixis social é composta por vocativos. Mas queremos enfatizar a importância dos pronomes de tratamento para tal fim. Alguns deles têm uso estabilizado – e quase obrigatório – na língua, como Vossa Excelência. Acreditamos que, a depender do contexto de uso, o emprego de formas dêiticas que expressam hierarquias, relações sociais e de poder demonstram muito mais que uma forma adequada ou respeitosa de se referir a alguém, como os usos destacados no poema em questão.

Acreditamos que Bakhtin, ao definir enunciação, enfatizou o aspecto social das relações entre os interlocutores que nela estão inseridos, conforme o que se apresenta abaixo:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: variará se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.) (BAKHTIN, 1990, p. 112).

Aproximamo-nos desse pressuposto, uma vez que os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores na situação de enunciação estão sempre presentes, por mais que não estejam marcados, através de formas dêiticas sociais, por exemplo.

Ainda sobre a dêixis social, analisemos as formas empregadas na charge abaixo:

(18)



Os vocativos e as formas de tratamento são as marcas clássicas para a identificação de dêixis social. Além disso, os nomes próprios e suas variações podem também ser

considerados como dêiticos sociais, uma vez que podem marcar distanciamento ou aproximação entre os interlocutores. Na charge acima, podemos afirmar, pelo contexto de produção, pelas vestimentas, pelo pronome de tratamento utilizado e pela crítica que se quer passar através da charge, que se trata de um político. Percebemos, assim, que a estabilização das formas de tratamento é tanta que o político exige ser chamado por essa forma. No entanto, são os sujeitos envolvidos nas situações que escolhem as palavras que usarão, sabendo que os próprios gêneros apresentam coerções para essas escolhas.

### 6.1.3 Os dêiticos espaciais

A dêixis espacial diz respeito às coordenadas de lugar da situação enunciativa. Diferentemente da dêixis pessoal e da dêixis social, ela não faz referência aos participantes da situação, mas, sim, a determinado referente construído tomando o locutor como ponto de origem.

DÊIXIS ESPACIAL	Marcada pelo “aqui” no sistema de coordenadas dêiticas.	Supõe “o traço ostensivo primário”. Sem autorreferencialidade, ela é pressuposta, porque se faz referência a uma não pessoa, um objeto de discurso situado a partir da <i>origo</i> .	Definida pelas coordenadas de lugar.
--------------------	---	---	--------------------------------------

Continuamos nossas discussões acerca da dêixis espacial, observando o texto abaixo:

(16) “No quarto, desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel de dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava calado e zeloso. Uma fada invisível desceu ali, e me disse em voz igualmente macia e cálida: “Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz.”” (ASSIS, Machado de. 1994, p. 92)

O excerto acima foi retirado do livro Dom Casmurro, do qual destacamos a forma dêitica “ali”. Por mais que focalizemos, neste momento, em discussões acerca de cada tipo dêitico, comentamos, inevitavelmente, algumas ocorrências dêiticas de outros tipos em alguns dos exemplos selecionados.

Destacamos, quanto à dêixis espacial, o termo “ali”, que retrata certa distância entre Bentinho e a fada, indicando, assim, a posição do enunciador em relação ao objeto referido, logo, uma dêixis espacial, tipo bem tradicional de dêixis, marcado fortemente por uma característica fundamental da dêixis: a ostensão, o “apontar” para os referentes.

Nos estudos mais tradicionais de dêixis, os objetos a que os dêíticos se referiam costumavam ser objetos do mundo, que podiam ser apreendidos a partir do monitoramento do campo dêítico em que locutor/falante e interlocutor se encontravam. Os demonstrativos e os advérbios de lugar representavam (e ainda representam) as formas mais clássicas para a existência de dêíticos espaciais. A distância do objeto em relação ao falante é tamanha que, na língua, há formas estabilizadas e diferenciadas para indicar tais níveis de ostensão, sendo, assim, divididos:

i) este, aqui - para indicar quaisquer objetos que estejam próximos do locutor, da primeira pessoa da instância discursiva;

ii) esse, aí - para indicar quaisquer objetos que estejam próximos do interlocutor, da segunda pessoa da instância discursiva;

iii) aquele, lá (acolá) - para indicar quaisquer objetos que estejam distantes de ambos os interlocutores, quer sejam eles primeira pessoa ou segunda pessoa da instância discursiva.

#### **6.1.4 Os dêíticos temporais**

Do mesmo modo da dêixis espacial, a dêixis temporal não se refere aos participantes da situação enunciativa, mas pressupõe o “agora” do locutor para situar o tempo da enunciação. Esse tipo dêítico é marcado, sobretudo, pelos tempos verbais e pelos advérbios de tempo.

DÊIXIS TEMPORAL	Marcada pelo “agora” no sistema de coordenadas dêíticas. Situa o tempo da enunciação. Marcada principalmente pelos tempos verbais	Ocupa o terceiro grau na escala de subjetividade. Assim como a espacial, supõe a <i>origo</i> , e não faz uma autorreferencialidade	Definida pelas coordenadas de tempo.
--------------------	---	---	--------------------------------------

Quanto a outro tipo clássico de dêixis, apresentamos o exemplo abaixo para demonstrar a dêixis temporal.

(19) Semana Que Vem

Amanhã eu vou revelar  
Depois eu penso em aprender  
Daqui a uns dias eu vou dizer  
O que me faz querer gritar  
No mês que vem tudo vai melhorar  
Só mais alguns anos e o mundo vai mudar  
Ainda temos tempo até tudo explodir  
Quem sabe quanto vai durar  
Não deixe nada pra depois  
Não deixe o tempo passar  
Não deixe nada pra semana que vem  
Porque semana que vem pode nem chegar  
A partir de amanhã eu vou discutir  
Da próxima vez eu vou questionar  
Na segunda eu começo a agir  
Só mais duas horas pra eu decidir  
[...]  
Esse pode ser o último dia de nossas vidas  
Última chance de fazer tudo ter valido a pena  
[...]  
O futuro é o presente  
E o presente já passou  
[...]  
(Pitty. Semana que vem. 2003)

O texto acima já no título apresenta um dêítico temporal. Esse tipo dêítico compõe toda a música, como os trechos “amanhã”, “depois”, “daqui a uns dias”, “no mês que vem”, entre outros. Ressaltamos a amplitude que esses termos podem tomar, pois, se pensarmos em um sentido mais metafórico, o amanhã de que se fala nesse e em outros

textos desse tipo pode não ser, necessariamente, o dia depois do hoje, mas, sim, um sinônimo de futuro incerto ou algo assim. De todo modo, o amanhã dêitico fica marcado no texto como um tempo distante do momento da situação enunciativa simulada.

Os efeitos pretendidos, discutidos acima, se dão pela utilização das mesmas formas dêiticas, mas com sentidos diferenciados nos contextos de uso. Por isso, julgamos importante analisar os dêiticos para além de suas formas, mas discutindo os sentidos que eles podem trazer aos textos enquanto ferramentas de que os interlocutores podem se valer para tal fim. São alguns desses efeitos de sentido e desses usos dêiticos que apresentamos na segunda parte da análise deste trabalho.

### 6.1.5 Os dêiticos textuais

Os dêiticos textuais são os responsáveis por guiar os interlocutores no cotexto. A orientação feita considera aspectos temporais e espaciais, pressupondo a instauração de um ponto de origem na superfície textual e a relação deste com o entorno espaçotemporal.

DÊIXIS TEXTUAL	Caracteriza-se pelo campo mostrativo textual, “no espaço concreto que se gera à volta da "origo" enunciativa fundamenta-se a concepção, por analogia, de um espaço textual”.	Encontra-se no último grau na escala de subjetividade, uma vez que ela “se aplica a um entorno espaço-temporal metaforizado, embora não represente uma mera transferência da situação comunicativa real para a disposição de conteúdos no texto”
----------------	--	--

Para evidenciar a dêixis textual, destacamos o exemplo a seguir:

(20) “Bem, não é por pudores estilísticos que não falo o... sim, talvez seja por um certo pudor, porque agora nas reticências eu deveria ter escrito cu e não escrevi, quem sabe deveria ter escrito ânus, mas ânus dá sempre a ideia de que a gente tem alguma coisa nele, não sei explicar muito bem, mas é sempre o médico que pergunta: o senhor tem fístulas no ânus?”

(HILST, Hilda. 2018. p. 62)

A dêixis textual se caracteriza pela pressuposição do ponto de origem do locutor no espaço cotextual. A partir disso, orienta-se o “leitor” em relação ao tempo-espaço do cotexto. É por fazer uma analogia entre o espaço da situação enunciativa e o tempo-espaço



do cotexto que a dêixis textual não tem marcação própria: ela toma de empréstimo as marcas das dêixis temporal e espacial. Seleccionamos os trechos acima, de Hilda Hilst, para demonstrar que a dêixis textual pode ocorrer a partir de outros indícios diferentes dos que a marcam mais comumente, como os advérbios de tempo e lugar e os demonstrativos, apontando para ambientes do contexto textual. O que consideramos aqui é o fato de o enunciador se instaurar como uma *origo* na superfície textual e se orientar a partir dela. O trecho foi escolhido com a intenção de discutir o aspecto formal da dêixis, já que não apresenta nenhum dos termos comumente apresentados como dêixis textual, mas, mesmo assim, traz o locutor para um momento pouco anterior ao “agora” e aponta para as reticências utilizadas um pouco antes, mas ainda no mesmo parágrafo. Ao ler o texto, especificamente a parte “agora nas reticências” o leitor consegue perceber certa orientação, como se o próprio texto o conduzisse para outro espaço textual.

#### 6.1.6 Os dêiticos memoriais

Concordamos com Ciulla (2008) ao afirmar que os dêiticos memoriais fornecem base para a construção de um referente a partir de uma indicação a um tempo ou um espaço que costuma ser ativado na memória compartilhada entre os interlocutores.

DÊIXIS MEMORIAL	“[...] é o processo em que se denuncia o posicionamento do enunciador no tempo e no espaço ou em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória –, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente (CIULLA, 2008, p. 73).
--------------------	---

Para demonstrar a dêixis memorial, apresentamos o seguinte exemplo:

(21) Naquela Mesa

Naquela mesa ele sentava sempre  
 E me dizia sempre o que é viver melhor  
Naquela mesa ele contava histórias  
 Que hoje na memória eu guardo e sei de cor  
 Naquela mesa ele juntava gente  
 E contava contente o que fez de manhã  
 E nos seus olhos era tanto brilho  
 Que mais que seu filho  
 Eu fiquei seu fã  
 Eu não sabia que doía tanto

Uma mesa num canto, uma casa e um jardim  
 Se eu soubesse o quanto dói a vida  
 Essa dor tão doída não doía assim  
 Agora resta uma mesa na sala  
 E hoje ninguém mais fala do seu bandolim  
 Naquela mesa tá faltando ele  
 E a saudade dele tá doendo em mim  
 Naquela mesa tá faltando ele  
 E a saudade dele tá doendo em mim.  
 (GONÇALVES, Nelson. 1973.)

No exemplo (21), encontramos diversas ocorrências de tipos dêiticos, como os dêiticos pessoais, marcados por “eu” e por diversas formas verbais que apresentam a desinência de primeira pessoa do singular. Tem-se, ainda, uma forte presença da terceira pessoa “ele”, que não participa da enunciação - nem poderia - pois é exatamente sobre a ausência desse “ele” que se fala na canção.

Chamamos atenção para o caráter memorial de “naquela mesa”, cuja análise como dêitico memorial vai muito além da utilização clara e clássica do demonstrativo da terceira instância. Há manifestações de várias ordens para tal classificação. As ações que o “ele” pratica e que se referem àquela mesa são sempre marcadas por verbos num passado muito distante do agora. As escolhas pelos verbos no pretérito imperfeito representam o tom corriqueiro e saudosista com que o eu-lírico fala das ações no tempo passado. Estamos tomando por “eu-lírico” um locutor que assume a voz no universo do texto literário.

Podemos considerar, sem dúvidas, o aspecto espacial da ocorrência, por se valer de um demonstrativo e por apontar para a mesa, que se encontra “distante” do locutor. Dessa forma, demonstramos mais um caso de sobreposição dos tipos de dêixis, uma vez que o tipo dêitico memorial não descarta completamente a pressuposição do espaço do falante, mas, nos casos memoriais, acreditamos que tal distanciamento ocorre na memória e/ou no tempo.

### **6.1.7 Os dêiticos fictivos**

Assim como os dêiticos memoriais, os dêiticos fictivos também apelam para a negociação e para o compartilhamento de sentidos entre os interlocutores. No entanto, os usos de dêixis fictiva expressam mais uma orientação espacial, seja em uma situação distante fisicamente, seja em uma situação construída fictivamente. Além disso,

consideramos, como diferença fundamental entre a dêixis memorial e a fictiva, o fato de que, enquanto naquela a indicação espaçotemporal está distante do ponto de origem (*origo*) dos interlocutores, esta supõe a instauração de uma nova *origo* que permita que as orientações sejam compreendidas. Por isso, Fonseca (1989) afirma que a dêixis fictiva supõe que haja uma “transposição fictiva”.

Para analisarmos a dêixis fictiva, apresentamos o exemplo a seguir:

DÊIXIS FICTIVA	Caracterizada como “uma imagem mental” criada pelo interlocutor para reproduzir e se localizar, instaurando-se como uma nova <i>origo</i> .
-------------------	---

(22) “Acalma-te, Ruiska, vai lentamente até a janela do escritório, olha-te olhando a vidraça, o teu corpo está de pé, olhando a vidraça, aproxima-te, agora entra.”  
(HILST, Hilda. 2018. p. 23)

Do trecho acima, destacamos a importância das coordenadas “vai”, “aproxima-te” e “entra” para a existência do caráter fictivo do exemplo. Acreditamos que se trata de um uso de dêixis fictiva, pois, embora seja uma conversa interior, como é constante nas obras de Hilst, em que a personagem dá orientações a si mesma, através de uma orientação espacial a um “tu”, que é concebido como um outro por mais que se trate do mesmo “eu”. Esse tipo dêitico traz aos textos muito mais do que a orientação espacial ao enunciador posto no texto. Ela funciona como um guia ao leitor, que se orienta espacialmente e percebe o que acontece na cena enunciativa, como se ele próprio fosse colocado dentro dela. Percebemos que, para a construção da orientação fictiva, há o uso de recursos vários, mas, sobretudo, o de formas dêiticas espaciais. Para que os tipos dêiticos especiais operem como dêiticos fictivos, concordamos com a noção de “transposição fictiva” proposta por Fonseca (1989). Desse modo, acreditamos que o locutor instaura uma outra *origo* distante do eu-aqui-agora enunciativo. Assim, temos mais um caso de sobreposição de tipos dêiticos, uma vez que guiar espacial, mas fictivamente, o outro não retira o caráter essencial da espacialidade.

Apresentamos o exemplo que se segue para trazer evidência dos diálogos internos presentes na obra de Hilda Hilst e em como a autora se vale de formas dêiticas pessoais e sociais para fazer a transposição de um “eu” em um “tu”.

(23) “Olhe aqui, Ruiska – Ruiska sou eu, eu me chamo Ruiska para esses que se fazem agora, para os que se fizeram, para a multidão que se fará, e para não perder tempo devo dizer que minha mulher se chama Ruisis e meu filho se chama Rukah. Não me percam de vista, por favor. Olhe aqui, Ruiska, você não veio ao mundo para escrever cavalhadas, você está se esquecendo do incognoscível. O incognoscível? É, velho Ruiska, não se faça de besta. Levanto-me e encaro-o. Digo: olhe aqui, o incognoscível é incogitável, o incognoscível é incomensurável, o incognoscível é inconsumível, inconfessável. Ele me cospe no olho, depois diz: ninguém está te mandando escrever sobre o incognoscível, estou dizendo não se esqueça do incognoscível. Ah, está bem. Finjo que entendo. Ou entendo realmente que não devo esquecer do incognoscível? Encosto a cabeça no chão. Não porque tenha vontade, não, ele é que me obriga a encostar a cabeça no chão. Irriga tua cabeça velho Ruiska, suga a vitalidade da terra, torna-te terra, estende-te no chão agora, abre os braços, abre os dedos, faz com que tudo se movimente dentro de ti, torce as tuas vísceras, expele o teu excremento. Quem é você, Ruiska? Hein?” (HILST, 2003, p.23-24)

Percebemos, no excerto acima, que o texto se inicia com um eu chamando a atenção de um tu. O caráter intersubjetivo, isto é, das trocas de papéis entre eu e tu se dá de forma muito frequente. Logo em seguida, podemos perceber que se trata do próprio eu que narra. Além disso, imbricação entre o eu e o tu do trecho é tão presente que é possível evidenciar um apelo ao leitor a partir de “não me percam de vista, por favor”.

### 6.1.8 Os dêiticos modais

Os dêiticos modais são descritos por Fonseca (1989) como apontamentos expressos por “assim”. Esse apontamento pode indicar elemento de qualquer ordem, tais como movimentos corporais ou quaisquer outras sensações que apelem para os sentidos. Com isso, estamos admitindo, com a autora, que o modo possa estar enquadrado nas chamadas “coordenadas dêticas”, que sempre aparecem restritas a três: pessoa, tempo e espaço.

DÊIXIS MODAL	É um subtipo de dêixis indicial, expressa por “assim”, que “permite apontar para movimentos corporais, atitudes e sensações de várias ordens, fazendo apelo a outros sentidos além da visão e da audição” (FONSECA, 1989, p. 122). Também identificada como dêixis em ocorrências em que há “circunstância para além dos participantes e suas coordenadas espaço-temporais, mediante o uso do dêitico plurivalente ASSIM”
--------------	--

Continuemos falando acerca de sobreposição de tipos dêiticos, observando o exemplo abaixo:

(24) “Ora, meu caro, as minhas pratas, eu tenho um bule de chá, de prata, deste tamanho.”  
(HILST, Hilda. 2018. p. 62)

O trecho sublinhado, para nós, configura-se como uma dêixis modal, apesar de não ter a marcação clássica do advérbio de modo “assim”, por apontar para movimentos corporais, atitudes, entre outros aspectos só totalmente recuperados a partir do monitoramento da situação enunciativa.

Ainda que utilize o recurso da dêixis espacial, a partir do uso do demonstrativo “(d)este”, que ostenta para o gesto que é feito pelo personagem, acreditamos que o uso tem por objetivo apontar para o modo como o falante gestualiza, a fim de demonstrar o tamanho do objeto. Se nos reportarmos à situação enunciativa representada pelo excerto, conseguimos supor que o locutor deve fazer um gesto para orientar os interlocutores sobre a extensão do objeto de que fala, portanto exigiria o monitoramento do gesto ou indício apresentado para completar o sentido, no caso o tamanho do bule. A escolha de “deste” marca o objeto, em relação à pessoa que fala, como próximo a ela, espacialmente, ou, ainda, demonstrando caráter afetivo entre o indivíduo e o objeto referido. Mas também aponta para o modo como se faz tal gesto. Portanto, podemos perceber, mais uma vez, como os tipos dêiticos podem se sobrepor.

Apresentamos os exemplos que seguem para discutir sobre a dêixis modal:

(25) “Mal foi aceso o gás, o mestre de violão empunhou o instrumento, apertou as cravelhas, correu a escala, abaixando-se sobre ele como se o quisesse beijar. Tirou alguns acordes, para experimentar; e dirigiu-se ao discípulo, que já tinha o seu e, posição:

- Vamos ver. Tire a escala, major.

Quaresma preparou os dedos, afinou a viola, mas não havia na sua execução nem a firmeza nem o dengue com que o mestre fazia a mesma operação.

- Olhe, major, é assim.

E mostrava a posição do instrumento, indo do colo ao braço esquerdo estendido, seguro levemente pelo direito.”

(BARRETO, Lima. 1983. p. 26)

(26) Não olhe assim

Tire seus olhos dos meus  
Eu não quero me apaixonar  
Ficou em mim um adeus  
Que deixou esse medo de amar  
Eu já amei uma vez e senti  
A força de uma paixão  
A gente às vezes

Se entrega demais  
 Esquece de ouvir a razão  
 Não olhe assim, não  
 Você é linda demais  
 Tem tudo aquilo  
 Que um homem procura  
 Em uma mulher  
 Não olhe assim, não  
 Porque até sou capaz  
 De atender esse meu coração  
 Que só diz que te quer  
 [...]”  
 (Leandro e Leonardo. Não olhe assim. 1991.)

Dos exemplos (25) e (26), apresentados acima, destacamos o advérbio modal *assim*, considerado, por alguns autores, como a única forma que marca um dêitico modal. Na cena do exemplo (25), o personagem Ricardo Coração dos Outros instaura-se como *origo* e, a partir da utilização do termo “assim”, demonstra algo para o “tu”, representado no trecho como o major Policarpo Quaresma. Logo em seguida, há a descrição da posição em que se deve segurar o violão. Tal gesto só pode ser completamente compreendido a partir da participação na ou da descrição da cena. Nesse momento, como se trata da voz de um narrador, a presença do “eu” e do “tu” estabelecidos dentro da enunciação anteriormente descrita é apagada, portanto, para os leitores, “eu” e “tu” acabam por se tornarem “ele”.

Já no exemplo (26), temos a demonstração do mesmo tipo dêitico a partir da mesma marca formal. Desde o início do texto, há um “eu” que instaura um “tu” e, a partir daí, passa a descrever seus sentimentos. Por se tratar de uma enunciação devidamente marcada, a partir de indícios de um eu-lírico falando para a amada (marcas eu-você), percebemos somente ser possível saber “de que maneira” é o olhar dessa mulher a partir de inferências. Embora consigamos sugerir que é um olhar “sedutor”, só podemos atualizar os sentidos de tal dêitico modal ao simular o monitoramento, de fato, da situação enunciativa.

(27)



No exemplo anterior, novamente tratamos de um dêitico modal indicado por marcas diferentes de “assim”, e já citado neste trabalho. Se nos reportarmos para a situação enunciativa representada pela imagem, conseguimos supor que o enunciador deve fazer um gesto para orientar os interlocutores sobre o modo como deve ficar para exercer tal atividade, portanto exigiria o monitoramento do gesto ou indício na imagem para completar o sentido, no caso “a pose”. Além disso, imagem e texto verbal “essa pose”, por se configurarem como um único texto, podem ser analisados como introdução referencial e anáfora. Não estamos aqui, contudo, querendo fazer análise de textos multimodais, estabelecendo, portanto, uma primazia entre imagem ou texto verbal em detrimento da outra em relação à ativação dos referentes. Discussões dessa natureza poderiam ser feitas acerca desse exemplo, ou de qualquer outro exemplo que apresentasse imagem, como a de que a indicação da pose já é uma anáfora (ou uma introdução referencial) de “essa pose”. Assumiremos, neste trabalho, que a classificação de um ou de outro processo referencial dependerá de como cada locutor lê o texto verbo-imagético.

Também poderíamos conceber o aspecto espacial de “essa pose”, considerando o demonstrativo. Além disso, tal dêitico espacial pode ser considerado também um dêitico

textual que encapsulasse a pose explicitada por vários elementos da imagem, havendo referência, assim, a um objeto cotextual.

Por mais que o trabalho tenha como foco elencar os tipos de dêixis propostos pela literatura, a divisão entre cada um desses tipos é feita por uma preocupação meramente didática. Nos textos, vários tipos aparecem. Além disso, eles podem se sobrepor. Continuemos nossas análises observando mais um exemplo:

(28) O telefone toca e do outro lado ouve-se:

- Estou? Mãe? Posso ir aí deixar os meninos hoje à noite?
  - Mas por quê? Vais sair, é?
  - Sim, mãe... vou sair com um amigo.
  - Não consigo entender por que te separaste do teu marido, ele era um homem tão bom...
  - Mãe! Não fui eu que me separei dele! Foi ele que me deixou, lembra-te?
  - Pois...estou mesmo a ver, agora não tens marido, qualquer um serve para ires dar “umas voltas”...
  - Mãe, eu não saio com um homem qualquer, posso passar aí para deixar os meninos?
  - Eu nunca te deixei com a minha mãe, ainda menos para ir sair com um homem qualquer...sem ser com o teu pai!
  - Eu sei, mãe, há muita coisa que a mãe fazia também e que eu não faço!
  - O que é que queres insinuar com isso?
  - Nada...nada mãe, só quero saber se posso deixar aí os teus netos para ir sair.
  - [...]
  - Coitadas dessas crianças com uma mãe assim...
  - Uma mãe assim como?
  - És uma irresponsável! Foi por isso que o teu marido te largou!
  - Já chega, mãe!!!
  - E gritas com a tua própria mãe! Com o vagabundo, não gritas tu, de certeza!
  - Então, agora estás preocupada com o vagabundo?
  - Eu não disse que ele era um vagabundo? Eu cheiro-os a distância!
  - Adeus, mãe.
  - Espera, não desligues já! A que horas é que vens cá trazê-los?
  - Já não vou sair, perdi a vontade! Já não vou levar aí os meninos, fica descansada.
  - Não vais sair? Vais ficar aí em casa à espera que o príncipe encantado te apareça à porta montado num cavalo branco? Com a tua idade...e ainda por cima com filhos...achas que vai ser fácil achar um homem que esteja disposto a juntar-se contigo? Daqui a dois anos, começas a ficar velha e depois então é que ninguém te pega...não digas que não te avisei! É um absurdo uma mulher da tua idade, e ter de ser eu a empurrar-te para ires sair!
- Divorciada quer deixar os filhos na avó para ir sair à noite com um amigo. Disponível em: <http://www.doidices.net/anedota-divorciada-quer-deixar-os-filhos-na-avo-para-ir-sair-a-noite-com-um-amigo/>

O exemplo acima é repleto de ocorrências dêiticas. Nele, pode-se perceber, acerca da dêixis social, a presença de algumas ocorrências, como a que marca a relação de intimidade e de “respeito”, nesse caso, entre mãe e filha, a partir de termos como “mãe”, que a filha usa com o objetivo de, muito além de apenas instaurar a segunda pessoa da



enunciação, marcar tal papel no texto. Podemos perceber, no entanto, que a forma “mãe” no texto, mesmo que empregada como características de terceira pessoa, tem a função de instaurar uma segunda pessoa no discurso. Isso é possível a partir do papel (ou laço, conforme Bakhtin) social, da hierarquia e do grau de intimidade entre os interlocutores, como no trecho “há muita coisa que a mãe fazia também e que eu não faço?”.

Acreditamos que seja por esse motivo que, por exemplo, crianças em processo de aquisição da linguagem optem por usar uma forma de terceira pessoa para indicar os referentes dêiticos nas situações comunicativas. Mas esta é apenas uma constatação intuitiva, que careceria de comprovação científica. Além disso, pela necessidade de “atualização enunciativa” da dêixis, tal processo poderia acabar gerando confusão em tal processo.

No texto sob análise, existem também fragmentos de outros tipos de dêixis, como a pessoal, a temporal, a espacial e, até mesmo, a modal. Defendemos aqui que o traço principal da existência de dêixis é a necessidade da *origo* do locutor, a partir da qual será possível apreender quaisquer coordenadas que digam respeito a ela.

Poderíamos tão somente nos deter em explicitar as formas que costumam ser classificadas como dêiticos pessoais no exemplo, como é o caso de expressões como “eu”, “minha mãe”, “teu pai”, mas, por coerência com a concepção de dêixis como um processo referencial, estamos analisando os indícios contextuais que autorizam a classificação de uma dêixis, comentando sobre a contribuição desses elementos para os sentidos possíveis do texto. Optamos por evidenciar que, mesmo dentro das classificações tradicionais, é possível – e necessário – atentar para as desestabilizações que podemos fazer de tais classificações. Queremos defender, aqui, que, mesmo nos exemplos que são facilmente identificados como um tipo específico, há um *continuum* presente.

Desse modo, para nós, alguém, ao dizer “eu”, necessariamente se coloca no lugar de sujeito falante, assim como, ao dizer “tu”, instaura, no outro, um interlocutor. No entanto, em usos como “minha mãe” e “teu pai”, não é o papel do sujeito que está sendo evidenciado. Não queremos aqui dizer que esses exemplos não são dêiticos, mas queremos dizer que eles apontam para referentes outros, que, sim, pressupõem a *origo* para a identificação e o acesso ao referente sobre o qual se fala, e estão em relação direta com os sujeitos, mas não são, de fato, as pessoas envolvidas no ato enunciativo. Esses referentes podem expressar traços de “posse”, “proximidade” com os falantes, mas não são eles. O que lhes confere o caráter dêítico é a pressuposição do ponto de origem do locutor. Quanto à autorreferencialidade, tais tipos dêiticos “pessoais” não se referem às

peças inseridas na situação comunicativa, mas, sim, a objetos relacionados a ela. Fica o questionamento: haveria, portanto, tipos dêiticos pessoais mais pessoais que outros? Acreditamos que sim. Embora pronomes pessoais e pronomes demonstrativos, por exemplo, sejam comumente classificados como marcas de dêixis pessoais, o nível de autorreferencialidade que eles apresentam é diferente.

Ainda não pensamos, porém, em uma definição para esse fenômeno, nem pretendemos fazer isso neste trabalho, mas julgamos ser essencial apresentar essas evidências e problematizar que o estudo da dêixis vai muito além de “pôr as coisas em caixinhas”, com o mero objetivo de tipologizar.

Ainda do exemplo (28), destacamos, quanto aos dêiticos temporais e espaciais, “hoje à noite”, “daqui a dois anos”, “já” e “cá”, que recuperam o período do enunciado ou só são apreendidos a partir dele, bem como recuperam o local em que os falantes estão, pressupondo, assim, o falante enquanto *origo* da construção da cena.

Ainda no texto (28), encontramos ocorrências de dêixis modal, expressa pelo vocábulo “assim”, no trecho:

“[...]Coitadas dessas crianças com uma mãe assim...

– Uma mãe assim como?

– És uma irresponsável! [...]”

Percebemos, pela resposta da filha, que esse tipo dêitico também pressupõe o compartilhamento entre os interlocutores e que pode ter seu sentido alterado a cada ato enunciativo, necessitando, portanto, de atualização. Esse modo, em outro contexto, poderia não significar “uma mãe irresponsável”.

Essa caracterização, ainda que breve, cumpre seu objetivo de apontar diferenças entre os tipos dêiticos e de demonstrar como eles compõem sentidos nas redes referenciais de todo texto. Por essa razão, uma mesma forma dêitica pode evocar mais de uma função no campo dêitico que se instaura no texto. Por isso, falamos de hibridismos diversos. Esta dissertação sugere que os tipos dêiticos assim descritos sejam mais aprofundadamente testados em outro *corpus*, e que novos traços distintivos, sobretudo da marcação da dêixis não apenas por formas convencionalmente dêiticas, possam ser constatados em estudos posteriores. No próximo item, faremos algumas reflexões sobre efeitos de sentido que as funções dêiticas podem desempenhar em diferentes textos.

## 6.2 Análise quanto aos efeitos de sentido associados à dêixis e ao contexto

Conforme esclarecido no início do nosso capítulo de análise, ela está dividida em dois momentos: o primeiro, já apresentado no item anterior deste trabalho, se volta à caracterização dos tipos de dêixis a partir de algumas regularidades que observamos durante a pesquisa bibliográfica e a análise do *corpus* coletado; o segundo, que aqui se inicia, dedica-se à constatação de alguns efeitos de sentido para os quais contribuíram os usos dêíticos de certas construções textuais, tendo em vista o contexto de produção, de recepção, de circulação do gênero envolvido e os papéis sociais dos participantes em dado entorno social.

Esta segunda parte consiste no levantamento dos possíveis efeitos de sentido associados a cada tipo dêítico e em uma análise interpretativa da coerência e da orientação argumentativa em cada texto que apresenta usos dêíticos. Para isso, analisamos alguns exemplos do item anterior e, também, discutimos mais alguns exemplos do *corpus* coletado, para demonstração.

- a) O efeito de sentido da autorreferencialidade e da subjetividade dos dêíticos pessoais

A utilização das formas dêíticas pessoais ocorre para transmitir muitos efeitos além dos de identificar os interlocutores da situação comunicativa simulada. Verificamos que os usos dêíticos pessoais, que compreendem não apenas as formas de pronome pessoal e possessivo, podem servir para chamar a atenção dos agentes envolvidos, pluralizar/generalizar, engajar pares comuns, buscar certa identificação do outro, entre outros. Apresentamos alguns desses efeitos a partir dos textos a seguir:

### (29) Fêmea-Fênix

Para Léa Garcia

Navego-me eu–mulher e não temo,  
sei da falsa maciez das águas  
e quando o receio  
me busca, não temo o medo,  
sei que posso me deslizar  
nas pedras e me sair ilesa,  
com o corpo marcado pelo olor  
da lama.

Abraso-me eu-mulher e não temo,  
 sei do inebriante calor da queima  
 e quando o temor  
 me visita, não temo o receio,  
 sei que posso me lançar ao fogo  
 e da fogueira me sair inunda,  
 com o corpo ameigado pelo odor  
 da chama.

Deserto-me eu-mulher e não temo,  
 sei do cativante vazio da miragem,  
 e quando o pavor  
 em mim aloja, não temo o medo,  
 sei que posso me fundir ao só,  
 e em solo ressurgir inteira  
 com o corpo banhado pelo suor  
 da faina.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,  
 na vital carícia de meu cio,  
 na cálida coragem de meu corpo,  
 no infindo laço da vida,  
 que jaz em mim  
 e renasce flor fecunda.  
 Vivifico-me eu-mulher.  
 Fêmea. Fênix. Eu fecundo.  
 (EVARISTO, Conceição. 2008.)

O texto (29), de autoria de Conceição Evaristo, apresenta um eu-lírico feminino que vai se recategorizando estrofe a estrofe. A recategorização com que estamos lidando é a que propõem Cavalcante e Brito (2016, p.119):

...o fenômeno da recategorização compõe a dinâmica natural de retomada anafórica, pela qual os referentes, ao mesmo tempo que se mantêm no texto por algum tipo de associação, também evoluem em diferentes proporções, em proveito da progressão temática. Assim, a recategorização não consiste em mais um tipo de processo referencial à moda da introdução, da anáfora e da dêixis, mas íntegra, isto sim, todas as retomadas anafóricas. (CAVALCANTE, BRITO, 2016, p. 119)

Os verbos em primeira pessoa contribuem para a construção do papel de identidade de uma mulher que possui força e resistência, o que se percebe pelo sentido dos verbos, pelas alterações morfosintáticas inusitadas, que, pelos dêiticos pessoais nas posições de sujeito e objeto e em formas prefixadas, centralizam e intensificam a força feminina. Destacamos as formas peculiares “Navego-me eu-mulher”, “Abraso-me eu-

mulher”, “Deserto-me eu-mulher” e “Vivifico-me eu-mulher” para discutir sobre a construção e o efeito causado. Nessa estrutura, temos:

Verbo em primeira pessoa do singular + Pronome oblíquo de primeira pessoa do singular + Pronome pessoal do caso reto de primeira pessoa do singular + MULHER

A questão que pode ser colocada quanto à instauração desse referente e o uso dessa estrutura é o porquê da utilização de um termo mais “neutro” no final da construção criada. “Mulher” é um substantivo comum, mas, a nosso ver, pode receber as mesmas características das outras classes gramaticais da estrutura presente no poema: mulher – primeira pessoa do singular (dêitico pessoal).

O efeito de sentido criado pode ser exatamente o contrário: singulariza-se para pluralizar, especifica-se para generalizar. Ao utilizar as formas de primeira pessoa, cada leitor pode se identificar com o que está descrito no texto. Ou, ainda, esse “eu” pode representar todo o gênero “mulher”.

A última estrofe, repleta de termos do “universo feminino” fortalece, evoca e reconstrói termos, dos quais destacamos o “eu fecundo”, utilizado com uma estrutura intransitiva, que parece demonstrar o papel de uma mulher “circular”, “cíclica”, que morre e traz a si mesma a vida, tal qual a Fênix.

### **(30) Com licença poética**

*Adélia Prado*

Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.  
Não sou tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos  
-- dor não é amargura.  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.

Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Podemos analisar de forma semelhante os efeitos de sentido que emergem do poema (30), uma vez que o locutor também se vale de marcas de dêixis pessoal, tais como “nasci”, “aceito”, “sou”, “creio”, “sinto”, “escrevo”, “inauguro” e “fundo”. Expressa-se uma autorreferencialidade, mas há, ao mesmo tempo, uma generalização com no segundo uso da palavra “mulher”, convocando um outro referente. Acreditamos que a forma “Eu sou”, do final do poema não somente retoma a individualização do eu-mulher-desdobrável, como também transfere a toda mulher a capacidade de sê-lo.

Observemos, agora, o exemplo a seguir:

(31)

hoje eu tô só o kiko picado pelo  
escorpião



O texto acima, formado pela união entre a parte verbal e a imagem, é recorrente no ambiente da *internet*. Não entramos, neste trabalho, na seara de tipologizar ou denominar gêneros, nem julgamos necessário fazê-lo, visto que o que queremos é falar sobre o efeito que o texto provoca no universo contextual do texto. Em termos de disposição textual, a imagem tem a função de esclarecer o modo de alguém ao estar “só o Kiko picado pelo escorpião”, retomando o episódio do seriado “Chaves”, em que tal fato acontece.

Em termos dêiticos, o “hoje” atualiza o momento em que todo aquele que se coloca no lugar de “eu” se sente assim. Esse “colocar-se no lugar de Kiko picado por escorpião” ocorre pela explicitação da forma dêitica pessoal “eu”, e pode ser exatamente este o principal efeito e o principal objetivo de postagens dessa natureza (que têm ampla recorrência): apelar para a identificação do interlocutor. Note-se ainda um apelo à memória, sugerido pelo conteúdo da imagem.

Como afirma Cavalcante (2000, p.32), é justamente para dar saliência a tudo o que representa a forma *eu*, em termos sociais, que o enunciador escolhe essa marca por excelência da subjetividade, como num convite ao destinatário para que se veja no mesmo contexto criado.

Ciulla (2008, p. 139 – p. 141) chama a atenção para a colaboração dos dêiticos pessoais no jogo de vozes do discurso indireto livre. A coocorrência de vozes pode ser denunciada por um dêitico pessoal. Segundo a autora:

(...) é a marca da primeira pessoa, através do dêitico, que permite estabelecer uma voz à qual, mais adiante, outra voz se opõe. (...) consideramos um outro exemplo de heterogeneidade mostrada e marcada por processos dêiticos e anafóricos, envolvendo encapsulamento e também, portanto, metaenunciação: as expressões operam metadiscursivamente, balizando graus de distanciamento do enunciador em relação ao enunciado. (CIULLA, 2008, p. 141.)

Retomamos um trecho do exemplo (28) a fim de discutir efeitos de sentidos presentes no exemplo.

(28) O telefone toca e do outro lado ouve-se:

- Estou? Mãe? Posso ir aí deixar os meninos hoje à noite?
- Mas por quê? Vais sair, é?
- Sim, mãe... vou sair com um amigo.
- Não consigo entender por que te separaste do teu marido, ele era um homem tão bom...
- Mãe! Não fui eu que me separei dele! Foi ele que me deixou, lembra-te?
- Pois...estou mesmo a ver, agora não tens marido, qualquer um serve para ires dar “umas voltas”...
- Mãe, eu não saio com um homem qualquer, posso passar aí para deixar os meninos?
- Eu nunca te deixei com a minha mãe, ainda menos para ir sair com um homem qualquer...sem ser com o teu pai!
- Eu sei, mãe, há muita coisa que a mãe fazia também e que eu não faço!
- O que é que queres insinuar com isso?
- Nada...nada mãe, só quero saber se posso deixar aí os teus netos para ir sair.

[...]

Divorciada quer deixar os filhos na avó para ir sair à noite com um amigo. Disponível em: <http://www.doidices.net/anedota-divorciada-quer-deixar-os-filhos-na-avo-para-ir-sair-a-noite-com-um-amigo/>

Para discutirmos sobre outro efeito de sentido criado a partir do uso de dêiticos, destacamos a forma “teus netos” do exemplo (28), a fim de mostrarmos a importância da dêixis para a argumentação, como já afirmara Amossy (2011):

O discurso argumentativo não se desenrola no espaço abstrato da lógica pura, mas em uma **situação de comunicação em que o locutor apresenta seu ponto de vista** na língua natural com todos os seus recursos, que compreendem tanto o uso de conectores ou de **dêiticos** (...). **É na espessura da língua que se forma e se transmite a argumentação, e é através de seu uso que ela se instala: a argumentação**, é preciso não esquecer, não é o emprego de um raciocínio que se basta por si só, mas uma troca atual ou virtual - entre dois ou mais parceiros que pretendem **influenciar um ao outro**. (AMOSSY, 2011, p. 132-133, grifos nossos)

Poderíamos optar por destacar qualquer outro tipo de dêixis para demonstrar o efeito argumentativo dos dêiticos, a tentativa de influenciar o outro. No entanto, destacar exatamente uma forma dêitica mais básica (dêixis pessoal) é proposital. Corroboramos, com isso, a afirmação de Cavalcante (2016) de que todo texto é argumentativo e acrescentamos que mesmo as formas dêiticas mais básicas podem ter muita força argumentativa, ao acentuarem o simulacro de envolvimento do eu e do tu em cada contexto particular da enunciação.

No exemplo específico, a filha opta por utilizar a forma “teus netos” para “jogar a responsabilidade”, sobretudo afetiva, para a mãe.

- b) O efeito de sentido dos dêiticos sociais relacionados à polidez linguística e a estratégias de preservação de face

Acerca dos efeitos de sentido dos dêiticos sociais, acreditamos que as escolhas feitas para se referir ao outro podem ser usadas como estratégias de preservação de face ou exposição de uma face negativa do outro, indicando, portanto, uma marca de polidez linguística.

As formas dêitico-sociais integram um conjunto de marcadores de função apelativa que a língua oferece para indicar um certo tipo de relação social entre os interlocutores. Kerbrat-Orecchioni inclui na noção de polidez todos os aspectos interacionais regidos por regras sociais que tenham a função de preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal. Segundo a autora (p.66):

As **formas de tratamento**, evidentemente, devem ser mencionadas logo de início, porque são os marcadores mais manifestos da relação, quer se trate:

- do pronome de tratamento: o “você” sendo o símbolo, por excelência da familiaridade, em oposição ao tratamento “senhor(a)”, que marca o distanciamento;



- ou dos nomes de tratamento: não é a mesma coisa designar seu interlocutor por “caro colega”, “senhor”, “Silva”, “José”, “Zé”, “amigo”, “querido”...

Estamos entendendo polidez linguística no mesmo direcionamento que Kerbrat-Orechionni (2006, p. 94): “a polidez é um conjunto de procedimentos que o falante utiliza para poupar ou valorizar seu parceiro de interação”.

Retomamos o exemplo (17) para discutirmos sobre algumas formas dêiticas pessoais e sociais presentes nesse exemplo.

(17) “Seu dotô me conhece?  
(Patativa do Assaré)

Seu dotô, só me parece  
Que o sinhô não me conhece  
Nunca sôbe quem sou eu  
Nunca viu minha paioça,  
Minha muié, minha roça,  
E os fio que Deus me deu.

Se não sabe, escute agora,  
Que eu vô contá minha história,  
Tenha a bondade de ouvi:  
Eu sou da crasse matuta,  
Da crasse que não desfruta  
Das riqueza do Brasil.

Sou aquele que conhece  
As privação que padece  
O mais pobre camponês;  
Tenho passado na vida  
De cinco mês em seguida  
Sem comê carne uma vez.

(...)

Sou aquele desgraçado,  
Que nos ano atravessado  
Vai batê no Maranhão,  
Sujeito a todo o matrato,  
Bicho de pé, carrapato,  
E os ataques de sezão.

Senhô dotô, não se enfade  
Vá guardando essa verdade  
Na memória, pode crê  
Que sou aquele operário

Que ganha um nobre salário  
Que não dá nem pra comê

Sou ele todo, em carne e osso,  
Muitas vez, não tenho armoço  
Nem também o que jantá;  
Eu sou aquele rocêro,  
Sem camisa e sem dinhêro,  
Cantado por Juvená.

Sim, por Juvená Galeno,  
O poeta, aquele geno,  
O maió dos trovadô,  
Aquele coração nobre  
Que a minha vida de pobre  
Muito sentido cantou.

(...)

Sofrendo a mesma sentença  
Tou quase perdendo a crença,  
E pra ninguém se enganá  
Vou deixá o meu nome aqui:  
Eu sou fio do Brasil,  
E o meu nome é Ceará.”

Nesta parte da análise, atentamos para os efeitos que os usos dessas formas dêiticas sociais podem trazer aos textos. Escolher uma forma de maior distanciamento (“seu dotô”) do interlocutor, ao invés de simplesmente tratá-lo por “você”, apresenta sentidos diversos. Nesse caso em específico, o locutor assume o papel social de homem da roça, em oposição a seu interlocutor, um homem da cidade, instruído, que não será capaz de saber, de fato, os inúmeros problemas pelos quais ele passa, por mais que o objetivo seja exatamente mostrar o penar do sertanejo. As formas lexicais utilizadas para se referir à segunda pessoa revelam uma primeira pessoa que assume um papel de inferioridade, em oposição ao respeito que revela pelo seu interlocutor.

Verificamos, num texto específico, o que pode ser percebido como uma regularidade de traços de textos do gênero “cordel” e, principalmente, como um padrão do autor, Patativa do Assaré, que tem uma escrita de cunho “autobiográfico”, que revela, denuncia problemas sociais enfrentados, principalmente, pelo homem nordestino.

Retomamos também o exemplo (18) para confirmar esse efeito de preservação de face provocado pelos dêiticos sociais.

(18)



Do exemplo (18), salientamos o fato de muitas vezes os pronomes de tratamento exercerem função de polidez linguística, como estratégia de preservação de face. A noção de face, desenvolvida nos estudos de Goffman, de Brown e Levinson e outros, compreende os territórios do eu (corporal, espacial, temporal, bens materiais ou saberes secretos) e as imagens valorizantes que os interlocutores querem construir de si mesmos durante a interação.

Em muitos casos, dependendo do que se diga, o emprego da forma “polida” suaviza o dizer. Acreditamos que as escolhas que os interlocutores fazem para se reportar ao outro têm imensa importância da condução argumentativa que se quer sustentar, já marcando, em muitos casos, pontos de vista, posicionamentos ou ideologias. O uso de dêiticos sociais colabora significativamente para a balizagem dessas relações interpessoais.

- c) Os efeitos de sentido de marcação de afetividade e a criação de cenários dos dêiticos espaciais

Para a análise dos efeitos de sentido dos dêiticos espaciais, retomamos o exemplo (24).

(24) “Ora, meu caro, as minhas pratas, eu tenho um bule de chá, de prata, deste tamanho.”

O principal efeito gerado pelos dêiticos espaciais é a localização para a construção da referência. No entanto, em diversos usos, os dêiticos espaciais podem marcar o posicionamento argumentativo sobre determinado objeto ou situação. Dos nossos exemplos de análise, enfatizamos, a escolha de “deste” do exemplo (24), que marca o objeto, em relação à pessoa que fala, como próximo a ela, espacialmente, ou, ainda, demonstrando caráter afetivo entre o indivíduo e o objeto referido.

A dêixis espacial é tão importante que, como argumenta Cavalcante (2000), todos os elementos indiciais apontam para um local, senão no ambiente real em que transcorre a enunciação, pelo menos numa dimensão metaforizada deste espaço: ou dentro do próprio texto, ou dentro da memória comum.

Outro importante aspecto dos dêiticos espaciais está presente em Cavalcante (2000, p. 50), em que a autora afirma, a partir do exemplo de Fillmore (1982) - Ele viveu aqui há muitos anos atrás -, que:

A narrativa trabalha dinamicamente com um duplo cenário enunciativo: o da história contada e o da narração dessa história. O primeiro refere-se ao ambiente da própria ficção ou da história narrada; o segundo, à enunciação do narrador dirigida a um leitor.

No primeiro centro dêitico, onde tem lugar a fala direta dos personagens, ou de quem narra em discurso indireto livre, o narrador assume, frequentemente, o ponto de vista do personagem e, por isso, emprega os dêiticos de lugar e de tempo fixando como ponto de referência a situação real dentro da história. É como se uma instância do discurso estivesse contida em outra maior, em que o narrador se dirige, ainda que implicitamente, ao leitor. Sobre isso, Maingueneau comenta:

Naquilo que se poderia chamar embreagem paratópica, estamos diante de elementos de ordens variadas **que participam ao mesmo tempo do mundo representado pela obra e da situação paratópica através da qual se define o autor que constrói esse mundo.** (Maingueneau, 1995, p. 174). Num mesmo enunciado, vivem, assim, em comum os dois mundos, as duas localizações: a da narração, que é situacional, e a de fato narrado, que, embora sendo textual, também traz marcas da instância discursiva em que se movimentam os personagens. (CAVALCANTE, 2000, p. 50).

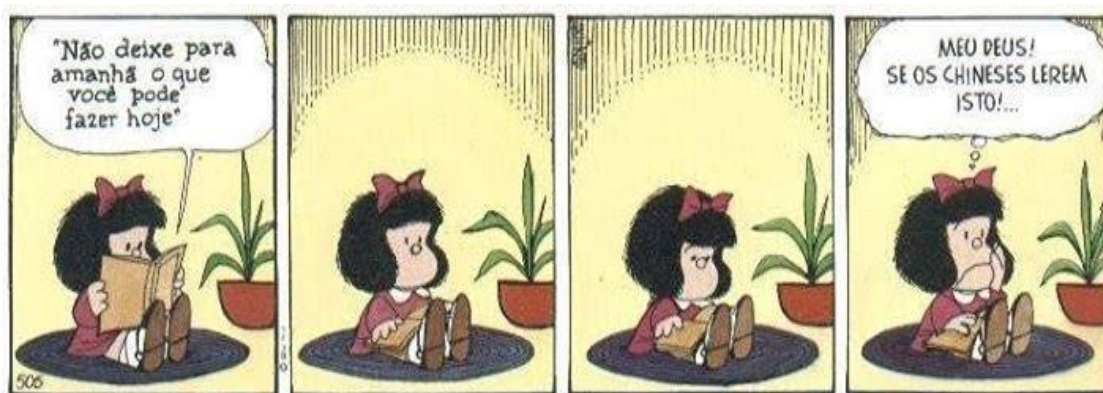
Valemo-nos do exemplo e das explicações contidas em Cavalcante (2000) para enfatizar o que será retomado mais adiante sobre como os tipos dêiticos podem estar imbricados. Afirmamos isso ao perceber que, para a construção dos cenários criados fictivamente, percebemos forte utilização de formas dêiticas espaciais. Os dêiticos espaciais criam, assim, um efeito de “realidade” ao situarem o locutor num campo mostrativo. A localização dos referentes em relação aos interlocutores pode graduar os traços de emotividade: quanto mais tomarem como ponto de referência o locutor, mais próximos de sua afetividade.

d) O caráter argumentativo e de circularidade dos dêiticos temporais

Localizar um objeto de discurso requer que se tome um referencial no tempo e no espaço, ainda que se focalize mais ora um, ora outro. Dêixis de espaço e dêixis de tempo andam, portanto, muitas vezes juntas.

Para discutirmos sobre os efeitos de sentido dos dêiticos temporais, apresentamos o exemplo abaixo:

(32)



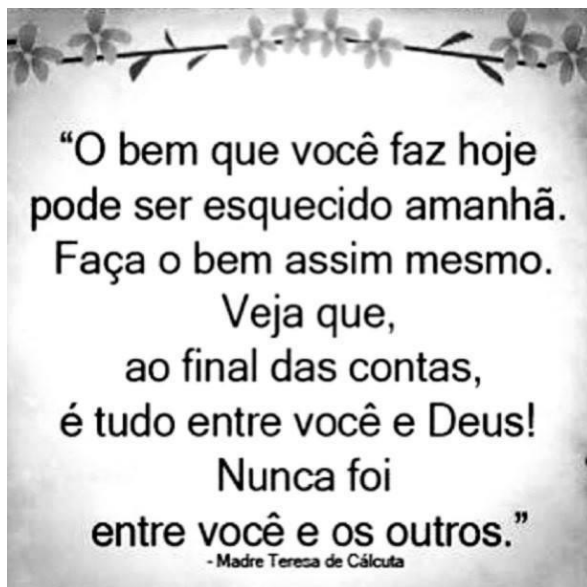
As formas “hoje” e “amanhã” são consideradas dêiticos temporais por necessitarem da instauração de uma *origo* na situação enunciativa. Deste modo, faz-se necessário um “eu” que atualize um “hoje” e, em decorrência dessa marca temporal, “um amanhã”. Isso pode parecer muito simples, mas os efeitos para a utilização desse recurso dêitico são diversos. Anedotas, “frases de para-choque de caminhão” e “piadas prontas” utilizam bastante dêiticos temporais para darem um efeito humorístico ao texto. Como exemplo, temos a frase feita “Fiado só amanhã”, em que o leitor, realizando a enunciação a cada instante em que ler a frase, atualizará um tempo presente e, ao mesmo tempo, um amanhã que jamais chegará.

O último quadro da tirinha apresenta o impacto ao apresentar a possibilidade de os chineses lerem a frase do primeiro quadro. Talvez isso se deva ao compartilhamento do estereótipo de chinês estudioso/trabalhador/desenvolvido/tecnológico ou ao fato de a China ficar do outro lado do mundo, e o amanhã lá ser o hoje daqui, parte ocidental.

Semelhante a esse efeito é o que se busca criar em textos que se apoiam no caráter reflexivo de um amanhã que pode não chegar. “Frases de impacto”, textos motivacionais

e de autoajuda também se valem, muitas vezes, desse uso para enfatizar a importância de “viver o hoje”, intensamente, tendo em vista a efemeridade do tempo. É um *carpe diem* que se atualiza a cada momento da enunciação, como no exemplo seguinte:

(33)



Os efeitos pretendidos, discutidos acima, se dão pela utilização das mesmas formas dêiticas, mas com sentidos diferenciados nos contextos de uso. Nesse caso, o efeito pretendido é a atualização momento a momento que faz com que o amanhã nunca chegue. Ou, ainda, é um uso que enfatiza a necessidade de se viver o presente. O amanhã, nesse caso, ganha o sentido de futuridade de modo geral.

Analisamos aqui os dêiticos discutindo os sentidos que as formas podem assumir, como ferramentas de que os interlocutores podem se valer, para colaborar com a orientação argumentativa do texto.

- e) Efeitos de sentido coesivos de orientação ao leitor promovidos pelos dêiticos textuais

Discorreremos agora sobre os efeitos de sentido que os dêiticos desenvolvem como elementos metatextuais. Quanto às formas tradicionalmente consideradas como dêiticos espaciais, queremos chamar atenção para os demonstrativos presentes no texto (28).

(28) Divorciada quer deixar os filhos na avó para ir sair à noite com um amigo

O telefone toca e do outro lado ouve-se:

- Estou? Mãe? Posso ir aí deixar os meninos hoje á noite?

- Mas porquê? Vais sair é?

- Sim mãe... vou sair com um amigo.

(...)

- Eu nunca te deixei com a minha mãe, ainda menos para ir sair com um homem qualquer...sem ser com o teu pai!

- Eu sei mãe, há muita coisa que a mãe fazia também e que eu não faço?

- O que é que queres insinuar com isso?

- Nada...nada mãe, só quero saber se posso deixar aí os teus netos para ir sair.

- Vais sair à noite com outro homem, e se o teu marido descobre?

- Ele é meu EX-MARIDO! EX-MARIDO! Não me parece que ele se importe com isso...desde que nos separámos eu duvido que ele tenha dormido uma só noite sem ser acompanhado!

- Então estás a dizer-me que vais mesmo dormir com o vagabundo?

- Tu nem o conheces mãe! Ele não é nenhum vagabundo!

(...)

- És uma irresponsável! Foi por isso que o teu marido te largou!

- Já chega mãe!!!

(...)

Disponível em: <http://www.doidices.net/anedota-divorciada-quer-deixar-os-filhos-na-avo-para-ir-sair-a-noite-com-um-amigo/>. Acesso em: 21/05/2017.

Embora as formas sejam convencionalmente consideradas como dêiticos espaciais por marcarem, até mesmo na Gramática Normativa, objetos em relação à localização dos falantes, enfatizamos a importância deles para a coesão textual. Desse modo, quanto à tipologia, este trabalho admitiu certas formas dêiticas temporais e espaciais como dêiticos textuais, sempre que tiverem a função de localizar o leitor em determinado ponto do cotexto e, a partir disso, guiarem-no.

Apoiamo-nos em autores do nosso estado da arte, como (CAVALCANTE, 2000), para enfatizar o caráter “metafórico” da dêixis textual, apresentando traços de tempo e de lugar. Porém, defendemos aqui que os processos dêiticos se sobrepõem, ou seja, o fato de ser criado um campo dêitico no cotexto, ou seja, de o leitor exercer, assim, papel de *origo*, não anula o fato de ser, sim, um tipo dêitico temporal (e textual) ou um tipo dêitico espacial (e textual).

Os dêiticos textuais exercem o papel de situar os interlocutores nos textos, fazendo-os reportarem-se a si mesmos, podendo cumprir função metalinguística, portanto, conforme presente em Cavalcante (2000):

Outro aspecto quase sempre observado na descrição da maioria dos dêiticos discursivos é a **relatividade** no processo de retomada: a informação referida não costuma estar pontualizada, mas diluída no discurso precedente ou conseqüente. (...).

O autor [Levinson, 1983] salienta a estreita ligação entre a dêixis discursiva e as citações (ou menções), já que a referência é feita a segmentos de um texto, no caso, do próprio discurso em andamento. Assim, expressões como *essa frase, essas palavras, as seguintes linhas* etc. executam uma espécie de “referência reflexiva”, porque retomam a própria forma (lexemas, expressões, partes de texto etc.).

Esse é mais um caso que comprova o hibridismo da dêixis. Como se nota pelo emprego de dêiticos textuais como “essa frase, essas palavras, as seguintes linhas”, eles operam como organizadores da tessitura cotextual. Seu valor metalinguístico tem forte poder coesivo.

Quando operam como encapsuladores, os dêiticos textuais podem ter efeitos argumentativos muito importantes para a persuasão, como mostraram Cavalcante e Mesquita (2011):

Mais do que a distância espaço-temporal a que os demonstrativos anafóricos remetem, vale identificar essas “escolhas do falante”, já que os objetos-de-discurso são descritos desde um ponto de vista demarcado referencialmente por meio desses pronomes. (CAVALCANTE, MESQUITA. 2011. p. 60)

Os dêiticos textuais encapsuladores têm, necessariamente, uma função resumitiva, porque sintetizam porções textuais, às quais acrescentam certo direcionamento argumentativo. Evidentemente, também têm função coesiva, muitas vezes, colaboram para a apresentação ou confirmação de um ponto de vista que venha sendo desenvolvido no texto.

- f) Efeitos de sentido de ativação da memória e construção de referentes implícitos dos dêiticos memoriais

Como afirma Ciulla (2002), dêiticos sob a forma de demonstrativo realizam uma espécie de sinalização para o interlocutor do local onde os referentes podem ser encontrados.

Segundo a autora, demonstrativos como *aquele(s), aquela(s), aquilo*, da mesma maneira que um dêitico espacial, permitem recuperar um referente que estava armazenado no espaço da memória do interlocutor. Tais elementos podem, em certos contextos, apontar para a memória comum dos participantes e, simultaneamente, para uma situação compartilhada pelos interlocutores em um momento distante do tempo da situação



enunciativa simulada, por isso devem ser considerados como dêiticos. Retomemos o exemplo (17):

(17) “Seu dotô me conhece?  
(Patativa do Assaré)

Seu dotô, só me parece  
Que o sinhô não me conhece  
Nunca sôbe quem sou eu  
Nunca viu minha paioça,  
Minha muié, minha roça,  
E os fio que Deus me deu.

(...)

Sou aquele que conhece  
As privação que padece  
O mais pobre camponês;  
Tenho passado na vida  
De cinco mês em seguida  
Sem comê carne uma vez.

(...)

Sou aquele desgraçado,  
Que nos ano atravessado  
Vai batê no Maranhão,  
Sujeito a todo o matrato,  
Bicho de pé, carrapato,  
E os ataques de sezão.

Senhô dotô, não se enfade  
Vá guardando essa verdade  
Na memória, pode crê  
Que sou aquele operário  
Que ganha um nobre salário  
Que não dá nem pra comê

Sou ele todo, em carne e osso,  
Muitas vez, não tenho armoço  
Nem também o que jantá;  
Eu sou aquele rocêro,  
Sem camisa e sem dinhêro,  
Cantado por Juvená.

(...)

Sofrendo a mesma sentença  
Tou quase perdendo a crença,

E pra ninguém se enganá  
 Vou deixá o meu nome aqui:  
 Eu sou fio do Brasil,  
 E o meu nome é Ceará.”

Do texto (17), destacamos, ainda, as formas “sou aquele”. Para nós, a forma, característica de um dêitico de memória traz inúmeros efeitos de sentido ao texto. A forma empregada é carregada de um teor pessoal, por conta das formas verbais que remetem o tempo inteiro ao “eu”, que, por outro lado, se unem ao pronome demonstrativo de terceira pessoa. No entanto, o “eu” não é somente o sujeito da situação enunciativa simulada, nesse caso. Ele se “veste” de *eu* para apresentar quantos outros estão na mesma situação. Desse modo, tal forma, além de apresentar a situação do locutor, apela para a memória discursiva de que o que está sendo dito é conhecido, e não é o caso de um indivíduo particular. Confirmamos isso, mais uma vez, na união, mais evidente ainda, entre primeira e terceira pessoa no trecho “sou ele todo”. A identificação do “eu” com um efeito de “ele” cria uma relação de identidade. Essa identificação parece ser negada ao “tu”, enfatizando ainda mais o distanciamento entre o eu-ele e o “dotô” do texto.

Esse distanciamento é outro possível efeito de sentido causado pelo emprego da forma verbal em primeira pessoa (sou) unida à escolha do pronome pessoal de terceira (ele) e do pronome demonstrativo (aquele) é um distanciamento, de fato, espacial (e social também) dos “atores” da cena enunciativa que se instaura. Por mais que o locutor evoque “o seu dotô”, apresentando-se para ele como um “eu”, ele sempre será o “aquele”, que está distante, por não conhecer a realidade do outro.

Observemos o exemplo (30):

**(34) Texana - Charles Bukowski**

Ela é do Texas e pesa  
 47 quilos  
 e para em frente ao  
 espelho penteando oceanos  
 de cabelos ruivos  
 que descem ao longo de todas  
 suas costas até a bunda.  
 O cabelo é mágico e lança  
 faíscas quando eu me deito na cama  
 e a vejo penteá-los.  
 Ela parece uma criatura  
 saída de um filme mas está  
 aqui de fato, fazemos amor  
 pelo menos uma vez por dia e

ela consegue me fazer rir  
sempre que deseja.

(...)

E vejo esses  
47 quilos  
penteando um metro  
de cabelo ruivo  
diante do espelho  
e a sinto dentro de meus olhos,  
e os dedos e as pernas e barriga  
a sentem, assim como  
aquela outra parte,  
e toda Los Angeles se desfaz  
e chora de contentamento,  
as paredes das alcovas tremem -  
o oceano invade tudo e ela se vira  
e me diz, "maldito cabelo!"  
e eu digo  
"sim".

No poema acima, destacamos a forma dêitica “aquela outra parte”. Acreditamos que a expressão dêitico-memorial pretende produzir um efeito de sentido além do que se costuma criar com os dêiticos de memória, que é o compartilhamento entre os referentes que estão na memória dos interlocutores. Ao utilizar o termo, Bukowski apela, sim, para a compreensão do leitor, mas, antes disso, cria um contexto no próprio texto para levar a tal referente.

A maneira implícita de dizer tem um efeito estilístico exatamente contrário. É na implicitude que os referentes acabam por se revelar de maneira mais erotizada. Ao que parece, é um não-dito que revela mais claramente o dito.

Acreditamos que a ativação da memória pode ser evocada por diversas formas de apontamento, independentemente da utilização das formas clássicas (pronomes demonstrativos). Verificamos isso a partir de alguns exemplos recorrentes em determinados gêneros, como explicitado nos exemplos a seguir:

(35)

quando eu vou na casa da minha amiga



(36)



Nos exemplos acima, percebemos que ocorre uma identificação por parte dos interlocutores a respeito de reações/sensações que são expressas nos textos. Alguns memes de gêneros dessa natureza traziam a forma recorrente “Aquele momento em que...” ou “Aquele momento quando”. Nesses casos, havia a expressão da forma clássica dos dêiticos de memória. Consideramos que a estrutura pode ter sofrido um apagamento do demonstrativo, porque persiste ainda o valor temporal expresso por “quando”, o que já seria suficiente para fazer com que os interlocutores que se identificam essa cena acessem na memória tudo o que ela evoca.

Outro gênero que costuma convocar o compartilhamento de referentes na memória são os contos eróticos. Em diversos casos, a forma “lá embaixo” apela para uma memória compartilhada, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(37) "Comecei a sentir algo diferente em meu corpo, um calor foi subindo, um nervoso, uma inquietação, contrações lá embaixo."

<https://blog.suaveluxuria.com.br/conto-erotico-na-reuniao-com-o-cliente/>

(38) "A calcinha estava molhada quando me tocou lá embaixo."

<https://superela.com/conto-erotico-seriamos-motorista-passageira>

Assim como o teor de implicitude presente em Bukowski, há forte presença do jogo explícito-implícito em contos eróticos. Acreditamos mais uma vez que há um apelo para a memória compartilhada entre os interlocutores que faz com que, para que haja a compreensão por parte do leitor, seja construído tal referente.

Assim, é na implicitude que os referentes acabam por se revelar de maneira mais erotizada. Isso poderia acabar por caracterizar o próprio gênero, mas essa hipótese exigiria uma pesquisa mais específica sobre a relação entre esse gênero e o tipo dêitico em questão.

### **(39) UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA**

Era uma vez uma professora maluquinha. Na nossa imaginação, ela entrava voando pela sala (como um anjo) e tinha estrelas no olhar. Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação). Seu riso era solto como um passarinho. Ela era uma professora inimaginável. Para os meninos, ela era uma artista de cinema. Para as meninas, a Fada Madrinha. [...] Quando ela entrou pela primeira vez na nossa sala e falou que ia ser nossa professora naquele ano, todas as meninas quiseram ser lindas e todos os meninos quiseram crescer na mesma hora para poder casar com ela. A primeira chamada que ela fez foi assim: mandou cada um de nós escrever o nome de outro aluno. O nome por inteiro. "Grande vantagem saber escrever seu próprio nome!" — ela brincou. Depois, embaralhou os nomes de todos nós e mandou que a gente arrumasse tudo direitinho na exata ordem do ABC. Ela conquistou tão depressa todos nós que, logo, logo, já havia meninas chorando no seu colo. Os meninos não entendiam nada. Havia segredos que pertenciam somente a elas, e eram tantos que a professora acabou inventando um código para trocar bilhetinhos secretos com as meninas. [...]

Quando as aulas começaram, no ano seguinte, não era ela que estava sentada na cadeira, atrás da mesa, sobre o estrado, diante do quadro negro. Era uma doce senhora de olhos severos e com a voz de quem comandava um pelotão. Meu Deus, quantos anos se passaram! Nós todos, seus alunos, somos hoje, muito, muito mais velhos do que aquela professorinha. Estamos todos, agora, com idade bastante para ser seus avós, se ela tivesse ficado, para sempre, do jeitinho que está fotografada em nossa memória, aprisionada no tempo.

Destacamos, no texto, os trechos “naquele ano” e “aquela professorinha”. Assim como demonstramos no exemplo (27), o caráter saudosista e temporal dos dêiticos memoriais andam juntos. Até podemos inferir que a expressão “naquele ano” remete tão somente a tempo, mas, quando percebemos todo o contexto, sentimos a melancolia em se narrar tais fatos. A escolha por determinados lexemas fortalece essa ideia, como é o exemplo de “professorinha” da expressão também destacada. Percebemos, por isso, que dizer que os dêiticos de memória possuem tão somente o efeito de evocar determinados referentes na memória dos interlocutores ainda é muito pouco diante dos efeitos que podem ser criados a partir desse recurso.

Seguimos a análise a partir do mesmo exemplo (31), no qual são destacados tipos também dêiticos fictivos e modais.

g) Os dêiticos fictivos atrelados à criação de novas cenas enunciativas

Do mesmo texto anterior da análise, destacamos o trecho “não era ela que estava sentada na cadeira, atrás da mesa, sobre o estrado, diante do quadro negro”. Isso porque acreditamos se tratar de um uso fictivo, que acontece não somente na imaginação de quem narra a história, mas também, na imaginação de todo leitor que se propõe a imaginar tal cena. Conforme já discutimos anteriormente, as formas espaciais (atrás, sobre, diante) aparecem na composição do caráter fictivo do exemplo, levando-nos a construir a cena espacialmente na memória. Isso comprova nossas discussões acerca da sobreposição dos tipos dêiticos, ou, nesse caso, da necessidade do uso de formas espaciais para a composição do caráter fictivo.

Observemos mais um exemplo, presente em Cavalcante (2015), para analisarmos a dêixis fictiva.

(40) Secretária de hospício

Obrigada por ter ligado para o Instituto de Saúde Mental. a companhia mais certa para seus momentos de maior loucura.

Se você é obsessivo compulsivo, aperte repetidamente o número 1.

Se você é codependente, peça a alguém que aperte o número 2 por você.

Se você tem múltiplas personalidades, aperte 3, 4, 5 e 6.

Se você é paranoico, nós sabemos quem você é, o que você faz e o que quer.

Espere na linha enquanto rastreamos sua chamada.

Se você sofre de alucinações, aperte o sete nesse telefone colorido gigante que você, e só você, vê à sua direita.

Se você é esquizofrênico, escute cuidadosamente e uma voz interior indicará o número a pressionar.

Se você é depressivo, não importa que número aperte, nada vai tirá-lo de sua lamentável situação.

Porém, se você votou no Lula, não tem jeito. desligue e espere até o final de 2010. Aqui atendemos loucos e não imbecis.

Obrigada!

(Disponível versão em: <http://www.escutaisso.com.br/humor/piada/call-center-do-manicomio>.)

O exemplo (40) é apresentado pela autora como um tipo de mostraçãõ dêitica *in absentia*. Tanto a mostraçãõ *am phantasma* de Bühler quanto a dêixis fictiva de Fonseca valem-se desse tipo de mostraçãõ.

Acreditamos que a parte grifada no exemplo sob análise caracteriza-se por um uso de dêixis fictiva, uma vez que há um indício de “criaçãõ” de determinado referente e a relaçãõ dele com o interlocutor a quem a secretária de dirige.

h) Os efeitos de sentido de explicitaçãõ e norteamento dos dêiticos modais

(26) Não olhe assim

Tire seus olhos dos meus  
 Eu não quero me apaixonar  
 Ficou em mim um adeus  
 Que deixou esse medo de amar  
 Eu já amei uma vez e senti  
 A força de uma paixãõ  
 A gente às vezes  
 Se entrega demais  
 Esquece de ouvir a razão  
 Não olhe assim, não  
 Você é linda demais  
 Tem tudo aquilo  
 Que um homem procura  
 Em uma mulher  
 Não olhe assim, não  
 Porque até sou capaz  
 De atender esse meu coraçãõ  
 Que só diz que te quer  
 [...]”

(Leandro e Leonardo. Não olhe assim. 1991.)

Retomamos o exemplo (26) para discutir acerca dos efeitos de sentido dos dêiticos modais. Na canção, o “assim” expressa o olhar da moça para quem o “eu” se dirige. Por se tratar de uma música sertaneja, podemos inferir sobre o modo como é esse olhar. Em termos genéricos, as músicas sertanejas da época costumavam colocar as mulheres como musas, de quem até o olhar conquista.

Também do exemplo (39), sublinhamos um “assim”. Na sentença em que ele está inserido ( ... ela fez foi assim: mandou cada um de nós escrever o nome de outro aluno.), percebemos o traço modal do termo, mas acreditamos que tal tipo dêitico se configura também como um dêitico textual, uma vez que há um apontamento catafórico que nos leva a instaurar uma *origo* no ponto em que o termo aparece, para entendermos o sentido que se quer expressar com seu uso.

As discussões presentes neste item de análise são apenas reflexões, fruto de observações de exemplos, sobre o funcionamento de construções dêiticas, sendo essas expressas ou não por formas dêiticas clássicas. Enfatizamos que há ainda muito a ser explorado, de maneira mais criteriosa e específica.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Porque eu sei que é **assim**: que os meus sonhos dependem de mim!” (ELALI, Marina. Eu vou seguir. 2007.)

Neste trabalho, por mais que o objetivo mais abrangente seja a revisão dos tipos de dêixis e um levantamento dos efeitos de sentido que os dêiticos podem trazer aos textos, acreditamos que seja possível verificar alguns questionamentos e algumas destabilizações acerca de outros conceitos e noções caras à Linguística Textual, como a noção de contexto, de situação comunicativa e de enunciação.

No que diz respeito ao contexto, extrapolamos a noção de contexto ligado à dêixis numa visão mais estrita, mais situacional, do entorno da situação comunicativa imediata, concebendo o contexto ligado à dêixis de forma mais ampla, em que estão atrelados aspectos sócio-históricos e papéis sociais desenvolvidos pelos interlocutores.

Do mesmo modo, os estudos da dêixis costumavam estar relacionados à pragmática e a interações face a face, o que acabava por limitar os estudos da dêixis à dualidade entre formas linguísticas e a relação delas com aspectos extralinguísticos da situação estrita e, por vezes, real de comunicação. Seguimos ao encontro da própria noção de texto e de referente quando expandimos a noção de comunicação. Isso porque a visão de texto que defendemos já abrange os aspectos contextuais, o que faz com que até o que poderia ser considerado como extralinguístico já seja, assim, parte do próprio texto. Além disso, ao expandirmos a noção de situação comunicativa para além das interações face a face, nos aproximamos da noção de referente enquanto objetos de discurso criados discursivamente, uma vez que não se busca mais tão somente “apontar” para os elementos presentes no mundo, presentes no entorno espaçotemporal imediato.

Quanto à noção de enunciação, buscamos aqui reconhecer que a enunciação se evidencia, sim, pela manifestação de formas, mas buscamos defender que ela não se restringe a isso. Nos interessa, para além das evidências cotextuais, o contexto de enunciação inteiro, isto é, tudo o que motiva a ação dos atores sociais e a responsabilidade que podem assumir, ou não, pelo que enunciam intersubjetivamente. Com essa noção de enunciação mais ampla, partimos do pressuposto de que, no ato enunciativo, sempre há, portanto, a simulação desses papéis que esses atores assumem.

Nesta pesquisa procuramos pensar sobre as diferentes categorias dêiticas e sobre os critérios que as definem. Acreditamos que sentidos de diversas ordens auxiliam na

diferenciação entre os tipos discutidos na literatura. Ora o critério tem teor semântico e aspectos voltados para a pragmática linguística, como é o caso dos dêiticos sociais. Ora o critério está relacionado ao campo dêitico criado, como é o caso dos dêiticos fictivos e modais, embora na dêixis textual o campo dêitico seja criado no texto.

Como hipótese fundamental a que chegamos em nossas investigações, destacamos que o critério fundamental para a existência da dêixis é a instauração da *origo*, independentemente do campo dêitico a ela relacionado. Buscamos chegar a regularidades de critérios definitórios, ligados à subjetividade e à ostensividade, por mais que esses critérios possuam graus diferentes para cada um dos oito tipos dêiticos elencados neste trabalho.

Nossa análise buscou cumprir dois objetivos, o de atentar para as manifestações dêiticas e o de verificar os efeitos de sentido que os dêiticos desempenham, versando sobre critérios vários como os da autorreferencialidade, do campo dêitico simulado, do caráter ostensivo da dêixis, das formas dêiticas convencionadas para cada tipo e dos efeitos de sentido que podem ser atribuídos a cada um dos tipos elencados.

Consideramos, nas análises dos efeitos de sentido, o contexto de produção, de recepção, de circulação do gênero envolvido e os papéis sociais dos participantes em dado entorno social, levando assim a análises interpretativas da coerência e da orientação argumentativa em cada texto que apresenta usos dêiticos.

Reiteramos os sentidos que os tipos dêiticos podem gerar nos textos, em particular alguns que não são muito salientados em outros trabalhos, como identificação e engajamento do interlocutor a partir de marcas pessoais, atenuação/preservação ou mostração de faces dos pares envolvidos na situação comunicativa, marcação de afetividade (positiva ou negativa) em relação aos referentes, apelo à memória compartilhada entre os interlocutores, orientação dos interlocutores nos textos, estratégia de influência sobre o outro, evidência de função catafórica, dentre várias outras.

Para isso, partimos de textos específicos, enquanto enunciados únicos a cada vez, para buscar regularidades, da ocorrência do tipo dêitico e de características de gêneros textuais analisados, por exemplo. Apresentamos, a seguir, algumas constatações a que chegamos.

Em nossas análises, chegamos às regularidades de que os dêiticos pessoais, por apresentarem maior grau de deiticidade, explicitam mais claramente o caráter subjetivo da dêixis, causando efeitos de identificação entre os interlocutores envolvidos.

Os dêiticos sociais expressam relações sociais entre os interlocutores, manifestando, assim, aspectos de polidez linguística e explicitação ou ocultamento de faces daqueles que participam da situação.

Os dêiticos espaciais são os que mais diretamente pressupõem a ostensão, podendo até mesmo marcar valores afetivos a partir das formas escolhidas pelos interlocutores.

Os dêiticos temporais podem, além de representar, o tempo a partir do momento da enunciação, apresentar um tempo metafórico, com teor de circularidade ou recorrência, o que acaba por funcionar como uma estratégia argumentativa em certos gêneros textuais.

Os dêiticos textuais funcionam como importantes elementos coesivos, uma vez que, por metaforizar o espaço e o tempo a partir de campos dêiticos criados no ambiente cotextual, orientam o leitor a partir da instauração de um ponto de origem.

Os dêiticos memoriais são tipos dêiticos que ativam referentes na memória e apelam para o compartilhamento de referentes implícitos para a compreensão dos textos. Os dêiticos memoriais apresentam aspectos espaciais e/ou temporais por se distanciarem do *aqui-agora* do locutor espacial ou temporalmente.

Algo parecido ocorre com os dêiticos fictivos, mas nesse caso, consideramos que há a instauração de uma nova *origo*, um outro *aqui-agora*, em uma situação diferente da que o locutor está. Nesse caso, há a criação de cenas criadas, lembradas ou projetadas através de um compartilhamento entre os interlocutores, normalmente um compartilhamento espacial a partir do qual são dadas orientações dessa ordem.

Por fim, acreditamos que os dêiticos modais exercem o papel de evidenciar sensações de várias ordens só apreensíveis na negociação. Esse tipo de dêixis pode ser responsável por nortear e expressar pontos de vista dos interlocutores.

Como o objetivo principal do nosso trabalho é o de fazer um apanhado geral sobre os tipos dêiticos (como se expressam, que sentidos geram nos textos, como influenciam na criação de contextos, etc), não pudemos nos deter e nos aprofundar em determinado tipo.

Sugerimos, portanto, para aprofundamento em trabalhos futuros: buscar extrapolar as expressões e os efeitos de sentido de cada um dos tipos dêiticos elencados neste trabalho, bem como sua análise em textos de outras ordens, como os multimodais.

Além disso, sugerimos que sejam aprofundadas discussões quanto aos diferentes usos e graus de distanciamento e aproximação da *origo*, o que poderia classificar a dêixis enquanto fundamental – tripé dêitico – com a possibilidade de o locutor se tornar sujeito

e indicar o espaço e o tempo relacionados a ele. Por outro lado, existiria dêixis derivada, construída de maneira sociocêntrica e/ou socialmente convencionada. Nessa, enquadraríamos os demais tipos dêiticos discutidos neste trabalho.

Além disso, como buscamos fazer um levantamento geral dos tipos dêiticos e seus efeitos de sentido, as discussões presentes nas análises são apenas reflexões, fruto de observações de exemplos, sobre o funcionamento de construções dêiticas, sendo essas expressas ou não por formas dêiticas clássicas. As discussões aqui presentes funcionam como grandes questionamentos que ainda necessitam de pesquisas aprofundadas para que sejam feitas reflexões mais precisas. Enfatizamos, desse modo, que há ainda muito a ser explorado no universo da dêixis e da referenciação.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Antenor Teixeira. **Centro vs Periferia: o esquema imagético da dêixis de lugar**. *Linguagem em Foco*. v.2. n.3. 2010.
- AMOSSY, R. **Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares**. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. In: EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 1, nov. 2011, p. 129-144.
- APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Construction de la référence et strategies de designation. In.: BERRENDONNER, A; REICHLER-BÉGUELIN, M-J (eds). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Neuchâtsh, Université de Neuchâtsh, p. 227-271. 1995.
- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M.; Rodrigues, B.; Ciulla, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo; Contexto – (Coleção Clássicos da Lingüística), p.53-84. 2003.
- ARESI, Fábio. **Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação**. *ReVEL*, v. 9, n. 16. 2011.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Viera. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Mari Ermantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: MartinsFontes. 1997.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. 2. ed. Tradução de Maria G. Novak; Maria L. Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes. 2v. Título original: Problèmes de linguistique générale. 1988.
- BÜHLER, Karl. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, p. 9-30. 1982.
- BÜHLER, Karl. **Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache**. Jena: Fischer. 1934.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto. 2010.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. Recife, 205p. Tese /Doutorado em Lingüística/ – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). 2000.
- \_\_\_\_\_. **Expressões referenciais – uma proposta classificatória**. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, (44):105-118, Jan./Jun. 2003.
- \_\_\_\_\_; KOCH, Ingedore Vilaça. **Referenciação e uso**. LEFFA, V.(Compilador), TELA. Trabalho apresentado no Congresso Internacional da ABRALIN. 2009.

\_\_\_\_\_, CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; Revista do GELNE, Piauí, v.12, n.2, **Revisitando o estatuto do texto**. 2010.

\_\_\_\_\_. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC. 2011.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 176 p. 2012.

\_\_\_\_\_, CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez Editora. 2014.

\_\_\_\_\_. **Referentiality**. In: (orgs.) JUNGBLUTH, K.; DA MILANO, F. *Manual of Deixis in Romance Languages*. Berlin/Boston: De Gruyter. 2015.

\_\_\_\_\_. Por uma análise argumentativa na Linguística Textual. 2018 (no prelo).

\_\_\_\_\_; MESQUITA, L. L. **Argumentação e Polifonia em anáforas encapsuladoras**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 55-63, jan./mar. 2011.

CAVALCANTE, M. M; BRITO, M. A. O. **O caráter naturalmente recategorizador das anáforas**. In: Estudos do discurso: caminhos e tendências. São Paulo: Editora Paulistana, 2016.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. Tradução de L. Garcia dos Santos; revisão do Prof. Valter Kehdi. São Paulo: Ática. Título original: L'énonciation. 1989.

CIULLA, A. **A referenciação anafórica e dêitica** – com atenção especial para os dêíticos discursivos. Dissertação, 90 p. Mestrado em Linguística. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2002.

\_\_\_\_\_. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. Tese. 201p. Doutorado em Linguística. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2008.

\_\_\_\_\_; MARTINS, Mayara Arruda. **Um estudo sobre classificações de tipo dêiticos**. Revista de Letras, v.2, n. 16. 2017.

FILLMORE, C. **Lectures on deixis**. Berkeley: University of California. 1971.

FONSECA, Fernanda Irene. **Deixis et anaphore temporelle en portugais**. Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas, II série, vol. 2. p. 277-292. 1985.

\_\_\_\_\_. **Dêixis, tempo e narração**. Porto: Fund. Eng. António de Almeida. 1989.

\_\_\_\_\_. **Deixis e pragmática linguística**. In: Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. Org. de Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A.M.Gouveia, Ed. Caminho, Lisboa. p.437-445. 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 1999.

HANKS, W. **A língua como prática social** – das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez. 2008.

JUNGBLUTH, Konstanze. **Os pronomes demonstrativos do português brasileiro na fala e na escrita**. Cadernos de Linguagem e Sociedade 7. p. 83-105. 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **L'enonciation de la subjectivité dans le langage**. Paris, Librairie Armand Colin. 1980.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KOELLING, S. B. **Os dêiticos e a enunciação**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL, ano 1, n. 1. 2003.

LAHUD, Michel. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática. 1979.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2001.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.

LYONS, John. **Semantics**. v.2. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

MAINGUENEAU, D. CHARAUDEAU, P.; **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

MELLO, V. H. D. de; FLORES, V. do N. **Enunciação, texto, gramática e ensino de língua materna**. Ciências e Letras, Porto Alegre, n. 45, p. 193-218, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.fapa.com.br/cienciaseletras>. Acesso em: 12 de mar de 2019.

MONDADA, Lorenza. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours**. Tese, Université de Lausanne, Lausanne. 1994.

\_\_\_\_\_; DUBOIS, Danièle. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação**. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. (Orgs.). **Referenciação**. Clássicos da lingüística. v. 1. São Paulo: Contexto. 2003.

\_\_\_\_\_. **Social Interaction**. In: (orgs.) JUNGBLUTH, K.; DA MILANO, F. **Manual of Deixis in Romance Languages**. Berlin/Boston: De Gruyter. 2015.

PINHEIRO, Joana D'arc Oliveira Cruz. **O jogo enunciativo dos dêiticos de memória em contos, crônicas e parábolas**. 181p. Tese de Doutorado. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará. 2016.

## ANEXOS<sup>5</sup>

### (11) O Caderno

Sou eu que vou seguir você  
 Do primeiro rabisco  
 Até o bê-a-bá  
 Em todos os desenhos  
 Coloridos vou estar  
 A casa, a montanha  
 Duas nuvens no céu  
 E um Sol a sorrir no papel  
 Sou eu que vou ser seu colega  
 Seus problemas ajudar a resolver  
 Te acompanhar nas provas  
 Bimestrais, você vai ver  
 Serei, de você, confidente fiel  
 Se seu pranto molhar meu papel  
 Sou eu que vou ser seu amigo  
 Vou lhe dar abrigo  
 Se você quiser  
 Quando surgirem  
 Seus primeiros raios de mulher  
 A vida se abrirá  
 Num feroz carrossel  
 E você vai rasgar meu papel  
 O que está escrito em mim  
 Comigo ficará guardado  
 Se lhe dá prazer  
 A vida segue sempre em frente  
 O que se há de fazer  
 Só peço à você  
 Um favor, se puder  
 Não me esqueça  
 Num canto qualquer  
 (Toquinho. O caderno. 1999. Disponível em:  
<https://www.lettras.mus.br/toquinho/87320/>)

### (12) Aquarela

Numa folha qualquer  
 Eu desenho um sol amarelo  
 E com cinco ou seis retas  
 É fácil fazer um castelo  
 Corro o lápis em torno da mão  
 E me dou uma luva

---

<sup>5</sup> Alguns dos textos coletados e selecionados com ajuda dos alunos das disciplinas Texto e Discurso e Linguística de Texto dos semestres 2017.2 e 2018.1, a quem devemos nossa total gratidão.



E se faço chover, com dois riscos  
Tenho um guarda-chuva  
Se um pinguinho de tinta  
Cai num pedacinho azul do papel  
Num instante imagino  
Uma linda gaivota a voar no céu  
Vai voando, contornando  
A imensa curva norte-sul  
Vou com ela viajando  
Havaí, Pequim ou Istambul  
Pinto um barco a vela  
Branco navegando  
É tanto céu e mar  
Num beijo azul  
Entre as nuvens vem surgindo  
Um lindo avião rosa e grená  
Tudo em volta colorindo  
Com suas luzes a piscar  
Basta imaginar e ele está partindo  
Serenos e lindos  
E se a gente quiser  
Ele vai pousar  
Numa folha qualquer  
Eu desenho um navio de partida  
Com alguns bons amigos  
Bebendo de bem com a vida  
De uma América a outra  
Consigo passar num segundo  
Giro um simples compasso  
E num círculo eu faço o mundo  
Um menino caminha  
E caminhando chega no muro  
E ali logo em frente a esperar  
Pela gente o futuro está  
E o futuro é uma astronave  
Que tentamos pilotar  
Não tem tempo nem piedade  
Nem tem hora de chegar  
Sem pedir licença  
Muda nossa vida  
E Depois convida  
A rir ou chorar  
Nessa estrada não nos cabe  
Conhecer ou ver o que virá  
O fim dela ninguém sabe  
Bem ao certo onde vai dar  
Vamos todos  
Numa linda passarela  
De uma aquarela que um dia enfim  
Descolorirá

Numa folha qualquer  
Eu desenho um sol amarelo  
Que descolorirá  
E com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo  
Que descolorirá  
Giro um simples compasso  
E num círculo eu faço o mundo  
Que descolorirá

(Toquinho. Aquarela. 1983. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/toquinho/49095/>)

### **(13) Velha Infância**

Você é assim  
Um sonho pra mim  
E quando eu não te vejo  
Eu penso em você  
Desde o amanhecer  
Até quando eu me deito  
Eu gosto de você  
E gosto de ficar com você  
Meu riso é tão feliz contigo  
O meu melhor amigo  
É o meu amor  
E a gente canta  
E a gente dança  
E a gente não se cansa  
De ser criança  
A gente brinca  
Na nossa velha infância  
Seus olhos, meu clarão  
Me guiam dentro da escuridão  
Seus pés me abrem o caminho  
Eu sigo e nunca me sinto só  
Você é assim  
Um sonho pra mim  
Quero te encher de beijos  
Eu penso em você  
Desde o amanhecer  
Até quando eu me deito  
Eu gosto de você  
E gosto de ficar com você  
Meu riso é tão feliz contigo  
O meu melhor amigo  
É o meu amor  
E a gente canta  
A gente dança  
A gente não se cansa  
De ser criança

A gente brinca  
 Na nossa velha infância  
 Seus olhos, meu clarão  
 Me guiam dentro da escuridão  
 Seus pés me abrem o caminho  
 Eu sigo e nunca me sinto só  
 Você é assim  
 Um sonho pra mim  
 Você é assim  
 Você é assim  
 Um sonho pra mim  
 Você é assim  
 (Você é assim  
 Um sonho pra mim  
 E quando eu não te vejo  
 Penso em você  
 Desde o amanhecer  
 Até quando eu me deito)  
 (Eu gosto de você  
 E gosto de ficar com você  
 Meu riso é tão feliz contigo  
 O meu melhor amigo  
 É o meu amor)

(Tribalistas. Velha infância. 2002. Disponível em:  
<http://www.lettras.mus.br/tribalistas/64148/>)

### **(16) CAPÍTULO C - TU SERÁS FELIZ, BENTINHO**

No quarto, desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel de dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava calado e zeloso. Uma fada invisível desceu ali, e me disse em voz igualmente macia e cálida: "Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz." --E por que não seria feliz? perguntou José Dias, endireitando o tronco e fitando-me. --Você ouviu? perguntei eu erguendo-me também. espanta --Ouviu o quê? --Ouviu uma voz que dizia que eu serei feliz? --É boa! Você mesmo é que está dizendo... Ainda agora sou capaz de jurar que a voz era da fada; naturalmente as fadas, expulsas dos contos e dos versos, meteram-se no coração da gente e falam de dentro para fora. Esta, por exemplo, muita vez a ouvi clara e distinta. Há de ser prima das feiticeiras da Escócia: "Tu serás rei, Macbeth!" -- "Tu serás feliz, Bentinho!" Ao cabo, é a mesma predição, pela mesma toada universal e eterna. Quando voltei do meu espanto, ouvi o resto do discurso de José Dias: -- Há de ser feliz, como merece, assim como mereceu esse diploma que ali está, que não é favor de ninguém. A distinção que tirou em todas as matérias é prova disso; já lhe contei que ouvi da boca dos lentes, em particular, os maiores elogios. Demais, a felicidade não é só a glória, é também outra cousa... Ah! você não confiou tudo ao velho José Dias! O pobre José Dias está aí para um canto, é caju chupado, não vale nada; agora são os novos, os Escobares... Não lhe nego que é moço muito distinto, e trabalhador, e marido de truz; mas, enfim, velho também sabe amar... --Mas que é? --Que há de ser? Quem é que não sabe tudo?... Aquela intimidade de vizinhos tinha de acabar nisto, que é verdadeiramente uma bênção do céu, porque ela é um anjo, é um anjíssimo... Perdoe a cincada, Bentinho, foi um modo de acentuar a perfeição daquela moça. Cuidei o contrário, outrora; confundi os modos de

criança com expressões de caráter, e não vi que essa menina travessa e já de olhos pensativos era a flor caprichosa de um fruto sadio e doce... Por que é que não me contou também o que outros sabem, e cá em casa está mais que adivinhado e aprovado? --Mamãe aprova deveras? --Pois então? Temos falado sobre isso, e ela fez-me o favor de pedir a minha opinião. Pergunte-lhe o que é que eu lhe disse em termos claros e positivos; pergunte-lhe. Disse-lhe que não podia desejar melhor nora para si, boa, discreta, prendada, amiga da gente... e uma dona de casa, que não lhe digo nada. Depois da morte da mãe, tomou conta de tudo. Pádua, agora que se aposentou, não faz mais que receber o ordenado e entregá-lo à filha. A filha é que distribui o dinheiro, paga as contas, faz o rol das despesas, cuida de tudo, mantimento, roupa, luz; você já a viu o ano passado. E quanto à formosura você sabe melhor que ninguém... --Mas, deveras, mamãe consultou o senhor sobre o nosso casamento? --Positivamente, não; fez-me o favor de perguntar se Capitu não daria uma boa esposa; eu é que, na resposta, falei em nora. D. Glória não negou e até deu um ar de riso. --Mamãe sempre que me escrevia, falava de Capitu. --Você sabe que elas se dão muito, e por isso é que sua prima anda cada vez mais amuada. Talvez agora case mais depressa. --Prima Justina? --Não sabe? São contos, naturalmente; mas enfim, o Doutor João da Costa enviuvou há poucos meses, e dizem (não sei, o protonotário é que me contou) dizem que os dous andam meio inclinados a acabar com a viuvez, entre si, casando-se. Há de ver que não ha nada, mas não é fora de propósito, contanto ela sempre achasse que o doutor era um feixe de ossos... Só se ela é um cemitério, comentou rindo; e logo sério: Digo isto por gracejo... Não ouvi o resto. Ouvia só a voz da minha fada interior, que me repetia mas já então sem palavras: "Tu serás feliz, Bentinho!" E a voz de Capitu me disse a mesma cousa, com termos diversos, e assim também a de Escobar, os quais ambos me confirmaram a notícia de José Dias pela sua própria impressão. Enfim, minha mãe, algumas semanas depois, quando lhe fui pedir licença para casar, além do consentimento, deu-me igual profecia, salva a redação própria de mãe: "Tu serás feliz, meu filho!"

(Machado de Assis. Dom Casmurro.)

### **(17) Seu dotô me conhece?**

(Patativa do Assaré)

Seu dotô, só me parece  
Que o sinhô não me conhece  
Nunca sôbe quem sou eu  
Nunca viu minha paioça,  
Minha muié, minha roça,  
E os fio que Deus me deu.

Se não sabe, escute agora,  
Que eu vô contá minha história,  
Tenha a bondade de ouvi:  
Eu sou da crasse matuta,  
Da crasse que não desfruta  
Das riqueza do Brasil.

Sou aquele que conhece  
As privação que padece  
O mais pobre camponês;

Tenho passado na vida  
De cinco mês em seguida  
Sem comê carne uma vez.

Sou o que durante a semana,  
Cumprindo a sina tirana,  
Na grande labutação  
Pra sustentá a famia  
Só tem direito a dois dia  
O resto é pra o patrão.

Sou o que no tempo da guerra  
Contra o gosto se desterra  
Pra nunca mais vortá  
E vai morrê no estrangêro  
Como pobre brasilêro  
Longe do torrão natá.

Sou o sertanejo que cansa  
De votá, com esperança  
Do Brasil ficá mió;  
Mas o Brasil continua  
Na cantiga da perua  
Que é: pió, pió, pió...

Sou o mendigo sem sossego  
Que por não achá emprego  
Se vê forçado a seguí  
Sem direção e sem norte,  
Envergonhado da sorte,  
De porta em porta a pedí.

Sou aquele desgraçado,  
Que nos ano atravessado  
Vai batê no Maranhão,  
Sujeito a todo o matrato,  
Bicho de pé, carrapato,  
E os ataques de sezão.

Senhô dotô , não se enfade  
Vá guardando essa verdade  
Na memória, pode crê  
Que sou aquele operário  
Que ganha um nobre salário  
Que não dá nem pra comê

Sou ele todo, em carne e osso,  
Muitas vez, não tenho armoço  
Nem também o que jantá;  
Eu sou aquele rocêro,

Sem camisa e sem dinheiro,  
Cantado por Juvená.

Sim, por Juvená Galeno,  
O poeta, aquele geno,  
O maió dos trovadô,  
Aquele coração nobre  
Que a minha vida de pobre  
Muito sentido cantou.

Há mais de cem ano eu vivo  
Nesta vida de cativo  
E a potreção não chegou;  
Sofro munto e corro estreito,  
Inda tou do mermo jeito  
Que Juvená me deixou.

Sofrendo a mesma sentença  
Tou quase perdendo a crença,  
E pra ninguém se enganá  
Vou deixá o meu nome aqui:  
Eu sou fio do Brasil,  
E o meu nome é Ceará.

(18)



Disponível em: <http://araripinaemfoco.net/2014/01/15/charge-do-dia-15/>. Acesso em: 16/04/2017.

(19) **Semana Que Vem**

Amanhã eu vou revelar  
Depois eu penso em aprender  
Daqui a uns dias eu vou dizer  
O que me faz querer gritar  
Aaaaaaaaah!  
No mês que vem tudo vai melhorar

Só mais alguns anos e o mundo vai mudar  
Ainda temos tempo até tudo explodir  
Quem sabe quanto vai durar  
Aaaaaaaaaah!  
Não deixe nada pra depois  
Não deixe o tempo passar  
Não deixe nada pra semana que vem  
Porque semana que vem pode nem chegar  
Pra depois, o tempo passar  
Não deixe nada pra semana que vem  
Porque semana que vem pode nem chegar  
A partir de amanhã eu vou discutir  
Da próxima vez eu vou questionar  
Na segunda eu começo a agir  
Só mais duas horas pra eu decidir  
Não deixe nada pra depois  
Não deixe o tempo passar  
Não deixe nada pra semana que vem  
Porque semana que vem pode nem chegar  
Pra depois, o tempo passar  
Não deixe nada pra semana que vem  
Porque semana que vem pode nem chegar  
Ah! Ah! Ah! Ah!  
Esse pode ser o último dia de nossas vidas  
Última chance de fazer tudo ter valido a pena  
Ah! Ah! Ah!  
Diga sempre tudo o que precisa dizer  
Arrisque mais pra não se arrepender  
Nós não temos todo tempo do mundo  
E esse mundo já faz muito tempo  
O futuro é o presente  
E o presente já passou  
O futuro é o presente  
O presente já passou  
Não deixe nada pra depois  
Não deixe o tempo passar  
Não deixe nada pra semana que vem  
Porque semana que vem pode nem chegar  
Pra depois, o tempo passar  
Não deixe nada pra semana que vem  
Porque semana que vem pode nem chegar  
Pra depois, o tempo passar  
Nada pra semana que vem  
Porque semana que vem  
Pode nem chegar  
Pra depois, o tempo passar  
Nada pra semana que vem  
Porque semana que vem  
Pode nem chegar.

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/pitty/69127/>. Acesso em: 04/04/2017.

**(20)**

“Ai, esqueci os chinelos, não faz mal, vou assim mesmo de pés descalços para o quarto, me sento na cama e quando sento, ainda sinto, esperem, uma observação, esquisito esse negócio de quando sento ainda sinto, bem, fica assim mesmo, enfim, sinto o calor do meu corpo na cama. Não vou deixar a cama vazia por muito tempo, ela, quero dizer a Kaysa, não vai querer dançar a noite inteira ou vai? A minha cueca. A minha cueca é deliciosa sabem por quê? Eu mando fazer as minhas cuecas com esse tecido que chamam de pele-de-ovo, não sei se vocês conhecem, não é todo mundo que pode ter cuecas de pele-de-ovo, eu tenho porque nessas partes onde as cuecas tocam eu sou muito sensível, e eu falo nessas partes e não falo o pênis, e tal, porque acho que sem falar vocês vão entender, afinal todo mundo tem essas partes, ou não? Bem, não é por pudores estilísticos que não falo o... sim, talvez seja por um certo pudor, porque agora nas reticências eu deveria ter escrito cu e não escrevi, quem sabe deveria ter escrito ânus, mas ânus dá sempre a ideia de que a gente tem alguma coisa nele, não sei explicar muito bem, mas é sempre o médico que pergunta: o senhor tem fístulas no ânus?”

(HILST, Hilda. 2018, p. 58)

**(21) Naquela Mesa**

Naquela mesa ele sentava sempre  
 E me dizia sempre o que é viver melhor  
 Naquela mesa ele contava histórias  
 Que hoje na memória eu guardo e sei de cor  
 Naquela mesa ele juntava gente  
 E contava contente o que fez de manhã  
 E nos seus olhos era tanto brilho  
 Que mais que seu filho  
 Eu fiquei seu fã  
 Eu não sabia que doía tanto  
 Uma mesa num canto, uma casa e um jardim  
 Se eu soubesse o quanto dói a vida  
 Essa dor tão doída não doía assim  
 Agora resta uma mesa na sala  
 E hoje ninguém mais fala do seu bandolim  
 Naquela mesa tá faltando ele  
 E a saudade dele tá doendo em mim  
 Naquela mesa tá faltando ele  
 E a saudade dele tá doendo em mim.

Nelson Gonçalves. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nelson-goncalves/47663/>.

Acesso em: 24/02/2018.

**(22)** “Acalma-te, Ruiska, vai lentamente até a janela do escritório, olha-te olhando a vidraça, o teu corpo está de pé, olhando a vidraça, aproxima-te, agora entra.”

(HILST, Hilda. 2018. p. 23)

**(23)** “Olhe aqui, Ruiska – Ruiska sou eu, eu me chamo Ruiska para esses que se fazem agora, para os que se fizeram, para a multidão que ser fará, e para não perder tempo devo dizer que minha mulher se chama Ruisis e meu filho se chama Rukah. Não me percam de vista, por favor. Olhe aqui, Ruiska, você não veio ao mundo para escrever cavalladas, você está se esquecendo do incognoscível. O incognoscível? É, velho Ruiska, não se faça



de besta. Levanto-me e encaro-o. Digo: olhe aqui, o incognoscível é incogitável, o incognoscível é incomensurável, o incognoscível é inconsumível, inconfessável. Ele me cospe no olho, depois diz: ninguém está te mandando escrever sobre o incognoscível, estou dizendo não se esqueça do incognoscível. Ah, está bem. Finjo que entendo. Ou entendo realmente que não devo esquecer do incognoscível? Encosto a cabeça no chão. Não porque tenha vontade, não, ele é que me obriga a encostar a cabeça no chão. Irriga tua cabeça velho Ruiska, suga a vitalidade da terra, torna-te terra, estende-te no chão agora, abre os braços, abre os dedos, faz com que tudo se movimente dentro de ti, torce as tuas vísceras, expele o teu excremento. Quem é você, Ruiska? Hein?”  
(HILST, 2003, p.23-24)

(24) “Ora, meu caro, as minhas pratas, eu tenho um bule de chá, de prata, deste tamanho.”  
(HILST, Hilda. 2018. P. 62)

(25) “Mal foi aceso o gás, o mestre de violão empunhou o instrumento, apertou as cravelhas, correu a escala, abaixando-se sobre ele como se o quisesse beijar. Tirou alguns acordes, para experimentar; e dirigiu-se ao discípulo, que já tinha o seu em posição:

– Vamos ver. Tire a escala, major.

Quaresma preparou os dedos, afinou a viola, mas não havia na sua execução nem a firmeza, nem o dengue com que o mestre fazia a mesma operação.

– Olhe, major, é assim.

E mostrava a posição do instrumento, indo do colo ao braço esquerdo estendido, seguro levemente pelo direito; e em seguida acrescentou:

– Major, o violão é o instrumento da paixão. Precisa de peito para falar... É preciso encostá-lo, mas encostá-lo com macieza e amor, como se fosse a amada, a noiva, para que diga o que sentimos...

Diante do violão, Ricardo ficava loquaz, cheio de sentenças, todo ele fremindo de paixão pelo instrumento desprezado.”

(BARRETO, Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. 1983. página 26)

### (26) Não olhe assim

Tire seus olhos dos meus  
Eu não quero me apaixonar  
Ficou em mim um adeus  
Que deixou esse medo de amar  
Eu já amei uma vez e senti  
A força de uma paixão  
A gente às vezes  
Se entrega demais  
Esquece de ouvir a razão  
Não olhe assim, não  
Você é linda demais  
Tem tudo aquilo  
Que um homem procura  
Em uma mulher  
Não olhe assim, não  
Porque até sou capaz  
De atender esse meu coração  
Que só diz que te quer

Eu já amei uma vez e senti  
 A força de uma paixão  
 A gente às vezes  
 Se entrega demais  
 Esquece de ouvir a razão  
 Não olhe assim, não  
 Você é linda demais  
 Tem tudo aquilo  
 Que um homem procura  
 Em uma mulher  
 Não olhe assim, não  
 Porque até sou capaz  
 De atender esse meu coração  
 Que só diz que te quer.

Leandro e Leonardo. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/leandro-e-leonardo/46893/> Acesso em: 04/04/2017.

### **(28) Divorciada quer deixar os filhos na avó para ir sair à noite com um amigo**

O telefone toca e do outro lado ouve-se:

- Estou? Mãe? Posso ir aí deixar os meninos hoje á noite?
- Mas porquê? Vais sair é?
- Sim mãe... vou sair com um amigo.
- Não consigo entender porque te separaste do teu marido, ele era um homem tão bom...
- Mãe! Não fui eu que me separei dele! Foi ele que me deixou lembraste?
- Pois...estou mesmo a ver, agora não tens marido qualquer um serve para ires dar “umas voltas”...
- Mãe, eu não saio com um homem qualquer, posso passar aí para deixar os meninos?
- Eu nunca te deixei com a minha mãe, ainda menos para ir sair com um homem qualquer...sem ser com o teu pai!
- Eu sei mãe, há muita coisa que a mãe fazia também e que eu não faço?
- O que é que queres insinuar com isso?
- Nada...nada mãe, só quero saber se posso deixar aí os teus netos para ir sair.
- Vais sair à noite com outro homem, e se o teu marido descobre?
- Ele é meu EX-MARIDO! EX-MARIDO! Não me parece que ele se importe com isso...desde que nos separámos eu duvido que ele tenha dormido uma só noite sem ser acompanhado!
- Então estás a dizer-me que vais mesmo dormir com o vagabundo?
- Tu nem o conheces mãe! Ele não é nenhum vagabundo!
- Desculpa lá, mas um homem que sai com uma mulher casada e com filhos tem de ser um vagabundo, ou então um oportunista!
- Mãe, já te disse que sou divorciada, além disso não quero discutir. Posso deixar aí as crianças ou não?
- Coitadas dessas crianças com uma mãe assim...
- Uma mãe assim como?
- És uma irresponsável! Foi por isso que o teu marido te largou!
- Já chega mãe!!!
- E gritas com a tua própria mãe! Com o vagabundo não gritas tu de certeza!
- Então agora estás preocupada com o vagabundo?

- Eu não disse que ele era um vagabundo? Eu cheiro-os à distância!
- Adeus mãe.
- Espera, não desligues já! A que horas é que vens cá trazê-los?
- Já não vou sair, perdi a vontade! Já não vou levar aí os meninos, fica descansada.
- Não vais sair? Vais ficar aí em casa à espera que o príncipe encantado te apareça à porta montado num cavalo branco? Com a tua idade...e ainda por cima com filhos...achas que vai ser fácil achar um homem que esteja disposto a juntar-se contigo? Daqui a dois anos começas a ficar velha e depois então é que ninguém te pega...não digas que não te avisei! É um absurdo uma mulher da tua idade, e ter de ser eu a empurrar-te para ires sair!

Disponível em: <http://www.doidices.net/anedota-divorciada-quer-deixar-os-filhos-na-avo-para-ir-sair-a-noite-com-um-amigo/>. Acesso em: 21/05/2017.

### **(29) Fêmea-Fênix**

Para Léa Garcia

Navego-me eu-mulher e não temo,  
sei da falsa maciez das águas  
e quando o receio  
me busca, não temo o medo,  
sei que posso me deslizar  
nas pedras e me sair ilesa,  
com o corpo marcado pelo olor  
da lama.

Abraso-me eu-mulher e não temo,  
sei do inebriante calor da queima  
e quando o temor  
me visita, não temo o receio,  
sei que posso me lançar ao fogo  
e da fogueira me sair inunda,  
com o corpo ameigado pelo odor  
da chama.

Deserto-me eu-mulher e não temo,  
sei do cativante vazio da miragem,  
e quando o pavor  
em mim aloja, não temo o medo,  
sei que posso me fundir ao só,  
e em solo ressurgir inteira  
com o corpo banhado pelo suor  
da faina.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,  
na vital carícia de meu cio,  
na cálida coragem de meu corpo,  
no infindo laço da vida,  
que jaz em mim

e renasce flor fecunda.  
 Vivifico-me eu-mulher.  
 Fêmea. Fênix. Eu fecundo.  
 Conceição Evaristo, no livro “Poemas da recordação e outros movimentos”. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

### (30) Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,  
 desses que tocam trombeta, anunciou:  
 vai carregar bandeira.  
 Cargo muito pesado pra mulher,  
 esta espécie ainda envergonhada.  
 Aceito os subterfúgios que me cabem,  
 sem precisar mentir.  
 Não sou tão feia que não possa casar,  
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
 Inauguro linhagens, fundo reinos  
 -- dor não é amargura.  
 Minha tristeza não tem pedigree,  
 já a minha vontade de alegria,  
 sua raiz vai ao meu mil avô.  
 Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
 Mulher é desdobrável. Eu sou.  
 Adélia Prado

### (34) Texana

ela é do Texas e pesa  
 47 quilos  
 e para em frente ao  
 espelho penteando oceanos  
 de cabelos ruivos  
 que descem ao longo de todas  
 suas costas até a bunda.  
 o cabelo é mágico e lança  
 faíscas quando eu me deito na cama  
 e a vejo penteá-los  
 ela parece uma criatura  
 saída de um filme mas está  
 aqui de fato, fazemos amor  
 pelo menos uma vez por dia e  
 ela consegue me fazer rir  
 sempre que deseja.  
 as mulheres do Texas são sempre  
 saudáveis, e além disso ela  
 limpa meu refrigerador, minha pia

o banheiro, e faz comida e  
me serve alimentos saudáveis  
e lava pratos também.

"Hank", ela me disse,  
segurando uma lata de suco de  
uva, "este é o melhor de todos".  
dizia na lata: suco natural de uva  
ROSA do Texas.

ela se parece com a Katherine Hepburn  
na época  
do ensino médio, e vejo esses  
47 quilos  
penteando um metro  
de cabelo ruivo  
diante do espelho  
e a sinto dentro de meus olhos,  
e os dedos e as pernas e barriga  
a sentem, assim como  
aquela outra parte,  
e toda Los Angeles se desfaz  
e chora de contentamento,  
as paredes das alcovas tremem -  
o oceano invade tudo e ela se vira  
e me diz, "maldito cabelo!"  
e eu digo  
"sim".

Charles Bukowski

### **(39) UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA**

Era uma vez uma professora maluquinha. Na nossa imaginação, ela entrava voando pela sala (como um anjo) e tinha estrelas no olhar. Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação). Seu riso era solto como um passarinho. Ela era uma professora inimaginável. Para os meninos, ela era uma artista de cinema. Para as meninas, a Fada Madrinha. [...] Como todos sabem, os três mosqueteiros eram quatro. Só que nós — a turminha que vai contar a história — éramos cinco: Athos, Porthos, Aramis, D'Artagnan e Ana Maria Barcellos Pereira, a chefe. [...] Nós tínhamos acabado de descobrir o segredo das letras e das sílabas; já sabíamos escrever nossos nomes, ler todos os letreiros das lojas, os cartazes do cinema, as manchetes dos jornais e os títulos dos anúncios nas revistas, quando ela chegou em nossas vidas. Quando ela entrou pela primeira vez na nossa sala e falou que ia ser nossa professora naquele ano, todas as meninas quiseram ser lindas e todos os meninos quiseram crescer na mesma hora para poder casar com ela. A primeira chamada que ela fez foi assim: mandou cada um de nós escrever o nome de outro aluno. O nome por inteiro. “Grande vantagem saber escrever seu próprio nome!” — ela brincou. Depois, embaralhou os nomes de todos nós e mandou que a gente arrumasse tudo direitinho na exata ordem do ABC. Ela conquistou tão depressa todos nós que, logo, logo, já havia meninas chorando no seu colo. Os meninos

não entendiam nada. Havia segredos que pertenciam somente a elas, e eram tantos que a professora acabou inventando um código para trocar bilhetinhos secretos com as meninas. [...] Com ela não tinha castigo. Tinha julgamento. Se um lá fizesse alguma coisa que parecesse errada, ela convocava o júri. Um aluno para a acusação, outro para a defesa. O resto da turminha era o corpo de 1 5 10 15 20 .2. jurados... A gente adorava julgamentos. No final do ano, quando já líamos tudo, ela achou melhor que as defesas e as acusações fossem feitas por escrito. É que o júri era muito barulhento. [...] Quando as aulas começaram, no ano seguinte, não era ela que estava sentada na cadeira, atrás da mesa, sobre o estrado, diante do quadro negro. Era uma doce senhora de olhos severos e com a voz de quem comandava um pelotão. Logo no primeiro dia de aula, a turma ficou toda de castigo. A professora havia apanhado um menino lendo um livro de histórias em plena aula e resolveu olhar embaixo da carteira de cada um. [...] Tivemos todos que ficar depois da aula e escrever cem vezes, cada um, a frase: “Prometo prestar atenção nas lições e não ficar me distraíndo na hora da aula”. [...] Meu Deus, quantos anos se passaram! Nós todos, seus alunos, somos hoje, muito, muito mais velhos do que aquela professorinha. Estamos todos, agora, com idade bastante para ser seus avós, se ela tivesse ficado, para sempre, do jeitinho que está fotografada em nossa memória, aprisionada no tempo. Aqui estamos nós de volta, quase todos. Alguns foram nos deixando pelo caminho, até mesmo na infância, pois sobreviver não era muito fácil no meio da pobreza da nossa pequena cidade. Os outros — cujos pais tinham emprego e salário — chegaram até esse dia, com jeito e cara de vitoriosos, e estão aqui, digamos, dentro deste livro — os Mosqueteiros do Rei à frente —, prontos para matar todas as saudades...

Ziraldo. Uma professora muito maluquinha. São Paulo, Melhoramentos, 1995.